



Vladimir
NABOKOV

Gargalhada na Escuridão

GARGALHADA NA ESCURIDÃO

Vladimir Nabokov

Tradução: Brenno Silveira

Título Original: LAUGHTER IN THE DARK

Boa Leitura Editora SA

UM

Era uma vez um homem chamado Albinus, que vivia em Berlim, Alemanha. Era rico, respeitável, feliz. Um dia abandonou a esposa por uma amante jovem. Amava; não era amado — e sua vida terminou em desastre.

Eis aí toda a história, e bem poderíamos abandoná-la neste ponto, se não houvesse vantagem e prazer em contá-la. Embora haja espaço mais do que suficiente numa pedra tumular para conter, encadernada em musgo, a versão resumida da vida de um homem, os pormenores são sempre bem recebidos.

E aconteceu que, certa noite, Albinus teve uma bela idéia. Na verdade, tal idéia não era bem sua, pois que lhe fora sugerida por uma frase de Conrad (não o famoso polaco, mas Udo Conrad, autor das *Memórias de Um Homem Esquecido* e daquela outra história acerca do velho mágico que desapareceu, desmaterializado, em sua última exibição). De qualquer modo, ele a tornou sua, ao gostar dela, ao divertir-se com ela, ao permitir que ela se desenvolvesse sobre sua pessoa, e isso basta para tomar legal uma propriedade na cidade livre do espírito. Como crítico de arte e conhecedor de pintura, divertira-se, muitas vezes, fazendo com que este ou aquele Velho Mestre assinasse paisagens e rostos com que ele, Albinus, deparava na vida real. Convertia, assim, sua existência numa bela galeria de quadros — falsificações deliciosas, todas elas. Certa noite, em que estava dando umas férias ao seu espírito erudito e escrevendo um pequeno ensaio (nada de muito brilhante, pois que ele não era um homem particularmente bem dotado) sobre a arte do cinema, ocorreu-lhe aquela bela idéia.

Dizia respeito aos desenhos animados coloridos — que, naquela época, tinham acabado de aparecer. Quão fascinante não seria, pensou, se se pudesse empregar esse método e fazer-se com que certos quadros famosos, de preferência da Escola Flamenga, fossem perfeitamente reproduzidos na tela em cores vívidas, dando-se-lhes, depois, vida: movimentos e gestos graficamente desenvolvidos em completa harmonia com seu estado estático no quadro — uma taverna, digamos, com criaturas modestas a beber avidamente em mesas de madeira, e uma visão ensolarada de um pátio com cavalos selados, tudo a adquirir, subitamente, vida. O homenzinho de vermelho a depor sua caneca sobre a mesa, aquela moça com a bandeja a desvencilhar-se dos convivas, e uma galinha começando a bicar no limiar da porta. Podia-se continuar fazendo com que as pequenas figuras saíssem da taverna e passassem para a paisagem do mesmo pintor, onde se vissem, talvez, um céu acastanhado e um canal congelado, bem como pessoas em patins esquisitos como os que então se usavam, a deslizar pelas curvas antiquadas sugeridas pelo quadro; ou um caminho molhado envolto em neblina, com um par de cavaleiros, voltando-se, finalmente, à mesma taverna e trazendo-se, pouco a pouco, as figuras e a luz para a mesma ordem em que estavam.. Colocando-as em seus lugares, por assim dizer, e terminando tudo com o primeiro quadro. Podia-se, ainda, fazer uma tentativa com os pintores italianos: o cone azul de um monte à distância, um caminho branco e íngreme, pequenos peregrinos a galgar a estrada sinuosa. E talvez até mesmo temas religiosos, mas somente aquele em que aparecessem figuras pequenas. O desenhista teria de possuir não apenas conhecimento cabal do pintor em apreço e de sua época, mas ser dotado ainda de talento suficiente para evitar qualquer choque entre os movimentos produzidos e aqueles fixados pelo velho mestre: teria de tirar do quadro esses movimentos... Oh, isso poderia ser feito! E as cores!... Seriam, seguramente, muito mais requintadas do que as dos desenhos animados. Que história não se poderia contar! A história da visão de um artista, a feliz jornada dos olhos e do pincel, e um mundo em que o estilo do pintor se difundia nas tintas que ele próprio havia encontrado!

Decorrido algum tempo, Albinus falou a respeito com um produtor cinematográfico, mas este não se mostrou nada entusiasmado: disse que um trabalho assim delicado exigiria novos aperfeiçoamentos no método dos desenhos animados, e que isso custaria muitíssimo dinheiro; disse que um tal filme, devido à

sua trabalhosa execução na parte de desenho, não poderia, razoavelmente, estender-se por mais do que alguns minutos — e que, mesmo assim, seria mortalmente monótono para a maioria das pessoas, redundando, no fim, em decepção geral.

Albinus, então, discutiu a questão com outro homem de cinema, e também este não levou a sério a idéia.

— Poderíamos começar com algo bastante simples — disse-lhe Albinus. — Um vitral colorido que adquirisse vida... Uma heráldica animada, um ou dois santinhos.

— Receio que não dê certo — respondeu o outro. — Não podemos arriscar dinheiro em filmes extravagantes.

Mas Albinus ainda continuou agarrado à sua idéia. Ouviu falar, por acaso, num sujeito inteligente, Axel Rex, que era maravilhoso na execução de tais fantasias: havia, com efeito, desenhado um conto persa que deliciara os intelectuais de Paris e arruinara o homem que financiara tal aventura. Albinus procurou, pois, vê-lo, mas foi informado de que ele acabara de regressar aos Estados Unidos, onde se achava desenhando histórias em quadrinhos para um jornal ilustrado. Passado algum tempo, Albinus conseguiu entrar em contacto com ele — e Rex pareceu interessado.

Certo dia, em março, Albinus recebeu dele uma longa carta, mas sua chegada coincidiu com uma súbita crise ocorrida na vida particular — muito particular — de Albinus, de modo que essa bela idéia, que talvez, de outro modo, encontrasse uma tela a que se agarrar e florescer, se dissipou e murchou estranhamente no decurso da última semana.

Rex escreveu que era inútil prosseguir-se na tentativa de seduzir os produtores de Hollywood, e acabou, friamente, por sugerir que Albinus, sendo homem de posses, deveria ele próprio, financiar sua idéia. Nesse caso, ele, Rex, aceitaria a remuneração de... (uma quantia alarmante), metade da qual a ser paga adiantadamente, pelos desenhos, digamos, de um filme de Breughel... Os “Provérbios”, por exemplo, ou qualquer outra coisa que Albinus pudesse desejar que ele desenhasse.

— Se eu fosse você — observou o cunhado de Albinus, Paul, homem corpulento e bem-humorado, com as presilhas de *duas* lapiseiras e *duas* canetas-tinteiro a aparecer sobre o bolso do paletó — arriscaria. Os filmes comuns custam mais... quero dizer, os de guerra e de edifícios que se desmoronam.

— Oh, mas, depois, a gente recupera tudo, e eu não recuperaria.

— Parece que me lembro — disse Paul, tirando baforadas de seu charuto (tinham acabado de jantar) — que você estava disposto a sacrificar uma soma considerável... nada inferior à remuneração que ele exige. Que é que se passa, agora, com você? Você não parece tão entusiasmado como ainda há pouco. Não está desistindo da idéia, pois não?

— Bem, não sei. O que me preocupa é o lado prático da coisa; por outro lado, a idéia ainda me agrada.

— Que idéia? — indagou Elisabeth.

Aquele era um seu pequeno hábito — fazer perguntas a respeito de coisas que já haviam sido exaustivamente discutidas em sua presença. Era puro nervosismo de sua parte, não obtusidade ou falta de atenção; e, não raro, enquanto fazia a pergunta, escorregando irremediavelmente pela frase, ela já sabia de antemão qual seria a resposta. Seu marido tinha consciência desse pequeno hábito e jamais se irritava; pelo contrário, ele o comovia e divertia. Continuava calmamente a conversa, sabendo muito bem (e até mesmo já esperando) que ela própria, depois, responderia à sua própria pergunta. Mas, naquele determinado dia de março, Albinus se encontrava em tal estado de irritação, confusão, infelicidade, que, de repente, seus nervos estouraram.

— Será que você acaba de cair da lua? — indagou, áspero.

A esposa olhou as próprias unhas e respondeu, apaziguadora: — Oh, sim, agora me lembro...

E, voltando-se para a pequena Irma, de oito anos, que devorava, lambusando-se toda, um grande prato de creme de chocolate, exclamou: — Não coma tão depressa, querida! Não coma tão depressa!

— Acho — começou Paul, tirando baforadas do charuto — que toda invenção nova...

Albinus, dominado por suas estranhas emoções, pensou: “Que diabo tenho eu que ver com esse tal Rex, esta conversa idiota, este creme de chocolate...? Estou ficando maluco e ninguém o percebe. E nada posso fazer... É inútil tentar. Amanhã lá irei novamente e ficarei sentado, como um idiota, na escuridão. Incrível!”

Era incrível, certamente... Tanto mais que ele, em todos os seus nove anos de casado, sempre se refreara... Não havia nunca, nunca... “Na verdade — pensou — devo falar a Elisabeth; ou ir viajar com ela durante algum tempo; ou consultar um psicanalista.” Ou, então...

Não. Não se pode tomar de um revólver e meter uma bala numa moça simplesmente porque ela nos atrai.

DOIS

Albinus jamais havia sido muito feliz em coisas do coração. Embora, de um modo tranqüilo e bem educado, fosse bem parecido, jamais obtivera, por alguma razão, qualquer benefício prático da sedução que exercia sobre as mulheres — pois que havia, positivamente, algo bastante sedutor em seu sorriso agradável e em seus olhos azuis, que saltavam um pouco quando ele se concentrava em seus pensamentos (e, como possuía espírito lento, isso ocorria com mais freqüência do que seria desejável). Era bom conversador, possuindo aquela ligeiríssima hesitação no falar (aquela gaguez leve e simpática) que empresta novo encanto às frases mais sedições. Finalmente, mas não menos importante (pois que ele vivia num enfatuado mundo alemão), o pai deixara-lhe sólida fortuna aplicada em investimentos; ainda assim, as coisas românticas costumavam tornar-se insípidas, quando se voltavam para o seu lado.

Em seu tempo de estudante, tivera uma ligação tediosa, enfadonha, com uma senhora triste e mais velha do que ele, que, durante a guerra, lhe enviava para o *front* pares de meias roxas, camisetas de lã que lhe causavam comichões e enormes e apaixonadas cartas, escritas, com a máxima rapidez, numa letra irregular e ilegível, em papel pergaminho. Depois, tinha havido aquele caso com a esposa de Herr Professor, que conhecera no Reno. Era bela, quando vista de determinado ângulo e sob certa luz, mas tão fria e pudica que ele logo a abandonara. Finalmente, em Berlim, pouco antes de seu casamento, tinha havido aquela mulher esguia e fatigante, de rosto caseiro, que costumava aparecer todos os sábados à noite e que gostava de contar-lhe, com pormenores, todo o seu passado, repetindo incessantemente todas aquelas mesmas e enfadonhas coisas, a suspirar, com ar de cansaço, em meio de seus abraços e a terminar sempre os seus comentários com a única frase que sabia em francês: “*C’est la vie*”. Equívocos, tentativas, decepções. O Cupido que o servia era, sem dúvida, canhestro, tímido e sem imaginação. E, juntamente com esses romances medíocres, tinham existido centenas de mômças com as quais sonhara, mas que jamais chegara a conhecer; haviam apenas passado por ele, deixando-lhe, durante um ou dois dias, aquela irremediável sensação de perda que faz da beleza o que ela realmente é: uma árvore distante e solitária tendo por fundo um céu dourado; ondulações de luz na curva interior de uma ponte; uma coisa inteiramente impossível de se aprender.

Casou, mas, embora amasse Elisabeth de certa maneira, ela não lhe proporcionara as emoções pelas quais cansara de ansiar. Era filha de conhecido diretor teatral — uma jovem esbelta, flexível, loira, de olhos pálidos, com essas covinhas patéticas pouco acima daquela espécie de nariz pequeno que as romancistas inglesas chamam “*retroussée*” (note-se o segundo “e”, acrescentado como medida de segurança). Sua pele era tão delicada que o menor toque deixava sobre ela uma mancha cor de rosa, difícil de desaparecer.

Casou com ela porque isso simplesmente aconteceu. Uma viagem às montanhas em sua companhia, mais o seu gordo irmão e uma prima extraordinariamente atlética, que, graças a Deus, acabou por deslocar um tornozelo em Pontresina, foram os principais responsáveis pela sua união. Havia algo tão gracioso, tão etéreo, em Elisabeth — e possuía um riso tão bem-humorado! Contraíram matrimônio em Munique, a fim de fugir ao assalto de seus muitos conhecidos berlinenses. Os castanheiros estavam em flor. Uma cigareira de grande estimação foi perdida num jardim esquecido. Um dos garçons do hotel sabia falar sete línguas. Descobriu em Elisabeth uma pequena e leve cicatriz — resultado de uma operação de apendicite.

Era uma dessas almas dóceis, gentis, que se agarram aos outros. Seu amor era do tipo lirial, mas, de vez em quando, irrompia em flamas e, em tais ocasiões, Albinus se iludia, pensando que não tinha necessidade de qualquer outra companheira.

Quando ficou grávida, seus olhos adquiriram uma vaga expressão de contentamento, como se

estivesse a contemplar aquele seu novo mundo interior; seu andar, descuidado, converteu-se num bamboleio cuidadoso, e costumava devorar avidamente punhados de neve, que apanhava depressa quando ninguém estava olhando. Albinus cuidou dela da melhor maneira possível. Levava-a a longos e lentos passeios; fazia com que ela se recolhesse cedo e tinha todo o cuidado para que as saliências dos móveis e dos objetos domésticos não lhe causassem dano algum, ao andar pela casa. Mas, à noite, sonhava que havia deparado com uma jovem estendida sobre uma praia cálida e solitária e, em seu sonho, assaltava-o o receio de que a esposa o surpreendesse. Pela manhã, Elisabeth examinava, no espelho do guarda-roupa, o seu corpo intumescido, e assomava-lhe aos lábios um sorriso satisfeito e misterioso. Certo dia, foi levada para uma maternidade, e Albinus passou três semanas sozinho. Não sabia o que fazer consigo mesmo. Tomava muito conhaque. Era torturado por dois pensamentos sombrios, cada qual sombrio à sua maneira: um, o de que sua esposa podia morrer; o outro, o de que, se tivesse um pouco mais de fibra, talvez pudesse encontrar uma jovem condescendente e trazê-la para o seu quarto vazio.

Será que a criança, afinal, nasceria? Albinus andava de um lado para outro pelo longo, caiado, esmaltado corredor, com aquela palmeira de pesadelo num vaso colocado junto ao topo da escada. Odiava aquela palmeira, odiava a irremediável brancura do edifício e as farfalhantes e coradas enfermeiras do hospital, com suas toucas brancas e aladas, que viviam procurando afastá-lo do caminho. Por fim, apareceu o cirurgião-assistente e disse-lhe, em tom sombrio: — Bem, tudo está terminado.

Diante dos olhos de Albinus surgiu uma chuva escura e fina, como esses riscos que aparecem em filmes muito antigos (um vivo e saltitante funeral em 1910, com pernas a mover-se muito depressa). Enveredou pelo quarto a dentro. Elisabeth tinha dado à luz, normalmente, uma filha.

A princípio, a criança era vermelha e enrugada como um balão de borracha que está murchando. Logo, porém, seu rosto se alisou e, depois de um ano, começou a falar. Agora, aos oito anos de idade, era muito menos volúvel, pois que herdara a natureza reservada da mãe. Sua alegria, também, era como a da mãe: uma alegria singular, discreta. Apenas uma satisfação tranqüila ante sua própria existência, com uma leve nota de cômica surpresa por achar-se viva... Sim, eis aí o seu teor: uma alegria mortal.

Durante todos aqueles anos, Albinus permaneceu fiel, com a dualidade de seus sentimentos a perturbá-lo bastante. Sentia que amava sincera, ternamente a esposa — tanto quanto lhe era possível amar uma criatura humana; e era inteiramente franco com ela em tudo, salvo quanto ao que se referia aquele seu secreto e insensato anseio, aquele seu sonho, aquele desejo intenso que abria uma brecha ardente em sua vida. Ela lia todas as cartas que o marido escrevia ou recebia, gostava de inteirar-se dos pormenores de seus negócios — principalmente aqueles que diziam respeito a antigas e sombrias telas, entre cujas ranhuras se pode perceber a alva garupa de um cavalo ou um sorriso melancólico. Faziam encantadoras viagens ao estrangeiro e passavam em casa muitas noites suaves e encantadoras, quando Albinus se sentava em companhia dela no balcão situado bem acima das ruas azuis, com os fios telefônicos e as chaminés como que traçados a tinta nanquim, tendo por fundo o pôr do sol — e ele pensava que era realmente mais feliz do que merecia.

Certa noite (uma semana antes da conversa sobre Axel Rex), percebeu, a caminho de um café onde ia tratar de negócios, que seu relógio estava maluco (e não era, tampouco, a primeira vez que aquilo acontecia) e que dispunha ainda de uma hora inteira, uma dádiva gratuita que podia ser usada de alguma maneira. Era absurdo, certamente, voltar para casa, no outro extremo da cidade; tampouco se sentia disposto a ficar lá à espera, sentado: a presença de outros homens, com suas companheiras, sempre o perturbava. Pôs-se a caminhar sem rumo, deparando com um pequeno cinema, cujas luzes lançavam sobre a neve um brilho escarlate. Lançou um olhar ao cartaz (um homem a olhar para uma janela em que havia uma criança em camisola de dormir), hesitou... e comprou uma entrada.

Mal havia penetrado na veludosa escuridão, e o feixe de uma lanterna elétrica deslisou em sua direção (como habitualmente acontece) e o guiou, não menos ágil e suavemente, pela passagem em

declive. Bem no momento em que a luz caiu sobre o bilhete que tinha em sua mão, Albinus viu o rosto inclinado da môça e, depois, enquanto caminhava atrás dela, notou vagamente sua figura muito esguia e a invariável agilidade de seus movimentos tranqüilos. Enquanto se metia em seu lugar, ergueu a cabeça e tornou a ver-lhe o brilho límpido dos olhos, em que a luz incidiu por acaso, revelando o contorno esvaecente de um rosto que parecia pintado por um grande artista sobre um fundo rico e escuro. Nada havia em tudo aquilo de muito incomum: tais coisas lhe haviam acontecido antes, e ele sabia que era insensato ficar a pensar no episódio. Ela afastou-se e perdeu-se na escuridão — e Albinus, de repente, se sentiu enfadado e triste. Chegara no fim de um filme: uma jovem recuava, no meio de móveis derrubados, ante a ameaça de um homem mascarado empunhando um revólver. Não havia interesse algum em acompanhar na tela acontecimentos que ele não podia compreender, pois que não vira o começo.

No intervalo, logo que as luzes se acenderam, tornou a vê-la; ela se achava de pé junto à porta de saída, ao lado de uma horrível cortina roxa que acabara de puxar, e as pessoas que saíam começavam a passar por perto dela. Tinha uma das mãos enfiada no bolso de seu curto avental bordado, e seu vestido preto lhe cingia estreitamente os braços e os seios. Ele fitou-lhe o rosto, sentindo-se quase apavorado. Era um rosto pálido, amuado, penosamente belo. Calculou que ela devia ter uns dezoito anos.

Depois, quando a sala quase se esvaziou e novos espectadores começaram a meter-se desajeitadamente, de lado, por entre as filas de cadeiras, ela passou de um lado para outro, diversas vezes, bem junto dele; mas ele virou o rosto para o outro lado, pois que lhe doía olhá-la, e ele não podia deixar de lembrar-se das muitas vezes em que a beleza — ou o que ele chamava beleza — havia passado por ele e se dissipado.

Durante outra meia hora ficou sentado no escuro, os olhos salientes fixos na tela.

Depois, levantou-se e saiu. Ela afastou a cortina, com um ligeiro retinir de argolas de madeira.

“Oh, mas vou dar mais uma olhada”, pensou Albinus, infeliz.

Pareceu-lhe que os lábios da jovem se contraíram um pouco. E deixou a cortina cair.

Albinus pisou numa poça d’água cor de sangue; a neve estava se derretendo, a noite era úmida, com todas as cores vivas do letreiro luminoso da rua correndo e se dissipando.

“Argus” — bom nome para um cinema.

Depois de três dias, não conseguiu mais ignorar a lembrança dela. Sentia-se ridiculamente nervoso quando tornou a entrar no cinema — novamente no meio de uma fita qualquer. Tudo ocorreu exatamente como na primeira vez: a lanterna deslizando, os olhos rasgados das figuras de Luini, o caminhar ágil pela escuridão, o belo movimento de seu braço de mangas pretas, ao descerrar a cortina. “Qualquer homem normal saberia o que fazer”, pensou Albinus. Um automóvel descia veloz por uma estrada de curvas arrepiantes, entre penhascos e abismos.

Ao sair, procurou ver-lhe os olhos, mas não o conseguiu. Havia, fora, um fluxo incessante calçada de gente, e a tinha reflexos carnezins.

Não tivesse lá ido aquela segunda vez, e talvez pudesse esquecer aquele fantasma de aventura. Mas agora era tarde demais. Voltou uma terceira vez, firmemente decidido a sorrir-lhe... e que desesperado e lúbrico olhar não seria aquele, se ele o tivesse conseguido! Mas tal como ocorreu, seu coração batia tanto que perdeu a oportunidade.

E, no dia seguinte, Paul apareceu para o jantar, discutiram o assunto Rex, a pequena Irina devorou seu creme de chocolate e Elisabeth fez suas perguntas habituais.

— Será que você acaba de cair da lua? — perguntou ele, procurando logo, com um risinho reprimido, reparar a sua grosseria.

Depois do jantar, sentou-se ao lado da esposa no amplo sofá, encheu-a de pequenos beijos, enquanto ela olhava camisolas e outras coisas numa revista feminina, e disse, obtusamente, de si para consigo: “Sou feliz, com os diabos! De que mais necessito? Aquela criatura a deslizar pela escuridão... Gostaria de apertar-lhe a bela garganta. Bem, seja lá como for, ela está morta, pois não voltarei mais lá.”

TRÊS

Chamava-se Margot Peters. Seu pai era um porteiro que, durante a guerra, sofrera tremendo choque devido à explosão de uma bomba: sua cabeça grisalha tinha incessantes movimentos convulsivos, como se vivesse numa constante afirmação de mágoa e dor, e, ante a mais leve provocação, era tomado de violenta ira. Sua mãe era ainda jovem, mas já um tanto acabada — mulher rude e insensível, cuja mão avermelhada era uma perfeita cornucópia de tabefes. Usava, em geral, um lenço amarrado à cabeça, para que o pó, durante o trabalho, não lhe sujasse os cabelos, mas, depois da limpeza completa efetuada aos sábados — feita, principalmente, por meio de um aspirador elétrico ligado de maneira engenhosa ao elevador — vestia suas melhores roupas e saía a fazer visitas. Devido à sua insolência e à maneira áspera com que ordenava aos outros limpassem os pés no capacho, não gozava de popularidade entre os inquilinos do prédio. A Escada era o ídolo principal de sua existência — não como símbolo de gloriosa ascensão, mas como uma coisa que devia ser conservada admiravelmente reluzente, de modo que o seu pior pesadelo (após uma refeição demasiado generosa de batatas e *sauerkraut*) era aquele em que lhe aparecia um lance de alvos degraus com sinais negros de sapatos, primeiro à direita, depois à esquerda, depois novamente à direita, e assim por diante... até o patamar superior. Uma pobre mulher, com efeito, que não devia ser objeto de irrisão.

Otto, o irmão de Margot, era três anos mais velho do que ela. Trabalhava numa fábrica de bicicletas, desprezava o manso republicanismo do pai, pontificava em política no botequim das vizinhanças, onde declarava, dando murros na mesa: “A primeira coisa que um homem deve ter é a barriga cheia”. Esse era o seu princípio diretor — bastante sólido, por outra parte.

Menina, foi para a escola, onde suas orelhas eram puxadas com menos freqüência do que em casa. O movimento mais comum nos gatinhos é um pequeno e suave salto, que se repete em série; o dela, era um brusco erguer de cotovelo, a fim de proteger o rosto. Apesar de tudo, tornou-se uma menina viva e bastante jovial. Com apenas oito anos, participava com prazer dos ruidosos e violentos jogos de futebol que os colegiais realizavam no meio da rua, usando uma bola de borracha do tamanho de uma laranja. Aos dez, aprendeu a andar na bicicleta do irmão. Braços nus, as tranças negras a esvoaçar ao vento, subia e descia a rua em disparada; depois parava, pensativa, com um pé apoiado na guia da calçada. Aos doze, tornou-se menos expansiva. Era a época em que gostava, mais do que tudo, de ficar à porta a conversar, em voz baixa, com a filha do carvoeiro, trocando impressões acerca das mulheres que visitavam um dos inquilinos e dos chapéus das jovens que passavam. Certa vez, encontrou na escada uma bolsa ensebada, contendo um pedaço de sabão de amêndoa com um fio de cabelo enrolado e meia dúzia de fotografias bastante curiosas. Noutra ocasião, o rapazinho ruivo que, quando brincavam, costumava ir de encontro a ela, lhe deu um beijo na nuca. Depois, uma noite, teve uma crise histérica, pelo que recebeu um banho frio, seguido de vigorosa surra.

Um ano mais tarde já se havia tornado extraordinariamente bonita, usava um vestido vermelho, curto, e era louca por cinema. Posteriormente, lembrava-se esse período de sua vida com uma sensação estranha e opressiva: os crepúsculos suaves, cálidos, tranqüilos; o ruído das portas das casas comerciais, à noite, ao serem fechadas; o pai escarranchado sobre a cadeira, na calçada, fumar seu cachimbo, a cabeça a oscilar; a mãe, com as mãos nos quadris; o ramo de lilás a pender sobre a grade; Frau von Brock voltando para casa com suas compras na sacola verde, de cordões; Marta, a criada, esperando para atravessar a rua com o galgo e os dois *terriers* de pêlo duro... Anoitecia. Seu irmão voltava para casa com dois amigos corpulentos que a cercavam e se chocavam contra ela, beliscando-lhe os braços nus. Um deles tinha olhos como os do artista de cinema, Veidt. A rua, com os andares superiores das

casas ainda mergulhados numa luz amarela, tomava-se muito silenciosa. Apenas dois homens calvos, do outro lado, jogavam cartas sentados num balcão, e todas as suas risadas e batidas eram audíveis.

Quando mal contava dezesseis anos, tornou-se amiga da môça que era caixeira da papelaria da esquina. A Irmã mais môça dessa jovem já ganhava uma quantia decente, posando como modelo para pintores. De modo que Margot passou a sonhar em converter-se cio modelo e, depois, em estréia de cinema. Tal conversão parecia-lhe bastante fácil: lá estava o céu, pronto para receber sua estrela. Quase ao mesmo tempo, aprendeu a dançar e, de vez em quando, ia em companhia da balconista ao salão de danças “Paraíso”, onde senhores mais velhos lhe faziam propostas extremamente francas, ao som e aos gemidos do *jazz band*.

Certo dia, em que estava parada à esquina, um sujeito, montado numa motocicleta vermelha (e que ela já havia visto uma ou duas vezes) parou subitamente e convidou-a para um passeio. Tinha cabelos loiros penteados para trás e a camisa enfunada nas costas, ainda cheia do vento que recebera. Ela sorriu, sentou-se atrás, arranjou a saia e, momentos depois, viajava a uma velocidade espantosa, a gravata do companheiro a esvoaçar-lhe junto ao rosto.

Ele a conduziu para fora da cidade e, uma vez lá, deteve-se. Era uma tarde ensolarada e um enxame de mosquitos revoloteava incessantemente sobre certo lugar. Estava tudo muito quieto: quietude de pinheiros e de urzes. Ele desceu e sentou-se a seu lado junto de uma valeta, dizendo-lhe que, no ano anterior, seguira, sem mais nem menos, até a Espanha.

Depois, passou-lhe o braço em torno da cintura e pôs-se a apalpá-la, a apertá-la, beijando-a tão violentamente que o desconforto que ela sentiu se transformou em mal-estar.

Desvencilhou-se e começou a chorar: — Pode me beijar — soluçou — mas não assim, por favor.

O jovem deu de ombros, pôs a motocicleta em funcionamento, partiu, deu uns solavancos, dobrou para um lado e desapareceu, deixando-a sentada sobre um marco da estrada. Voltou para casa a pé. Otto, que a vira partir na motocicleta, agarrou-lhe o pescoço e beijou-a com arte, fazendo-a cair e machucar-se de encontro à máquina de costura.

No inverno seguinte, a irmã da môça da papelaria apresentou-a a Frau Levandovsky, senhora de certa idade, de proporções avantajadas e maneiras gentis, embora prejudicada por uma certa dificuldade no falar e urna grande mancha roxa na face, do tamanho de uma mão.

Costumava explicar essa mancha dizendo que sua mãe, quando ela estava para nascer, ficara muito assustada com um incêndio. Margot mudou-se para um pequeno quarto de empregada existente em seu apartamento, sendo que seus pais deram graças a Deus por se verem livres dela, tanto mais que consideravam que todo trabalho era santificado pelo dinheiro que produzia. Quanto ao seu irmão, que gostava de falar, em termos ameaçadores, dos capitalistas, que compravam as filhas dos pobres, achava-se, felizmente, ausente por algum tempo, trabalhando em Breslau.

Primeiro Margot posou numa classe de escola para môças; depois, mais tarde, num atelier verdadeiro, onde era desenhada não apenas por mulheres, mas, também, por homens, quase todos bastante jovens. Os cabelos lisos cortados elegantemente, sentava-se num pequeno tapete, nua em pêlo, os pés dobrados sob o corpo, apoiada sobre o braço de veias azuladas, as costas esguias (com um belo brilho a descer-lhe por entre os ombros, um dos quais se erguia até o rosto ardente) ligeiramente inclinadas para a frente, numa atitude de pensativa lassidão — e ficava a observar de soslaio os estudantes, enquanto estes erguiam e baixavam os olhos em meio a um leve chiar e raspar de *crayons*, ao sombrear esta ou aquela curva. Por puro fastio, costumava escolher o rapaz mais bem parecido e lançar-lhe um olhar escuro e tímido, sempre que ele, lábios entreabertos e testa contraída, levantava o rosto.

Jamais conseguia, porém, modificar-lhe a atenção — e isso a aborrecia. Antes, ao imaginar-se sentada daquela maneira, sozinha numa poça de luz, exposta a tantos olhares, julgava que aquilo fosse um tanto divertido. Mas ficava apenas entorpecida, nada mais. Para distrair-se, preparava o rosto para posar, pintava a boca quente e seca, escurecia os cujos — embora estes, com efeito, já fossem bastante escuros

— e chegou mesmo, certa vez, a dar um toque de baton nos bicos dos seios. Recebeu, por isso, um bom pito de Frau Levandovsky.

Assim, os dias passavam e Margot tinha apenas uma vaga idéia daquilo a que realmente aspirava, embora sempre tivesse presente a visão de si mesma como magnífica estréia de cinema, a quem um vistoso porteiro de hotel, debaixo de enorme guarda-chuva, ajudava a descer de esplêndido automóvel. Estava ainda a cogitar de que modo saltaria diretamente do desbotado tapete do atelier àquele mundo cintilante, quando Frau Levandovsky lhe falou, pela primeira vez, de um jovem apaixonado vindo da província.

— Você não pode ficar sem namorado — declarou, complacientemente, a referida senhora, enquanto tomava o seu café. — Você é uma pequena muito cheia de vida, para ficar sem um companheiro, e esse modesto jovem está à procura de algo puro nesta cidade corrompida.

Margot tinha ao colo o gordo e amarelo *basset* de Frau Levandovsky. Puxou as macias e sedosas orelhas do animal até fazer com que as pontas se unissem sobre a delicada cabeça (dentro, as orelhas assemelhavam-se a mata-borrão cor de rosa escuro, muito em uso na época) e, sem erguer a cabeça, respondeu: — Oh, não preciso disso ainda. Tenho apenas dezesseis anos, não tenho? E de que vale isso? O que é que a gente ganha? Conheço esses tipos.

— Você é tola — volveu, calmamente, Frau Levandovsky. — Não me refiro a qualquer tratante, mas a um cavalheiro generoso que a viu na rua e, desde então, não deixou de pensar em você.

— Algum velho decrépito, penso eu — disse Margot, beijando a verruga que havia no focinho do cão.

— Tola — repetiu Frau Levandovsky. — Ele tem trinta anos, é distinto, bem barbeado, usa gravata de seda e piteira de ouro.

— Vamos, vamos passear — disse Margot ao cão, que, com um baque, saltou de seu colo ao chão, seguindo, saltitante, pelo corredor.

Ora, o cavalheiro a quem Frau Levandovsky se referia não era senão um jovem e acanhado provinciano. Ele a conhecera através de dois joviais caixeiros-viajantes com quem jogara pôquer, no trem, durante todo o caminho que ia de Bremen a Berlim. A princípio, nada se falou a respeito de preços: a alcoviteira mostrara-lhe simplesmente um instantâneo em que se via uma jovem sorridente com o sol a bater-lhe nos olhos, tendo ao colo um cachorro, e Miller (esse foi o nome que deu) apenas fez um sinal de aquiescência com a cabeça. No dia marcado, Frau Levandovsky comprou alguns bolinhos e preparou bastante café. Muito astutamente, recomendou a Margot usasse o seu velho vestido vermelho. Ali pelas seis horas a campanha tocou.

“Não vou me arriscar de modo algum, isso não”, pensou Margot. “Se eu o detestar, dir-lhe-ei logo; se não, pensarei no assunto com mais vagar”.

Infelizmente, não foi questão muito fácil decidir o que fazer com Miller. Antes de mais nada, tinha ele uma cara impressionante. Seus cabelos negros e sem brilho, descuidadamente penteados para trás, um tanto longos e de estranho e seco aspecto, não eram, certamente, uma peruca, embora o parecessem extraordinariamente. Suas faces pareciam encovadas, tão protuberantes eram os ossos malares, e a pele era de um branco opaco, como se coberta por leve camada de pó de arroz. Os olhos penetrantes, sempre a piscar, bem como suas engraçadas narinas de três pontas, que faziam pensar num lince, jamais permaneciam um momento tranqüilos — o que não acontecia com a parte inferior do rosto, com dois sulcos imóveis nos cantos da boca. Seu traje tinha certo ar estrangeiro; aquela camisa muito azul com uma gravata viva da mesma cor, aquele terno azul com calças enormemente amplas. Era alto e esguio, e seus ombros, quadrados, moviam-

-se esplendidamente, quando caminhava por entre os móveis guarnecidos de pelúcia de Frau Levandovsky. Margot o imaginara inteiramente diferente, e agora lá estava ela sentada de braços bem cruzados, um tanto chocada e infeliz, enquanto Miller quase a devorava com os olhos. Com voz roufenha,

perguntou-lhe o nome. Ela lho disse.

— E eu sou o pequeno Axel — apresentou-se ele com urna espécie de risinho, voltando-se bruscamente para o outro lado e reiniciando a conversa com Frau Levandovsky.

Tinham estado conversando, em tom tranqüilo, sobre aspectos de Berlim, e ele zombava delicadamente dela.

Depois, de repente, calou-se, acendeu um cigarro e, tirando um pedacinho de papel que lhe ficara colado aos lábios muito cheios e vermelhos (onde estava a piteira de ouro?) disse: — Uma idéia, minha cara senhora. Eis aqui uma entrada para aquele concerto de Wagner. A senhora certamente o apreciará. Tome um táxi; eu também o pagarei.

Frau Levandovsky agradeceu-lhe, mas respondeu, com certa dignidade, que preferia ficar em casa.

— Posso dizer-lhe uma palavra em particular? — perguntou Miller, evidentemente aborrecido, levantando-se da cadeira.

— Tome um pouco mais de café — sugeriu, com frieza, a senhora.

Miller abocanhou a isca e tornou a sentar-se. Depois, sorriu e, readquirindo suas maneiras delicadas, contou, com bom humor, uma história divertida acerca de um seu amigo, cantor de opera, que, certa vez, num trecho de Lohengrin, estando embriagado, não conseguiu agarrar-se ao cisne, ficando, esperançoso, à espera de que um outro passasse.

Margot mordeu os lábios e, de repente, entregou-se a um acesso de riso perfeitamente infantil. Frau Levandovsky também riu, mas seu grande busto apenas arfou de leve.

“Bem — pensou Miller — se essa cadela velha quer que eu faça papel de apaixonado, fá-lo-ei., como vingança. E desempenhá-lo-ei de maneira muito mais cabal e perfeita do que ela supõe”.

E voltou no dia seguinte, e no outro, e no dia imediato. Frau Levandovsky, que recebera adiantadamente apenas uma pequena quantia, e que desejava receber o resto, não deixava um momento sequer o par a sós. Mas, às vezes, quando Margot, ao entardecer, levava o cão a passeio, Miller surgia, de repente, das sombras e punha-se a caminhar a seu lado. Isso a deixava tão nervosa, que ela, involuntariamente, apressava os passos, esquecendo-se do cão, que a seguia, saltitante, com o corpo um tanto enviesado. Frau Levandovsky soube desses encontros secretos e, desde então, passou ela própria a levar o cachorro a passeio.

Mais de uma semana se passou assim, até que Miller, um dia, resolveu agir. Era absurdo pagar o alto preço que se lhe exigia, já que estava a ponto de obter o que desejava sem auxílio da mulher. Certa noite, contou a Frau Levandovsky e a Margot mais três histórias engraçadas — as histórias mais divertidas que elas já tinham ouvido — tomou mais três xícaras de café e, depois, súbito, acercou-se de Frau Levandovsky, tomou-a nos braços, empurrou-a para o quarto de banho e girou destramente a chave, do lado de fora. A pobre mulher foi apanhada tão de surpresa que, a princípio, durante uns cinco segundos, não proferiu um único som, mas, depois... oh, santo Deus!...

— Apanhe depressa suas coisas e vamo-nos daqui — disse ele, voltando-se para Margot, que estava de pé no meio da sala, a segurar a cabeça com ambas as mãos.

Levou-a para um pequeno apartamento que alugara na véspera, e, mal cruzou a porta, Margot cedeu com prazer e empenho ao destino que havia muito a aguardar. dava.

E gostou enormemente de Miller. Havia algo muitíssimo satisfatório no contacto de suas mãos, no toque de seus lábios carnudos. Ele quase não falava, mas, não raro, punha-a no colo e ria baixinho, a pensar em alguma coisa desconhecida. Ela não tinha a menor idéia acerca do que estava ele fazendo em Berlim, nem sabia quem ele realmente era. Tampouco conseguiu descobrir o hotel em que se hospedava — e quando, certa vez, tentou revistar-lhe os bolsos, recebeu tal pancada nos nós dos dedos, que achou seria melhor agir com mais cautela. Mas ele era por demais precavido. Sempre que Miller saía, ela receava que jamais voltasse; quanto ao mais, era extraordinariamente feliz, esperando pudessem viver

ara sempre juntos. De vez em quando, ele lhe dava algo — meias de seda, pó de arroz — nada muito caro. Mas levava-a a bons restaurantes, a cinemas e, depois, a um café, onde, certa feita, ela ficou boquiaberta, ao ver um famoso artista de cinema sentado duas mesas além; Miller olhou-o e ambos trocaram cumprimentos, o que fez com que ela ficasse ainda mais docemente atônita.

Ele, de sua parte, habituara-se tanto a Margot que, com freqüência, no momento em que se dispunha a partir, jogava o chapéu a um canto (diga-se aqui, de passagem, que ela, ao examinar o interior do chapéu, descobrira que Miller tinha estado em Nova York) e decidia ficar. Tudo isso durou exatamente um mês. Depois, certa manhã, ele se levantou mais cedo que de costume e disse-lhe que precisava partir. Ela perguntou-lhe quanto tempo estaria ausente. Miller fitou-a, pondo-se a andar, depois, de um lado para outro pelo quarto, em seu pijama roxo, a esfregar as mãos, como se as estivesse lavando.

— Para sempre, penso eu — respondeu, afinal, começando a vestir-se, sem olhá-la.

Margot pensou que ele talvez estivesse gracejando, empurrou com os pés as cobertas para fora da cama, pois que o quarto estava muito quente, e virou o rosto para a parede.

— Pena não ter um retrato seu — disse ele, acabando de calçar os sapatos.

Depois ela o ouviu fazer a mala e fechar a maleta em que transportava as quinquilharias que trouxera para o apartamento. Decorridos alguns minutos, recomendou: — Não se mova, nem se vire.

Ela não se mexeu. Que estaria ele fazendo? Contraindo, involuntariamente, o ombro nu.

— Não se mova — repetiu ele.

Durante uns dois minutos, fez-se silêncio, quebrado apenas por um débil ruído áspero, que pareceu a Margot, de certo modo, familiar.

— Agora pode voltar-se — disse Miller.

Mas ela permaneceu imóvel. Ele acercou-se dela, beijou-lhe a orelha e saiu depressa.

O beijo ficou a cantar-lhe no ouvido por longo tempo.

Ficou deitada o dia todo. Miller não voltou.

Na manhã seguinte, recebeu um telegrama de Bremen: “Apartamento pago até julho adeus doce diabrete”.

“Santo Deus, que farei sem ele?”, pensou em voz alta. Saltou para junto da janela, escancarou-a e estava prestes a lançar-se à rua. Mas, nesse momento, um carro de bombeiros, vermelho e dourado, parou, arfante, defronte à casa oposta. Logo se juntou uma multidão, nuvens de fumo saíam em grossos rolos pela janela superior e pedaços de papel carbonizados flutuavam ao vento. Ficou tão interessada pelo incêndio, que esqueceu sua intenção.

Ficara com pouquíssimo dinheiro. Em seu infortúnio, dirigiu-se a um salão de danças, como as donzelas abandonadas fazem nos filmes. Dois cavalheiro japoneses a abordaram, e como ela havia tomado mais coquetéis do que lhe convinha, concordou em passar a noite em companhia de ambos. Na manhã seguinte, exigiu duzentos marcos. Os cavalheiros japoneses deram-lhe cento e cinqüenta marcos em moedas miúdas e mandaram-na embora. Resolveu, no futuro agir com mais cautela.

Certa noite, num bar, um velho gordo, com um nariz que parecia uma pêra madura, pôs-lhe a mão enrugada sobre o joelho sedoso e disse-lhe, anelante: — Alegria-me tornar a encontrá-la, Dora. Ainda se lembra de como nos divertimos no último verão?

Ela riu e respondeu-lhe que ele se equivocara. O velho perguntou-lhe, com um suspiro, o que desejava beber. Depois, levou-a para casa, agindo de modo tão bestial, no interior do automóvel, que ela saltou do carro. Ele a seguiu e, quase em lágrimas, rogou-lhe que tornasse a encontrá-lo. Ela deu-lhe o número de seu telefone. Depois que ele lhe pagou o quarto até novembro e lhe deu ainda dinheiro para comprar um casaco de peles, ela permitiu que o velho passasse a noite em sua companhia. Era ele um cômodo companheiro de cama, mergulhando no sono logo que acabava de arquejar. Um dia, ele deixou de comparecer a um encontro e, afinal, quando ela ligou para o seu escritório, disseram-lhe que o velho

havia morrido.

Vendeu o casaco de peles e, com o dinheiro, conseguiu manter-se até a primavera.

Dois dias antes dessa transação, sentiu ardente desejo de exhibir-se aos pais em todo o seu esplendor — e passou por sua casa num táxi. Era sábado e sua mãe estava polindo a maçaneta da rua. Ao deparar com a filha ficou perplexa.

— Oh, jamais imaginei! — exclamou, cheia de maus pressentimentos.

Margot sorriu e, sem proferir palavra, voltou para o táxi e, através do vidro de trás, viu o irmão sair correndo da casa. Este gritou-lhe algo, agitando no ar o punho cerrado.

Alugou um quarto mais barato. Meio despida, os pequenos pés descalços, ficava sentada à beira da cama, em meio à crescente obscuridade, a fumar infundáveis cigarros. Sua senhoria, criatura simpática, entrava de vez em quando no quarto e mantinha com ela conversas edificantes, sendo que, um dia, disse a Margot que um seu primo possuía um pequeno cinema e estava indo muito bem de vida. O inverno parecia mais frio do que costumavam ser os invernos; Margot lançou um olhar em torno, à procura de algo que pudesse empenhar. Só se fosse aquele crepúsculo...

Que farei? , pensou.

Certa manhã muito fria e azul, sentindo-se mais encorajada, pintou o rosto de maneira impressionante, procurou uma companhia cinematográfica de nome promissor e conseguiu uma entrevista com o gerente em seu escritório. Tratava-se de um homem já de certa idade, com uma venda negra sobre o olho direito e um olhar penetrante no olho esquerdo. Margot começou por asseverar-lhe que já havia trabalhado antes no cinema... e que fora bastante bem sucedida.

— Em que filme? — indagou o gerente, fitando -lhe com ar benevolente, o rosto excitado.

Ousadamente, ela citou o nome de uma companhia, de um filme. O homem continuou mudo. Depois fechou o olho esquerdo (teria sido uma piscadela, se o outro olho fosse visível) e disse: — A senhorita teve sorte de deparar comigo. Outro, em meu lugar, talvez se sentisse tentado pela sua... Bem, a senhorita seguiria o caminho de muitas outras e jamais se converteria no fantasma prateado e romântico que pretende ser... pelo menos quanto ao que se refere a essa espécie especial de romance com que lidamos. Como pode observar, já não sou mais jovem, e o que já vi da vida é coisa que não vale a pena ver-se. Minha filha, creio eu, é mais velha do que a senhorita. E, por essa razão, gostaria de dizer-lhe uma coisa, minha cara menina. A senhorita jamais foi atriz e é bem provável que jamais o seja. Volte para casa, pense bem no assunto, fale com seus pais, se é que está em bons termos com eles, o que duvido...

Margot bateu com a luva na beira da mesa, levantou-se e saiu, o rosto transtornado pela cólera.

Outra companhia tinha seus escritórios no mesmo edifício, mas, lá, não foi sequer admitida. Cheia de ódio, voltou para casa. A senhoria fez-lhe dois ovos cozidos e deu-lhe umas palmadinhas no ombro, enquanto Margot comia vorazmente, zangadamente. Em seguida, a boa senhora foi buscar um pouco de conhaque e dois cálices, encheu-os com a mão trêmula, arrolhou cuidadosamente a garrafa e levou-a embora.

— Brindemos sua boa sorte — disse ela, sentando-se à desconjuntada mesa. — Tudo sairá bem, minha querida. Amanhã procurarei meu primo e conversarei com ele a seu respeito.

A conversa com o primo teve grande êxito e, a princípio, Margot gostou de sua nova ocupação, embora fosse um tanto humilhante, por certo, começar a sua carreira no cinema daquela maneira. Decorridos três dias, já se sentia como se não tivesse feito outra coisa na vida senão conduzir a seus lugares criaturas que andavam às cegas. Na sexta-feira, porém, houve uma mudança de programa, e isso a animou. Ficou no escuro, apoiada à parede, a ver um filme de Greta Garbo. Mas, depois de algum tempo, sentiu-se terrivelmente entediada.

Passou-se outra semana. Um homem que saía retardou os passos junto à porta e olhou-a com expressão tímida e desanimada. Duas ou três noites depois, voltou. Estava muito bem vestido e seus

olhos azuis fitaram-na com avidez.

“Sujeito de aspecto bastante decente, embora pareça um tanto chato”, pensou Margot.

Depois, quando ele voltou pela quarta e quinta vez — não o fazendo, certamente, pela fita, que era a mesma — ela experimentou leve e agradável excitação.

Mas como era tímido aquele sujeito! Ao voltar, uma noite, para casa, percebeu que ele se achava postado do outro lado da rua. Ela continuou lentamente o seu caminho, mas com os cantos dos olhos voltados para trás como as orelhas de uma lebre, esperando que ele a seguisse. Mas ele não o fez; apenas desapareceu. Depois, quando tornou de novo a aparecer no “Argus”, havia nele algo de abatido, mórbido, bastante interessante. Terminado o seu trabalho, Margot saiu para a rua; deteve-se; abriu o guarda-chuva. Lá estava ele de novo parado no outro lado da rua, e ela calmamente passou por ele. Mas, quando ele viu que ela se aproximava, começou a afastar-se.

Albinus sentiu-se estúpido e indisposto. Sabia que ela vinha atrás, de modo que receou andar mais depressa e perdê-la; mas teve receio, também, de diminuir o passo, permitindo que ela o alcançasse. Ao chegar à esquina, precisou parar, enquanto os automóveis passavam sem cessar. Ela o alcançou, quase foi atropelada por um triciclo e recuou de um salto, indo de encontro a ele. Albinus agarrou-lhe o cotovelo magro e atravessaram a rua juntos.

“Agora a coisa começou”, pensou Albinus, ajustando desajeitadamente seus passos aos dela. Jamais caminhara ao lado de uma mulher tão pequena.

— O senhor está encharcado — disse ela com um sorriso.

Albinus tirou-lhe o guarda-chuva da mão; ela aconchegou-se ainda mais a ele.

Durante um instante, receou que seu coração estourasse, mas, de repente, alguma coisa afrouxou deliciosamente nele, como se ele houvesse se ajustado àquele seu êxtase, aquele êxtase molhado e tamborilante, que batia de encontro à seda esticada do guarda-chuva.

Agora suas palavras fluíam livremente, enquanto ele desfrutava aquela nova sensação de alívio.

A chuva cessou, mas continuaram ainda a caminhar debaixo do guarda-chuva.

Quando se detiveram à porta da casa de Margot, ele fechou aquele objeto molhado, brilhante, belo, e devolveu-lho.

— Não se vá ainda — rogou Albinus (mantendo a mão dentro do bolso e procurando, com o polegar, tirar a aliança). — Não se vá — repetiu (e a aliança saiu-lhe do dedo).

— Está ficando tarde — respondeu ela. — Minha tia ficará zangada.

Albinus agarrou-a pelos pulsos e, com a violência da timidez, tentou beijá-la; mas ela desviou a cabeça e seus lábios encontraram apenas o gorro de veludo.

— Largue-me — murmurou ela, cabisbaixa. — O senhor sabe que não devia ter feito isso.

— Mas não vá embora! — exclamou ele. — A senhorita é a única pessoa que possuo no mundo.

— Não posso, não posso — respondeu Margot e, girando a chave na fechadura, empurrou a grande porta com seus frágeis ombros.

— Estarei amanhã de novo à sua espera — disse Albinus.

Ela sorriu-lhe através da vidraça; depois, afastou-se, a correr, pelo corredor escuro, em direção ao fundo do prédio.

Albinus respirou profundamente, apanhou no bolso, às apalpadelas, o lenço, assoou o nariz e, cuidadosamente, abotoou e tornou a desabotoar o sobretudo. Depois, sentindo quão leve e nua estava a sua mão esquerda, apressou-se a enfiar o anel no dedo. A aliança estava ainda bastante quente.

QUATRO

Em sua casa, nada mudara, e isso lhe pareceu extraordinário. Elisabeth, Irma, Paul, pertenciam, por assim dizer, a um outro período, a um período límpido e tranqüilo como o fundo das telas dos primitivos italianos. Paul, após trabalhar o dia todo em seu escritório, gostava de passar uma noite sossegada na casa da irmã. Tinha profundo respeito por Albinus, não só pela sua cultura e bom gosto, como pelas belas coisas que o cercavam — como, por exemplo, o Gobelin verde-espinafre da sala de jantar, representando uma caçada na floresta.

Ao abrir a porta de seu apartamento, Albinus teve uma sensação de frio na boca do estômago, ante o pensamento de que, dentro de um momento, iria ver a esposa: acaso não poderia ela ler-lhe no rosto toda a sua perfídia? Pois aquela caminhada na chuva era uma traição; tudo o que acontecera antes não passava de pensamentos e de sonhos. Será que, por algum infortunado acaso, suas ações não tinham sido observadas e comunicadas? E o perfume barato que ela usava, não o denunciaria? Ao penetrar no vestíbulo, arquetou depressa, mentalmente, uma história que talvez pudesse valer-lhe: uma jovem artista, pobre e talentosa, que ele estava procurando ajudar. Mas nada mudara: nem a porta branca, no fim do corredor, atrás da qual sua filha estava dormindo, nem o enorme sobretudo de seu cunhado, dependurado do cabide (um cabide especial, revestido de seda vermelha) tão calmamente e respeitável como sempre.

Entrou na sala de estar. Lá estavam eles... Elisabeth em seu vestido familiar e axadrezado, Paul a tirar baforadas de seu charuto, e uma senhora idosa amiga da família, viúva de um barão empobrecido pela inflação e que agora se dedicava a um pequeno negócio de tapeçarias e quadros... Não importava o que estavam a conversar: o ritmo da vida cotidiana era tão confortador, que ele se sentiu tomado de estranha alegria. Não tinha sido descoberto.

Mais tarde, deitado ao lado da esposa na alcova conjugal tênueamente iluminada, tranqüilamente mobiliada, com uma parte do aparelho de aquecimento central (pintado de branco) a refletir-se, como sempre, no espelho, Albinus sentiu-se maravilhado diante de sua própria e dividida natureza: seu afeto por Elisabeth, que em nada diminuira, era perfeitamente seguro, mas, ao mesmo tempo, ardia em sua mente a idéia de que talvez amanhã, ao mais tardar.., sim, amanhã, seguramente...

Mas a coisa não foi assim tão fácil. Em seu encontro seguinte, Margot conseguiu habilmente evitar maiores intimidades.., e não houve a menor oportunidade de que ele pudesse levá-la a um hotel. Ela pouco lhe disse a respeito de sua pessoa: apenas, que era órfã, filha de um pintor (coincidência curiosa, essa) e que vivia com a tia; que sua situação financeira era difícil, mas que desejava ardentemente renunciar ao seu emprego, bastante exaustivo.

Albinus apresentou-se sob o nome apressadamente suposto de Schiffermiller, e Margot pensou, com amargura: “já um outro Miller”, mas disse, apenas: — Oh, você está mentindo, claro.

Março estava chuvoso. Aquelas caminhadas noturnas, debaixo de um guarda-chuva, torturavam Albinus. Não tardou, pois, em sugerir fossem a um café. Escolheu um lugar modesto, onde, tinha certeza, não encontraria conhecido algum.

Era seu hábito, quando se sentava a uma mesa, colocar sobre ela sua cigarreira e isqueiro. Na cigarreira, Margot espreitou-lhe as iniciais. Nada lhe disse, mas, passado um momento, pediu-lhe fosse buscar a lista telefônica. Enquanto ele se dirigia, com seu andar lento e desajeitado, para a cabine, ela apanhou o chapéu de sobre a cadeira e examinou-lhe rapidamente a carneira: lá estava o seu nome (ele o mandara gravar a fim de evitar que, nas festas, artistas distraídos o levassem).

Pouco depois, Albinus voltou com a lista telefônica, segurando-a como se fosse uma Bíblia, a sorrir ternamente e, enquanto ele lhe fitava os longos cílios, Margot percorreu a letra R e lá encontrou o

endereço e o número do telefone de seu cortejador.

— Tire o casaco — sussurrou ele.

Sem se dar ao trabalho de levantar-se, ela começou a desembaraçar-se das mangas, inclinando o belo pescoço e arremessando para a frente primeiro o ombro direito e, depois, o esquerdo. Enquanto a ajudava a despír o casaco, Albinus sentiu um cheiro de violetas, ao mesmo tempo em que lhe via o movimento das omoplatas e a pele amarelada que, entre elas, se enrugou e tornou a distender-se. Depois ela tirou o chapéu, olhou-se num espelhinho de bolso e, umedecendo o indicador, ajeitou o cabelo nas têmporas.

Albinus sentou-se a seu lado e ficou a fitar aquele rosto em que tudo era encantador: as faces ardentes, os lábios cintilantes devido a licor de cerejas, a solenidade infantil dos olhos amendoados e a pintinha situada logo abaixo da curva suave da maçã esquerda.

“Mesmo que soubesse que me enforcariam por isso — pensou ele — não deixaria de fitá-la”.

Até mesmo a gíria vulgar de Berlim, que ela usava, não fazia outra coisa senão realçar o encanto de sua voz rouca e de seus dentes grandes e brancos. Quando ria, ela semicerrava os olhos, e uma covinha dançava-lhe no rosto. Albinus deu-lhe uma palmadinha na mão, mas ela a retirou vivamente.

Você está me deixando louco — disse ele.

Margot, por sua vez, bateu-lhe de leve no punho da camisa e respondeu: — Ora, seja um bom rapaz!

O primeiro pensamento de Albinus, na manhã-seguinte, foi: isto não pode continuar assim. Não pode, absolutamente. Tenho de arranjar-lhe um quarto. Maldita seja a tia! Ainda estaremos a sós, inteiramente a sós. Um compêndio de amor para principiantes. Oh, as coisas que lhe ensinarei! Tão jovem, tão pura, tão enlouquecedora...

— Você está dormindo? — indagou, baixinho, Elisabeth.

Ele conseguiu simular um bocejo perfeito e abriu os olhos. Elisabeth estava entada, em sua camisola azul-pálido, na beira da cama dupla, a examinar a correspondência.

— Alguma notícia interessante? — perguntou Albinus, fitando-lhe com estúpido assombro o alvo ombro.

— Ach pede-lhe novamente dinheiro. Diz que a mulher e a sogra estiveram doentes e que os outros estão conspirando contra ele. Afirma que não dispõe de meios para comprar tintas. Temos de tornar a ajudá-lo, creio eu.

— Naturalmente — disse Albinus, enquanto em seu espírito se formava uma imagem extraordinária, vívida, do falecido pai de Margot: também ele deveria ter sido um artista rabugento, mal-humorado, pouco talentoso, a quem a vida tratara àesperamente.

— Há aqui, ainda, um convite do Clube dos Artistas. Esta vez, precisamos ir. Há também uma carta dos Estados Unidos.

— Leia-a em voz alta.

— “Meu caro senhor: Receio não ter muito o que contar-lhe, mas, não obstante, há algumas coisas que desejaria acrescentar à última e extensa carta que lhe escrevi, a qual, entre parênteses, não foi ainda respondida. Como talvez esteja aí no outono...”

Nesse momento, o telefone tocou ao lado da cama.

— Silêncio, silêncio — exclamou Elisabeth, inclinando-se para atender.

Absorto, Albinus seguiu-lhe os movimentos dos dedos delicados, enquanto estes apanhavam o alvo fone e, em seguida, ouviu o débil fantasma de uma voz que grunhia do outro lado da linha.

— Oh, bom dia — exclamou Elisabeth, ao mesmo tempo que fazia uma careta para o marido, sinal de que era a Baronesa quem falava, e falava muito.

Ele estendeu a mão para apanhar a carta e lançou um olhar à data. Estranho não ter ainda respondido a carta anterior. Irma entrou para ver os pais, como fazia todas as manhãs.

Sem nada dizer, beijou o pai e, depois, a mãe, que ouvia de olhos fechados o que a outra lhe contava, lançando de vez em quando uns sons de assentimento ou de falsa surpresa.

— Veja se se porta hoje como uma boa menina — sussurrou Albinus à filha.

Com um sorriso, Irma mostrou-lhe um punhado de bolinhas de vidro. Não era, de modo algum, bonita; as sardas cobriam-lhe a testa pálida e saliente, os duos eram demasiado claros e o nariz longo demais para o rosto.

— Sem dúvida! Perfeitamente. — disse Elisabeth, lançando, ao desligar, um suspiro de alívio.

Albinus preparou-se para continuar a leitura da carta. Elisabeth segurou a filha pelos pulsos e estava lhe contando, a rir, algo engraçado, dando-lhe ligeiro empurrão após cada sentença. Irma continuava a sorrir recatadamente, arrastando o sapato no chão. O telefone tornou a tocar. Essa vez foi Albinus quem o atendeu.

— Bom dia, querido Albert — disse uma voz feminina.

— Quem... — balbuciou Albinus, tendo, de repente, a sensação que se sente num elevador que desce demasiado depressa.

— Não foi muito amável de sua parte dar-me um nome falso — prosseguiu a voz.

— Mas eu o perdôo. Queria apenas dizer-lhe...

— Ligação errada — disse, com voz rouca, Albinus, colocando com força o fone no gancho.

— Que foi? — perguntou ela. — Por que ficou tão vermelho?

— Absurdo! Irma, minha filha, apresse-se! Não fique assim irrequieta. Inteiramente absurdo! É a décima ligação errada em dois dias. Escreve-me ele dizendo que talvez venha até aqui no fim do ano. Terei prazer em vê-lo.

— Quem escreve?

— Santo Deus! Você nunca percebe o que a gente está dizendo! Aquele homem dos Estados Unidos. Aquele tal Rex.

— Que Rex? — perguntou Elisabeth, desinteressada.

CINCO

O encontro entre ambos, aquela noite, foi tempestuoso. Albinus ficou o dia todo em casa, apavorado de que ela pudesse tornar a telefonar. Quando Margot saiu do “Argus”, ele a recebeu, incontinenti, com uma advertência: — Olhe aqui, minha filha. Eu a proíbo que me telefone. Isso não está certo. Se não lhe dei meu nome é porque tinha razão para fazê-lo.

— Oh, está bem. Está tudo terminado entre nós — respondeu ela suavemente, afastando-se.

Ele permaneceu de pé na calçada, a segui-la, atarantado, com o olhar.

Que asno era ele! Devia ter refreado a língua; ela talvez percebesse, então, que tinha agido mal. Lançou-se, apressado, ao seu encalço, alcançou-a e pôs-se a caminhar a seu lado.

— Desculpe-me. Não fique zangada comigo, Margot. Não posso viver sem você.

Olhe aqui; refleti melhor. Deixe seu emprego. Sou rico. Você pode ter seu próprio quarto, seu próprio apartamento, o que quiser...

— Você é um mentiroso, um covarde, um idiota — respondeu Margot (resumindo-o com certa precisão). — E, além disso, é casado. Por isso é que esconde a aliança no bolso de sua capa de chuva. Oh, claro, você é casado. Do contrário, não teria sido tão grosseiro ao telefone.

— E se eu for casado? — indagou ele. — Você não tornará a encontrar-me?

— E isso que me importa? Pode enganá-la à vontade; ela o merece.

— Margot, pare — gemeu Albinus.

— Deixe-me em paz.

— Margot, ouça-me. É verdade. Tenho família, mas, por favor, deixe de zombar disso... Oh, não vá embora! — exclamou, alcançando-a, ficando para trás, agarrando-se à sua velha bolsa.

— Vá para o diabo! — gritou ela, batendo-lhe a porta na cara.

SEIS

— Gostaria que a senhora me lesse a sorte — disse Margot à sua senhoria.

Esta, tirou de trás de umas garrafas vazias um baralho decrépito, cujas cartas haviam, quase todas, perdido as pontas, de modo que pareciam quase circulares. Um homem rico de cabelos escuros, complicações, uma festa, uma longa viagem...

“Devo verificar onde ele mora”, pensou Margot, os cotovelos apoiados na mesa.

“Talvez ele não seja rico como diz e, nesse caso, não vale a pena que me preocupe com ele.

Ou será que devo arriscar?”

Na manhã seguinte, exatamente à mesma hora, tomou a telefonar-lhe. Elisabeth estava no banho. Albinus falou-lhe quase num sussurro, os olhos fixos na porta. Embora sentisse, de tanto medo, engulhos, ficou loucamente feliz por ter sido perdoado.

— Minha querida — murmurou. — Minha querida.

— Diga-me uma coisa: a que horas sua esposa sai de casa? — indagou ela, rindo. — Sinto muito, mas não sei — respondeu Albinus, com um calafrio. — Por que?

— Gostaria de passar um momento por aí.

Ele permaneceu mudo. Algures, uma porta abriu-se.

— Não posso continuar a falar — murmurou.

— Se eu fosse vê-lo, poderia dar-lhe um beijo.

— Hoje, não sei... Não — gaguejou. — Não creio que seja possível. Irei vê-la esta noite e, então, nós...

Desligou e ficou um momento imóvel, ouvindo as batidas do próprio coração.

“Creio que sou um covarde”, pensou. “Ela certamente ficará no banheiro durante mais meia hora — Um pequeno pedido — disse ele a Margot, quando se encontraram. — Vamos tomar um táxi.

— Um táxi aberto — sugeriu Margot.

— Não, isso é muito perigoso. Prometo-lhe que me comportarei — ajuntou, fitando-lhe amorosamente o rosto infantil, voltado para ele, e que lhe pareceu muito branco, à luz da lâmpada da rua.

— Ouça — principiou ele, quando se acomodaram no veículo. — Em primeiro lugar, quero dizer-lhe que não estou zangado, por você ter-me telefonado. Mas peço-lhe, imploro-lhe, não torne a fazê-lo, minha querida, minha preciosa. (Isto esta melhor, pensou Margot). Em segundo lugar, conte-me como foi que descobriu meu nome.

Ela, sem necessidade alguma, mentiu-lhe, dizendo que uma sua conhecida os vira juntos na rua... uma mulher que também o conhecia.

— Quem é ela? — indagou Albinus, aterrorizado.

— Oh, apenas urna mulher que trabalha. Acho que uma de suas irmãs esteve, certa vez, empregada em sua casa.

Albinus esforçou-se, desesperadamente, por lembrar-se.

— De qualquer modo, disse-lhe que ela estava enganada. Sou urna garota esperta.

A obscuridade, no interior do táxi, deslizava e oscilava, à medida que as luzes das casas, das janelas abertas e entreabertas, passavam por ela. Margot estava sentada tão junto dele, que Albinus lhe sentia o jubiloso calor animal. “Morrerei ou ficarei louco, se não puder possuí-la”, refletia ele.

— E, em terceiro lugar, — disse em voz alta — veja se aluga um apartamento...

digamos, dois ou três aposentos e cozinha. . . isto é, com a condição de que me permita que a veja de

vez em quando.

— Você já esqueceu, Albert, do que lhe sugeri esta manhã?

— Mas é muito arriscado — gemeu Albinus. — Você compreende. . . Amanhã, por exemplo, estarei sozinho em casa, entre quatro e seis horas, mas ninguém sabe o que pode acontecer...

E, ao dizer isso, pensou que sua mulher bem poderia voltar, a fim de apanhar alguma coisa que houvesse esquecido.

— Mas eu disse a você que o beijaria — volveu, docemente, Margot. — E, além disso, você sabe que não existe coisa alguma no mundo que não se possa, de certo modo, explicar...

E, assim, no dia seguinte, quando Elisabeth e Irma tinham ido tomar chá, ele fez com que Frieda, a criada (era dia de folga da cozinheira, felizmente), fosse levar dois livros a um endereço muito distante.

Agora estava a sós. Seu relógio parara havia alguns minutos, mas o da sala de jantar estava certo e, esticando o pescoço para fora da janela, podia ver o relógio da igreja. Quatro e quinze. Era um dia claro e ventoso, de meados de abril. Na parede ensolarada da casa oposta, as sombras da fumaça de uma chaminé corriam rápidas para o lado. O asfalto da rua secava, aqui e acolá, após um aguaceiro recente; a umidade ainda formava grotescos e negros esqueletos, como se estes tivessem sido pintados sobre toda a largura da rua.

Quatro e meia. Ela talvez chegasse a qualquer momento.

Sempre que pensava no talhe esbelto e infantil de Margot, em sua pele sedosa, no contacto de suas mãos engraçadas e mal tratadas, sentia-se tomado de um desejo quase penoso. Agora, a visão do beijo prometido enchia-o de tal êxtase, que parecia impossível que aquela sensação pudesse ser intensificada. E, não obstante, além daquilo, através de uma perspectiva de espelhos, restava-lhe ainda alcançar a forma vaga e branca de seu corpo, aquela mesma forma que os estudantes de arte haviam desenhado tão mal e conscienciosamente. Mas, daquelas horas monótonas passadas no atelier, Albert nada suspeitava, embora, por um estranho truque do destino, já lhe houvesse visto, sem que disso tivesse consciência, as formas nuas: o médico da família, o velho Lampert, havia-lhe mostrado alguns desenhos a carvão feitos pelo filho uns dois anos antes e, entre estes, o de uma jovem de cabelos curtos sentada sobre um tapete, os pés encolhidos sob o corpo, apoiada sobre um braço hirto, o ombro a tocar-lhe o rosto.

— Não, acho que prefiro o corcunda — dissera ele, voltando para trás as páginas e detendo-se na figura de um aleijado barbudo. — Sim, foi uma pena que ele tenha deixado a arte — acrescentou, fechando o álbum.

Dez minutos para as cinco. Ela já estava vinte minutos atrasada. “Esperarei até às cinco; depois sairei”, murmurou de si para consigo.

De repente, viu-a. Ela vinha atravessando a rua sem casaco nem chapéu, como se morasse atrás da esquina.

“Ainda é tempo de sair correndo e dizer-lhe que já é muito tarde”; mas, ao invés de fazê-lo, Albinus dirigiu-se na ponta dos pés, ofegante, ao vestíbulo e, ao ouvir-lhe os passos infantis na escada, abriu, sem fazer ruído, a porta.

Margot, em seu vestido vermelho, curto, os braços nus, sorriu para a sua imagem no espelho; depois, girou nos calcanhares e, ajeitando os cabelos com a mão, comentou: — Você vive aqui em grande estilo!

Radiante, circunvagou o olhar pelo vestíbulo, com seus grandes e ricos quadros, seu vaso de porcelana a um canto e suas paredes revestidas de um tecido cor de creme, ao invés de papel.

— Por aqui? — indagou ela, abrindo uma porta e lançando uma exclamação. — Oh!

Albinus passou-lhe uma mão trêmula pela cintura e olhou o candelabro de cristal, como se também ele fosse um estranho. Mas viu-o através de uma névoa ondulante. Ela cruzou os pés e ficou a oscilar ligeiramente o corpo, os olhos a percorrer a sala. — Você é, de fato, rico — disse ela, ao entrar no cômodo contíguo. — Santo Deus, que tapetes!

Ficou tão maravilhada diante do aparador, na sala de jantar, que Albinus pôde apalpar-lhe

furtivamente as costelas e, acima delas, um músculo cáldo e macio.

— Vamos continuar — disse ela, animada.

Ao passarem por um espelho, viu ele um cavalheiro pálido e grave, caminhando ao lado de uma colegial em seu vestido domingueiro. Cautelosamente, tocou-lhe o braço suave, e o espelho ficou turvo.

— Vamos — disse Margot.

Ele desejava voltar e fazer com que ela entrasse em seu escritório. Então, se sua esposa voltasse mais cedo do que ele esperava, seria simples: uma jovem artista necessitada de ajuda.

— E aquilo ali, o que é? — indagou ela.

— É um quarto de criança. Já vimos tudo, agora.

— Largue-me — disse ela, movendo os ombros.

Albinus respirou fundo.

— É apenas um quarto de criança, minha querida. Somente um quarto de criança...

Não há nada para se ver.

Mas Margot entrou no aposento e, de repente, ele sentiu estranha vontade de gritar-lhe: “Por favor, não toque em nada!”. Mas ela já tinha nas mãos um elefante de pelúcia.

Albinus agarrou-o e jogou-o a um canto. Margot riu.

— Sua filhinha tem tudo aqui.

Depois, abriu a porta contígua.

— Basta, Margot — suplicou ele. — Estamo-nos afastando demais do vestíbulo; não poderemos ouvir a porta da frente. É tremendamente perigoso.

Ela, porém, afastou-o para o lado, com um gesto de criança desobediente e, através do corredor, entrou no quarto. Lá, sentou-se diante do espelho (os espelhos estavam tendo grande trabalho aquele dia), apanhou uma escova de cabo de prata e cheirou um frasco com tampa do mesmo metal.

— Oh, não faça isso! — exclamou Albinus.

Margot desviou-se dele com um movimento ágil, correu para a cama de casados e sentou-se nela. Depois, puxou a meia como uma menina, fez a liga estalar e mostrou-lhe a ponta da língua.

‘... e depois me suicidarei’, pensou Albinus, perdendo subitamente a cabeça.

Aproximou-se dela, vacilante, os braços abertos, mas Margot deu um salto e, com um chilreio de júbilo, passou por ele e saiu do quarto. Albinus lançou-se, atrasado, ao seu encalço. Margot bateu a porta e, arquejante, a rir, girou a chave do lado de fora. (Oh, como aquela pobre e gorda mulher havia batido com os punhos na porta, esperneado, gritado!) — Margot, abra já a porta! — disse Albinus, em voz baixa.

Ouviu-lhe os passos saltitantes, afastando-se.

— Abra — repetiu mais alto.

Silêncio.

“Que megerazinha”, pensou. “Que situação absurda!”

Sentia-se assustado. Afogado. Não estava acostumado a pular pelos quartos.

Agoniava-o aquele desejo frustrado. Será que ela se fora mesmo? Não, alguém andava pelo apartamento. Experimentou alguma chaves que tinha no bolso; depois, perdendo a calma, pôs-se a agitar a porta com violência.

— Abra já! Está ouvindo?

Os passos aproximaram-se. Não era Margot.

— Alô! O que é que há? — indagou uma voz inesperada... a voz de Paul! — Você está aí trancado? Quer que eu abra?

A porta abriu-se. Paul parecia alarmado.

— Que foi que aconteceu, meu velho? — repetiu, boquiaberto diante da escova de cabelos que jazia

no chão.

— Oh, uma coisa ridícula... Já lhe contarei... Tomemos primeiro alguma coisa.

— Você me deu um grande susto —olveu Paul. — Não tinha a menor idéia do que havia acontecido. Felizmente, cheguei. Elisabeth me disse que estaria em casa ali pelas seis horas. Por sorte, cheguei mais cedo. Quem o fechou aí? Espero que sua empregada não tenha enlouquecido.

Albinus, de costas para o cunhado, ocupava-se em servir o conhaque.

— Você encontrou alguém na escada? — indagou, procurando falar com clareza.

— Subi pelo elevador — respondeu Paul.

“Estou salvo”, pensou Albinus, animando-se. (Mas fora estupidamente perigoso ter-se esquecido de que Paul também possuía uma chave do apartamento!) — Imagine o que me aconteceu — disse, enquanto sorvia o conhaque. — Um ladrão me entrou pela casa. Mas não diga nada a Elisabeth. Creio que pensou que não havia ninguém em casa. Ouvi, de repente, um ruído estranho na porta da frente. Saí de meu escritório para ver que ruído era aquele... e deparei com um homem a entrar sorrateiramente no quarto. Segui-o e procurei agarrá-lo, mas ele conseguiu despistar-me e fechou-me no quarto. Foi uma pena ter escapado. Julguei que você talvez o pudesse ter visto.

— Você está gracejando — disse Paul, estupefato.

— Não estou, absolutamente. Estava em meu escritório e ouvi ruídos na porta da frente. Saí para ver o que era e...

— Mas ele pode ter roubado alguma coisa. Vamos ver. E precisamos também comunicar à polícia.

— Oh, ele não teve tempo! — exclamou Albinus.

— Tudo se passou num segundo; eu o afugentei.

— Que aspecto tinha ele?

— Oh, apenas um homem de boné. Um homem grandalhão. De aspecto bastante vigoroso.

— Ele poderia ter ferido você. Que experiência desagradável! Vamos, precisamos examinar a casa.

Andaram pelos quartos. Examinaram fechaduras. Tudo estava em ordem. Foi só no fim de suas investigações, quando atravessavam a biblioteca, que um súbito sentimento de horror se apoderou de Albinus: ali, num canto, entre as estantes, bem atrás de uma banca de livros giratória, aparecia a barra de um vestido intensamente vermelho. Por puro milagre, Paul não o viu, embora estivesse a examinar tudo meticulosamente. Na sala contígua, havia uma coleção de miniaturas, e ele inclinou-se sobre o vidro em declive.

— Basta, Paul — disse Albinus, com voz rouca. — Não há razão para que prossigamos. Já está bastante claro que ele não levou nada.

— Como você está abalado! — exclamou Paul, quando voltaram ao escritório. — Meu pobre rapaz!

Olhe aqui: você precisa mandar trocar a fechadura ou, pelo menos, travar sempre o ferrolho. E quanto à polícia? Você não gostaria que eu...

— Psiu... — fez Albinus.

Aproximaram-se vozes e Elisabeth entrou, seguida de Irma, a pajem e uma das amiguinhas de sua filha — uma criança gorda que, apesar de seu ar tímido e apático, podia ser, às vezes, quase turbulenta. Para Albinus, aquilo tudo parecia um pesadelo. A presença de Margot na casa era uma coisa monstruosa, insuportável... A criada voltou com os livros: não encontrara o endereço (o que não era de espantar). O pesadelo tomou-se pavoroso. Albinus sugeriu fossem ao teatro aquela noite, mas Elisabeth respondeu que estava cansada. Durante o jantar, ele se manteve de ouvidos tão atentos a qualquer farfalhar suspeito, que não percebeu o que estava comendo (na verdade, *roast-beef* com *pickles*). Paul esteve o tempo todo a olhar em tomo, a tossir de vez em quando, agitado... Se ao menos o idiota intrometido, pensou Albinus, permanecesse em seu lugar e não se pusesse a andar de um lado para outro... Mas havia ainda outra terrível possibilidade: as crianças poderiam começar a correr pelas salas., e ele não se atrevia a ir

fechar a porta do escritório. Isso poderia causar complicações inimagináveis. Graças a Deus, a amiguinha de Irma foi logo embora, e Irma foi levada para a cama. A tensão, porém, continuou. Tinha a impressão de que todos eles — Elisabeth, Paul, a pajem e ele próprio — se espalhavam por todo o apartamento, em lugar de permanecer juntos, como deviam, a fim de dar a Margot uma oportunidade de sair furtivamente — se é que ela, com efeito, tinha essa intenção.

Finalmente, ali pelas onze horas, Paul retirou-se. Como sempre, Frieda trancou a porta. Margot, agora, não poderia sair!

— Estou morrendo de sono — disse Albinus à esposa, bocejando nervosamente.

Depois, não conseguia parar de bocejar. Foram para a cama. Toda a casa estava em silêncio. Elisabeth estava prestes a apagar a luz.

— Durma você — disse Albinus. — Acho que vou ler um pouco.

Ela sorriu, sonolenta, indiferente àquela incoerência.

— Quando voltar, não me acorde — sussurrou-lhe.

Tudo estava quieto demais para ser normal. O silêncio parecia estar subindo, subindo: de repente, transbordaria, rompendo numa gargalhada. Ele deslajara para fora da cama e, de pijama e chinelos de feltro, seguia, sem fazer ruído, pelo corredor. Estranho: todo o pavor desaparecera. O pesadelo se dissipara, convertendo-se na viva e doce sensação de liberdade absoluta, peculiar aos sonhos pecaminosos.

Albinus, enquanto seguia pelo corredor, desabotoou a gola do pijama. Tremia-lhe o corpo todo. “Dentro de um momento... dentro de um momento, ela será minha”, pensou.

Abriu com cuidado a porta da biblioteca e acendeu o *abat-jour* de luz suave.

— Margot, “sua” coisinha louca — sussurrou, febril.

Mas o pedaço de tecido que vira pertença a uma almofada de seda, vermelha, que comprara poucos dias antes para servir-lhe de apoio, enquanto consultava a *História da Arte* de Nonnenmacher — dez volumes *in-folio*.

SETE

Margot informou sua senhoria de que logo se mudaria. Tudo corria esplendidamente.

O apartamento de Albinus convencera-a da solidez da fortuna -de seu admirador. Além disso, a julgar pela fotografia que vira sobre o criado-mudo, sua esposa não era de modo algum o que ela imaginara: uma mulherona imponente, de expressão sombria e férreo aperto de mão; pelo contrário, parecia uma espécie de criatura vaga e tranqüila, de quem a gente podia desembaraçar-se sem muito trabalho.

E Albinus agradava-lhe bastante: era um cavalheiro que cheirava a talco e a bom tabaco. Ela não poderia, claro, esperar uma repetição do êxtase que lhe proporcionara o seu primeiro caso de amor. Mas evitaria pensar em Miller, em suas faces encovadas e brancas, em seus cabelos negros e revoltos, em suas longas e hábeis mãos.

Albinus poderia acalmá-la e dissipar-lhe a febre — como essas folhas frescas e emolientes, tão confortadoras quando aplicadas a um lugar inflamado. Mas havia mais. Ele não era apenas rico; pertencia, ainda, a esse mundo que permitia fácil acesso ao palco e à tela.

Muitas vezes, atrás da porta fechada de seu próprio quarto, diante do espelho, ela ensaiava toda a espécie de maravilhosas expressões fisionômicas, ou se encolhia diante do cano de um revólver imaginário. E parecia-lhe que representava e sorria tão bem quanto qualquer estréia de cinema.

Após porfiada e exaustiva busca, encontrou um apartamento bastante simpático, num bairro elegante. Albinus sentia-se ainda tão transtornado pela visita que Margot lhe fizera, tão condoído de si mesmo, que não fez a menor objeção em meter-lhe na bolsa um maço de notas, durante seu passeio noturno. Ademais, permitiu que ele a beijasse, ocultos sob um pórtico. O fogo daquele beijo ainda o envolvia como uma auréola colorida, quando voltou para casa. Não conseguiu deixá-lo de lado no vestíbulo, como fez com o seu chapéu preto e, ao entrar na alcova conjugal, pensou que a esposa talvez percebesse aquele halo.

Mas jamais ocorrera a Elisabeth — à plácida Elisabeth de trinta e cinco anos — que seu marido pudesse enganá-la. Sabia que ele tivera algumas pequenas aventuras antes do casamento, e lembrava-se de que ela própria, quando menina, estivera secretamente apaixonada por um velho ator que costumava visitar-lhe o pai e animar o jantar com belas imitações dos ruídos que se ouvem junto a uma casa de fazenda. Tinha ouvido e lido que maridos e mulheres viviam constantemente a trair uns aos outros; o adultério, com efeito, constituía a essência das bisbilhotices, da poesia romântica, das históricas cômicas e de óperas famosas. Mas ela estava simples e firmemente convencida de que o seu próprio casamento constituía um laço muito especial, precioso e puro, que jamais poderia romper-se.

As saídas noturnas do marido — que, segundo ele lhe explicava, eram motivadas pelo interesse de alguns artistas naquela sua idéia de cinema — jamais lhe despertou a mínima suspeita. A irritabilidade e nervosismo de Albinus, ela os atribuía ao tempo, que, naquele mês de maio, se mostrava bastante incomum: em alguns momentos, fazia calor; depois, logo a segui, caíam torrentes de chuva, misturadas a saraivadas que saltitavam nos parapeitos das janelas como minúsculas bolas de tênis.

— Que tal se fizéssemos uma viagem? — sugeriu ela, em tom casual, certo dia. — Tirol? Roma?

— Vá você, se quiser — respondeu Albinus. — Quanto a mim, tenho muito que fazer aqui, querida.

— Oh, não, foi apenas uma idéia —olveu ela, saindo, em companhia de Irma, rumo ao Zoológico, para ver o elefante recém-nascido, que, segundo constataram, não tinha ainda presas, mas apenas uma penugem que lhe corria por toda a extensão do dorso.

Com Paul, a questão era diferente. O episódio da porta fechada deixara-o tomado de estranha inquietude. Albinus não só deixara de notificar a polícia, como ainda se mostrava molesto quando Paul voltava ao assunto. Então Paul não podia esquecer a coisa! Este, procurava lembrar se não tinha visto, talvez, algum personagem suspeito, ao entrar na casa e dirigir-se ao elevador. Era muito observador,

pensava ele; notara, por exemplo, um gato que saltara à sua passagem e se encolhera entre as grades do jardim, uma colegial trajada de vermelho, a quem, segurando a porta, cedera lugar, risos e música vindos da habitação do zelador, onde o rádio, como sempre, estava ligado. Sim, o ladrão devia ter descido pelas escadas, enquanto ele subia pelo elevador. Mas, que é que o levava a pensar numa coisa assim tão vil?

A felicidade doméstica de sua irmã era uma coisa sagrada para ele. Quando, decorridos alguns dias, ligou para a casa de Albinus, a linha se cruzou e ele ouviu certas palavras (o método clássico do destino: palavras ouvidas por acaso). Quase engoliu, de espanto, o pau de fósforo com que estava palitando os dentes.

— Não me pergunte; compre o que quiser — dizia Albinus.

— Mas então você não vê, Albert... — redargüia uma voz feminina, vulgar e caprichosa.

Com um calafrio, Paul colocou o fone no gancho, como se, inadvertidamente, tivesse apanhado uma cobra.

Aquela noite, ao sentar-se em companhia da irmã e do cunhado, cruzou as gordas pernas, consultou o relógio e tornou a colocá-lo, sem ter visto hora alguma, no bolso do colete. Não lhe ocorria coisa alguma sobre que pudesse falar. Ficou apenas ali sentado, constrangido e nervoso, a esfregar o queixo, a cruzar e a descruzar as pernas, como essas criaturas sensíveis que coram culposamente quando alguma outra pessoa comete alguma falta.

Poderia aquele homem, que ele amava e respeitava, estar enganando Elisabeth?

“Não, não! Deve haver algum equívoco, algum mal-entendido idiota”, repetia de si para consigo, lançando olhares furtivos a Albinus, que lia um livro, a fisionomia impassível, a pigarrear de vez em quando, ao abrir as páginas com uma espátula de marfim... “Impossível!”

Aquele quarto fechado é que me pôs no espírito estas coisas. As palavras que ouvi admitem, certamente, alguma explicação inocente. Como poderia alguém trair Elisabeth?”

Ela estava aninhada num canto do sofá, contando, lenta e minuciosamente, o enredo de uma peça que vira. Seus olhos claros, sob os quais se viam as leves sardas, eram tão cândidos como tinham sido os de sua mãe, e seu nariz, sem pó de arroz, brilhava pateticamente. Tão absorto estava Paul, que, para ele, era como se ela estivesse falando russo. Súbito, durante um segundo apenas, surpreendeu os olhos de Albinus a fitá-lo por sobre o livro.

OITO

Entrementes, Margot alugara o apartamento e dedicava-se à compra de numerosos objetos domésticos, começando por urna geladeira. Embora Albinus pagasse tudo generosamente, e mesmo com urna certa emoção agradável, estava lhe dando o dinheiro em confiança, pois que, além de não ter visto ainda o apartamento, não lhe sabia sequer o endereço. Ela lhe dissera que seria muito mais interessante, se ele não o visse enquanto o mesmo não estivesse completo.

Passou-se uma semana. Albinus julgou que ela lhe telefonaria no sábado. Esteve o dia todo a montar guarda ao telefone. Mas este apenas brilhava, mudo. Na segunda-feira, convenceu-se de que Margot o enganara — que desaparecera para sempre. À noite, Paul chegou. Aquelas visitas eram, agora, verdadeiro inferno para ambos. E, pior ainda, Elisabeth não estava em casa. Paul sentou-se no escritório diante de Albinus, a fumar e a olhar a ponta de seu charuto. Tinha até mesmo emagrecido, ultimamente. “Ele sabe de tudo”, pensou Albinus, desolado. “Bem. Se souber, o que tem isso? Ele é homem; deve compreender”.

Irma entrou e a fisionomia de Paul iluminou-se. Tomou-a no colo e emitiu um grunhidozinho engraçado, quando ela lhe enfiou o punho no estômago, ao ajeitar-se.

Depois, Elisabeth chegou de um chá-bridge. A idéia do jantar e da longa noite que viria a seguir pareceu a Albinus mais do que ele poderia suportar. Anunciou, pois, que não jantaria em casa. A esposa perguntou-lhe, com bons modos, por que não o dissera antes.

Tinha apenas um desejo: encontrar Margot imediatamente, a qualquer custo. O destino, que tanto lhe prometera, não tinha agora o direito de enganá-lo. Sentia-se tão desesperado, que resolveu dar um passo bastante ousado. Sabia o endereço de seu antigo quarto — e que ela lá morava em companhia da tia. E para lá se dirigiu. Ao entrar, viu, através de uma janela aberta do rés-do-chão, uma jovem empregada a preparar uma cama.

Interrogou-a.

— Fräulein Peters? — repetiu a môça, segurando o travesseiro que estava afofando.

— Oh, acho que ela se mudou. Mas é melhor o senhor mesmo verificar. Quinto andar, porta à esquerda.

Uma mulher desmazelada, olhos injetados de sangue, entreabriu uma porta, sem tirar a corrente de segurança, e perguntou-lhe o que desejava.

— Desejo saber o novo endereço de Fräulein Peters. Ela morava aqui com a tia.

— Oh, morava? — disse a mulher, subitamente interessada, abrindo a porta.

Feito isso, conduziu-o a uma pequena sala de visitas, onde todos os objetos se balançavam e retiniam ao menor movimento. Sobre um pedaço de papel de embrulho, com manchas marrons, circulares, havia um prato com purê de batatas, um saquinho de papel, rasgado, contendo sal, e três garrafas vazias de cerveja. Com um sorriso misterioso, ela o convidou a sentar-se.

— Se eu fosse tia dela — disse, piscando um olho — era bem provável que não soubesse o seu endereço. — Não — acrescentou com certa veemência — ela não tem tia alguma.

“Está bêbeda”, pensou, cansado, Albinus.

— Ouça — indagou — será que não pode me dizer para onde ela foi?

— Eu aluguei-lhe um quarto — disse a mulher, pesarosa, pensando, com amargura, na ingratidão de Margot, ao ocultar-lhe a existência daquele seu amigo rico e de seu novo endereço, embora não lhe tivesse dado muito trabalho farejar este último.

— Que é que posso fazer? — perguntou Albinus. — Será que a senhora não pode fazer-me alguma sugestão?

Sim, Margot fora tristemente ingrata. Ela a ajudara tanto e, agora, não sabia bem se, ao dar àquele senhor o seu endereço, estaria prestando ou não um serviço a Margot (preferia não estar); mas aquele cavalheiro grande, nervoso, de olhos azuis, parecia tão infeliz, que ela, com um suspiro, lhe deu a informação desejada.

— Noutros tempos, eles também costumavam me procurar — murmurou ela, sacudindo a cabeça, enquanto lhe abria a porta. — Oh, se costumavam!...

Eram sete e meia. Começavam a acender-se as luzes, e seu suave brilho alaranjado tinha um aspecto encantador, à luz pálida do crepúsculo. O céu estava ainda inteiramente azul, com uma única nuvem cor de salmão à distância, e todo aquele instável equilíbrio entre luz e sombra fazia com que Albinus se sentisse estonteado.

“Dentro de um momento, estarei no paraíso”, pensava ele, enquanto o táxi corria sobre o asfalto sussurrante.

Três altos choupos erguiam-se defronte ao grande edifício de tijolos onde ela agora morava. Uma placa de metal, nova em folha, com o seu nome, achava-se fixada à porta do apartamento. Uma mulher enorme, com braços que pareciam postas de carne crua, foi anunciar sua chegada. “Já arranjou uma cozinheira”, pensou, satisfeito.

— Entre — disse a cozinheira, voltando.

Albinus alisou os cabelos escassos e entrou.

Margot estava deitada, de quimono, num horroroso sofá coberto de chita, os braços cruzados sob a cabeça. Sobre o estômago, tinha um livro aberto, a capa voltada para cima.

— Você é rápido — comentou, estendendo-lhe frouxamente a mão.

— Você não parece nada surpresa de me ver — disse ele, em voz baixa. — Imagine como foi que descobri seu endereço.

— Eu lhe escrevi, mandando o endereço — respondeu Margot, com um suspiro, tornando a erguer ambos os cotovelos.

— A coisa foi um tanto divertida — prosseguiu Albinus, sem atentar naquelas palavras, deliciado apenas com a visão daqueles lábios pintados que, dentro de um momento... — um tanto divertida... principalmente porque você esteve zombando de mim, quanto ao que se refere àquela sua tia.

— Por que foi lá? — indagou Margot, subitamente zangada. — Enviei a você o endereço... no canto superior do envelope, de modo bastante claro.

— No canto superior? De modo claro? — repetiu Albinus, contraindo, perplexo, o rosto.

Margot fechou bruscamente o livro e sentou-se no sofá.

— Então não recebeu minha carta?

— Que carta? — perguntou Albinus, levando, de repente, a mão à boca e arregalando os olhos.

— Escrevi-lhe uma carta esta manhã — respondeu ela, tornando a deitar-se e fitando-o com curiosidade.

— Esperava que você a recebesse pelo correio da tarde e viesse logo ver-me.

— Você não escreveu!

— Claro que escrevi. Posso dizer-lhe, mesmo, exatamente o que escrevi: “Querido Albert: O pequeno ninho está preparado, e a avezinha acha-se à sua espera. Espero apenas que você não me aperte muito entre os braços, pois poderá virar ainda mais a cabeça de sua garotinha”. Mais ou menos isso.

— Margot — sussurrou Albinus, rouco. — Margot, que foi que você fez? Saí de casa cedo, antes que tivesse tempo de recebê-la. O carteiro... ele não chega antes das sete e quarenta e cinco. Agora, são...

— Bem, a culpa não foi minha. Na verdade, você é um homem difícil de se contentar. Era uma carta tão doce!

Ela deu de ombros, apanhou o livro e entregou -lho Na página de rosto havia uma fotografia de Greta Garbo.

Albinus viu-se a pensar: “Estranho! Acontece um desastre e a gente ainda presta atenção a uma fotografia”. Vinte para as oito. Margot ali estava, o corpo recurvo e imóvel, como um lagarto.

— Você destruiu... — exclamou ele, a plenos pulmões.

Mas não terminou a frase. Saiu correndo, desceu às pressas a escada, meteu-se num táxi e, sentado na beira do assento, inclinado para a frente (ganhando, assim, algumas polegadas), permaneceu com os olhos fixos na nuca do chofer. Uma nuca inútil.

Chegou, saltou do carro, pagando a corrida como os homens fazem nos filmes — lançando uma moeda no ar. Junto à grade do jardim, viu a figura familiar do carteiro magro, de pernas arqueadas, conversando com o porteiro, baixo e corpulento.

— Alguma carta para mim? — indagou Albinus, sem fôlego.

— Acabo de entregá-las — respondeu o carteiro, com um sorriso amável.

Albinus olhou para o alto. As janelas de seu apartamento, todas elas, estavam vivamente iluminadas... coisa nada comum. Com tremendo esforço, entrou no prédio e pôs-se a subir as escadas. Chegou ao primeiro patamar... ao segundo. “Deixe-me explicar... Uma jovem artista necessitada... Meio amalucada... Costumava escrever cartas de amor a estranhos...” Tolice. As cartas já estavam jogadas.

Antes de chegar à porta, girou, de repente, nos calcanhares, e tornou a descer, correndo, as escadas. Um gato atravessou o jardim e passou, ágil, por entre as grades de ferro.

Dez minutos depois, estava de novo na sala em que entrara, tão alegre, pouco antes.

Margot achava-se ainda enrolada no sofá, na mesma posição... um lagarto letárgico. O livro estava ainda aberto na mesma página. Albinus sentou-se um pouco longe dela e pôs-se a estalar os dedos.

— Não faça isso — disse Margot, sem levantar a cabeça.

Ele deixou de fazê-lo; mas recomeçou pouco depois.

— Oh, Margot! — exclamou, pigarreando várias vezes. — Tarde demais, tarde demais! — gritou com voz estridente.

Levantou-se, pondo-se a andar de um lado para outro pelo quarto. Depois, assoou o nariz e tornou a sentar-se na poltrona.

— Ela lê todas as minhas cartas — disse ele, fitando através de uma névoa úmida, a ponta do sapato, procurando ajustá-lo ao desenho trêmulo do tapete.

— Bem, você devia proibir que ela fizesse isso.

— Margot, você não compreende... Sempre goste disso... Era um hábito, um prazer.

Às vezes, elas se extraviavam, antes que eu as lesse. Havia uma porção de cartas divertidas.

Como é que você pôde fazer isso? Não consigo imaginar o que ela fará, agora. Se, por um milagre, apenas esta vez... Talvez ela estivesse ocupada com alguma coisa... talvez... Não!

— Procure não aparecer, quando ela vier aqui. Eu a receberei sozinha, no hall.

— Quem? Quando? — perguntou Albinus, lembrando-se vagamente da megera bêbeda que ele vi ra.. havia séculos.

— Quando? A qualquer momento, creio eu. Ela agora tem o meu endereço, não tem?

Albinus ainda não conseguia entender.

— Oh, então é isso o que você quer dizer... — murmurou, por fim. — ‘Como você é tola, Margot. Acredite: isso é uma coisa impossível..., inteiramente impossível. Qualquer outra coisa..., menos isso.

‘Tanto melhor, então’, pensou Margot, sentindo-se, súbito, eufórica.

Ao enviar a carta, imaginara conseqüências muito mais triviais: ele recusa-se a mostrá-la, a esposa fica furiosa, bate o pé, tem um ataque de nervos. Assim, as primeiras suspeitas já tinham sido despertadas... e isso facilitava as coisas. Mas, tal como acontecera, o acaso a ajudara, e o caminho mostrava-se, de um só golpe, desimpedido. Deixou o livro cair ao chão e sorriu, ao fitar-lhe o rosto

contraído, deprimido. Era tempo de agir, pensou.

Espreguiçou-se, sentiu um agradável formigamento em seu corpo esguio, e disse, olhando o teto: — Venha cá.

Ele aproximou-se, sentou-se à beira do sofá e abanou a cabeça, desolado.

— Beije-me — disse ela, fechando os olhos. — Eu o consolarei.

NOVE

Zona oeste de Berlim. Manhã de maio. Homens de bonés brancos limpando as ruas.

Quem são esses que deixam as botas de borracha junto à sarjeta? Pardais agitando-se em meio da hera. Um furgão elétrico de distribuição de leite, deslizando cremosamente sobre pneumáticos macios. O sol a cintilar na janela de um sótão, sobre um telhado em declive, de telhas verdes. O próprio ar fresco e novo não estava ainda habituado ao ruído do tráfico distante: delicadamente, apanhava os sons e os transportava como algo frágil e precioso.

Nos jardins da frente os lilases da Pérsia estavam em flor. Apesar da frescura daquela primeira hora matinal, adejavam, já, borboletas brancas, como num rústico jardim. Todas essas coisas rodeavam Albinus, quando saiu da casa em que passara a noite.

Sentia ele vago desconforto. Tinha fome; não se banhara nem fizera a barba; o contacto da camisa da véspera, sobre a pele, era-lhe exasperante. Estava completamente exausto... e isso não era de espantar. Aquela tinha sido a noite com que sonhara havia anos.

A própria maneira pela qual Margot unira as omoplatas, ronronando como uma gata, quando ele lhe beijara as costas lanugentas, dera-lhe a certeza de que conseguiria exatamente o que desejava — e o que ele desejava não era bem o calafrio da inocência. Como em seus devaneios mais arrojados, tudo era permitido; um amor puritano, cheio de reservas pudicas, era menos conhecido, naquele novo e livre mundo, do que ursos brancos em Honolulu.

A nudez de Margot era tão natural como se ela estivesse há muito acostumada a correr pelas praias de seus sonhos. Havia algo deliciosamente acrobático em sua maneira de portar-se na cama. Depois, deslisava para fora da cama e punha-se a pavonear-se pelo quarto, meneando os quadris pubescentes e roendo uma rosca seca que sobrara do jantar.

Adormeceu quase que instantaneamente, como se tivesse deixado de falar no meio de uma frase, quando a luz elétrica já esmaecia num matiz de cela mortuária e a janela adquiria um tom fantasmagoricamente azul. Albinus dirigiu-se ao banheiro, mas só conseguiu tirar da torneira algumas gotas de água cor de ferrugem. Suspirou, apanhou, com dois dedos, um pedaço de sabonete no fundo da banheira, examinou o escorregadio sabonete cor de rosa e pensou que deveria dar umas instruções a Margot quanto a normas de limpeza. Batendo os dentes, vestiu-se. Depois, estendeu um edredom sobre Margot, que dormia docemente, beijou-lhe os cabelos cálidos e revoltos, escreveu, a lápis, um bilhete, que deixou sobre o criado-mudo, e saiu na ponta dos pés.

Agora, enquanto caminhava sob o sol suave, compreendeu que estava prestes a começar a prestação de contas. Quando viu a casa em que vivera tanto tempo com Elisabeth; quando subiu no elevador em que, oito anos antes, havia subido a pajem com a criança nos braços e Elisabeth, muito pálida e feliz; quando parou diante da porta em que seu nome professoral brilhava tranqüilizadamente, Albinus sentiu-se quase disposto a renunciar a qualquer repetição da noite anterior, se acontecesse algum milagre. Estava convencido de que, se Elisabeth não houvesse lido a carta, ele poderia, de algum modo, explicar sua ausência... Poderia dizer-lhe que tentara, por brincadeira, fumar ópio no apartamento de um artista japonês com quem jantara certa vez. . . Isso seria bastante plausível.

Mas, agora, tinha de abrir a porta, entrar, ver... Que veria ele? Não seria melhor, acaso, não entrar... deixar as coisas como estavam, abandonar tudo, desaparecer?

Lembrou-se, de repente, de como, durante a guerra, obrigara a si mesmo a não se encolher demais, quando deixava o abrigo.

No vestíbulo, ficou imóvel, à escuta. Som algum. Em geral, àquela hora da manhã, o apartamento

estava cheio de ruídos; em alguma parte, deveria estar correndo água, a pajem deveria estar falando em voz alta com Irma, a empregada fazendo barulho na sala de jantar...

Nenhum ruído! No canto, a sombrinha de Elisabeth. Procurou encontrar algum consolo nisso. Súbito, enquanto se encontrava ali de pé, Frieda apareceu, vinda do corredor, sem avental. Fitou-o, surpresa, e disse-lhe, miserável: — Oh, meu senhor! Foram todos embora ontem à noite.

— Para onde? — indagou Albinus, sem fitá-la.

Ela contou-lhe tudo. Falava depressa e em voz alta, num tom que não lhe era habitual. Depois rompeu em lágrimas, ao tomar-lhe o chapéu e a bengala.

— Gostaria de tomar café? — perguntou ela, num gemido.

A desordem do quarto dizia tudo. As camisolas de Elisabeth jaziam sobre a cama.

Uma das gavetas da cômoda estava aberta. O retratinho de sua falecida sogra havia desaparecido da mesa. Uma ponta do tapete estava virada.

Albinus desdobrou-a e dirigiu-se em silêncio para a biblioteca. Havia algumas cartas sobre a mesa. Ah, lá estava ela, aquela caligrafia infantil... Má ortografia, má ortografia. Um convite para almoço, com os Dreyers. Gesto delicado, o deles. Uma carta, breve, de Rex. A conta do dentista. Esplêndido.

Duas horas mais tarde, Paul apareceu. Albinus viu que ele se barbeara desajeitadamente. Alguns esparadrapos pretos em cruz no rosto médio.

— Vim buscar algumas coisas — disse, ao passar.

Albinus seguiu-o, algumas moedas a tilintar no bolso da calça, e ficou a olhar, em silêncio, enquanto o cunhado e Frieda faziam apressadamente a mala, como se tivessem de apanhar um trem.

— Não esqueça de levar a sombrinha — disse Albinus, vagamente.

Depois, tornou a segui-los e a arrumação da mala se repetiu no quarto dos brinquedos. No quarto de Fräulein, uma valise já estava pronta. Levaram também isso.

— Paul, apenas uma palavra — murmurou Albinus e, pigarreando, entrou na biblioteca.

Paul entrou e ficou junto da janela.

— Isto é uma tragédia — disse Albinus.

— Deixe-me dizer-lhe uma coisa — exclamou, afinal, Paul, olhando através da janela. — Será uma grande sorte se Elisabeth sobreviver a este choque. Ela...

E explodiu de uma vez. As cruces de esparadrapo, em seu rosto, subiam e desciam: — Ela está como morta, por assim dizer. Você fez... Você é... Na verdade, você é um patife, um perfeito patife.

— Você não está sendo um tanto rude? — disse Albinus, procurando sorrir.

— É monstruoso! — gritou Paul, fitando, pela primeira vez, o cunhado. — Onde foi que você a encontrou? Como foi que essa prostituta se atreveu a escrever-lhe?

— Calma, calma — recomendou Albinus, passando a língua pelos lábios.

— Eu lhe darei uma lição, juro que darei! — gritou, ainda mais alto, Paul.

— Lembre-se de Frieda — murmurou Albinus. — Ela pode ouvir tudo.

— Você é capaz de me responder uma coisa? — disse Paul, procurando agarrar-lhe a lapela do paletó.

Mas Albinus, com um sorriso de asco, afastou-lhe a mão com um tapa.

— Recuso-me a ser interrogado — sussurrou. — Tudo isto é extremamente penoso.

Será que você não pode imaginar que houve um horrível mal-entendido? Suponhamos...

— Você mente! — trovejou Paul, batendo com uma cadeira no chão. — “Seu” cafajeste! Acabo de vê-la. Uma pequena meretriz, que deveria estar num reformatório. Eu sabia que você estava mentindo, seu plebeu!... Como pôde fazer tal coisa? Isso não é um simples vício; é...

— Basta — interrompeu Albinus, com voz quase inaudível.

Passou pela rua um caminhão; as vidraças da janela retiniram ligeiramente.

— Oh, Albert! — disse Paul, num tom inesperadamente calmo e melancólico. — Quem poderia pensar...

Saiu da biblioteca. Frieda soluçava no vestíbulo. Alguém apanhou a bagagem.

Depois, tudo era silêncio.

DEZ

Aquela tarde, Albinus fez sua mala e dirigiu-se, de táxi, para o apartamento de Margot. Não fora nada fácil convencer Frieda de que devia ficar no apartamento vazio.

Afinal, ela concordou, quando ele propôs que o seu companheiro, um digno sargento de polícia, poderia ocupar o quarto que pertencera à pajem. E, se alguém telefonasse, ela deveria dizer que Albinus partira com a família, inesperadamente, para a Itália.

Margot recebeu-o com frieza. Aquela manhã, fora importunada por um cavalheiro gordo e irado, que estava à procura de seu cunhado. O visitante dissera-lhe vários nomes ofensivos. A cozinheira, mulher particularmente robusta, pusera-o para fora, graças a Deus.

— Na verdade, este apartamento só tem espaço para uma pessoa — disse ela, lançando um olhar à mala de Albinus.

— Oh, por favor — murmurou ele, infeliz.

— De qualquer modo, há uma porção de coisas que precisamos conversar. Não tenho intenção alguma de ouvir insultos de seus parentes idiotas — ajuntou, caminhando de um lado para outro pelo quarto em seu peignoir de seda vermelha, a mão direita enfiada sob a axila esquerda, a tirar longas baforadas de um cigarro.

Os cabelos escuros caídos sobre a testa, parecia uma cigana.

Depois do chá, ela saiu para comprar um gramofone. Por que um gramofone? E

justamente num dia daqueles... Inteiramente exausto e com uma dor de cabeça de rachar, Albinus deitou-se no sofá, naquela odiosa sala de estar. “Algo inenarravelmente terrível aconteceu, mas estou, na verdade, bastante calmo”, pensou. “O desmaio de Elisabeth durou vinte minutos, após o que se pôs a gritar. Devia ter sido terrível ouvi-la; mas estou inteiramente calmo. Ela é ainda minha esposa e eu a amo, mas darei um tiro na cabeça, claro, se ela morrer por minha causa. Gostaria de saber como foi que explicaram a Irma a mudança para o apartamento de Paul e toda aquela pressa, todo aquele tumulto. Foi horrível a descrição de Frieda: “... e madame gritava, gritava...” Estranho, pois Elisabeth jamais levantara a voz em toda a sua vida.

No dia seguinte, enquanto Margot estava ausente, comprando discos, Albinus escreveu uma longa carta. Nela, assegurou à esposa, com toda a sinceridade, embora, talvez, num estilo demasiado florido, que ele a adorava como antes, após aquela pequena escapada, “que destruiu a felicidade de nossa família como a faca de um louco que golpeia um quadro”.

Lacrimoso, atento aos ruídos, com receio de que Margot pudesse chegar, continuou escrevendo, soluçando e murmurando coisas para si próprio. Pedia perdão à esposa, mas sua carta não tinha indicação alguma de que estava disposto a renunciar à amante.

Não recebeu resposta.

Compreendeu, então, que, se não quisesse continuar a atormentar-se, devia apagar da memória a imagem de sua família e abandonar-se inteiramente à paixão violenta, quase mórbida, que o alegre encanto de Margot lhe despertava. Ela, de sua parte, estava sempre pronta a corresponder aos seus carinhos. Aquilo, para ela, era um refrigério; mostrava-se jovial e despreocupada; o médico dissera-lhe, dois anos antes, que ela jamais poderia ter filhos — e ela encarava aquilo como uma dádiva, uma bênção.

Albinus ensinou-lhe a banhar-se diariamente, ao invés de lavar apenas as mãos e o pescoço, como até então fizera. Agora, suas unhas, tanto dos pés como das mãos, estavam sempre limpas, vermelhas e polidas.

Ele vivia a descobrir nela novos encantos... pequenas coisas comoventes que, em qualquer outra

jovem, ter-lhe-iam parecido grosseiras e vulgares. As linhas infantis de seu corpo, seu despudor e o obscurecimento gradual de seus olhos (como se fossem se extinguindo lentamente, como as luzes de um teatro) despertavam-lhe tal frenesi, que ele perdeu os últimos vestígios daquela timidez que sua pudica e delicada esposa exigia de seus abraços.

Receoso de encontrar pessoas conhecidas, quase nunca saía de casa. Era com relutância e, somente durante a manhã, que permitia que Margot saísse... em sua aventureira caçada a meias de seda e roupas íntimas. Surpreendia-o a falta de curiosidade de Margot: ela jamais lhe fazia perguntas acerca de sua vida passada. Às vezes, procurava fazer com que ela se interessasse pelo seu passado, falando-lhe de sua infância, de sua mãe, de quem se lembrava apenas vagamente, e de seu pai, vigoroso senhor rural, que muito amava os seus cães e os seus cavalos, o seu trigo e o seu milho, e que morrera de modo inteiramente súbito — de um acesso de riso viril, num salão de bilhar, onde um de seus hóspedes contava uma história obscena.

— Como era a história? Conte-me — pediu Margot. Mas ele já a havia esquecido.

Falou-lhe da paixão que sentira, desde cedo, pela pintura, de seus trabalhos, suas descobertas; contou-lhe de que modo uma tela podia ser restaurada por meio de alho e resina esmagados, os quais convertiam em pó o verniz antigo, e como, com a ajuda de um pedaço de flanela umedecida com terebintina, se podia avivar as cores esfumadas ou grosseiras dos retoques, fazendo-se surgir toda a beleza original do quadro.

Margot, porém, interessava-se mais pelo valor comercial da tela.

Falou-lhe a respeito da guerra, da fria lama das trincheiras, e ela perguntou-lhe por que razão, sendo ele rico, não conseguira ser transferido para algum lugar na retaguarda.

— Como você é divertida, querida! — exclamava Albinus, acariciando-a.

Margot começou a entediá-la, à noite. Queria ir a cinemas, restaurantes de luxo, lugares onde tocassem músicas negras.

— Você terá tudo, tudo — disse-lhe Albinus. — Espere apenas que eu me refaça.

Tenho toda a espécie de planos... Iremos logo para alguma praia.

Circunvagava o olhar pela sala e espantava-se de que ele, que sempre se orgulhara de não suportar coisa alguma que revelasse mau gosto, pudesse agüentar aquele aposento horroroso. Tudo, refletia ele, era embelezado pela sua paixão.

— Na verdade, instalamo-nos muito bem, não lhe parece, querida?

Ela, condescendente, concordava. Sabia que tudo aquilo era apenas temporário: a lembrança do apartamento luxuoso de Albinus ficara-lhe gravada no espírito; mas sabia, claro, que não precisava ter pressa.

Certo dia, em julho, quando voltava, a pé, do cabeleireiro, e já se aproximava de sua casa, alguém a agarrou pelo braço, acima do cotovelo. Ela voltou-se. Era o seu irmão Otto.

Este, sorriu-lhe de um modo desagradável, enquanto os seus dois amigos, parados à pouca distância, também sorriam.

— Prazer em vê-la, mana. Não foi muito amável de sua parte esquecer a sua gente.

— Largue-me — disse Margot calmamente, baixando os cílios.

Otto pôs ambas as mãos nos quadris, examinando-a de alto a baixo: — Excelente o seu aspecto! Parece, não há dúvida, uma jovem senhora.

Margot fez meia volta e pôs-se a andar. Mas Otto tornou a agarrar-lhe o braço, magoando-a. Ela lançou um leve “ai!”, como fazia quando criança.

— Olhe aqui. Este é o terceiro dia que a venho observando. Sei onde você mora.

Mas é melhor que caminhemos até um pouco mais longe.

— Largue-me — sussurrou Margot, procurando afrouxar-lhe os dedos.

Um transeunte parou, prevendo uma cena. Seu apartamento ficava muito perto.

Albinus poderia sair, por acaso, à janela. Seria um aborrecimento.

Cedeu à pressão do irmão. Otto fê-la dobrar a esquina; s outros dois, Kaspar e Kurt, os seguiram, caminhando com ar malandro, olhando-os de soslaio.

— Que é que você quer? — perguntou ela, fitando com aversão o boné ensebado do irmão e o cigarro que ele trazia atrás da orelha.

Com um gesto de cabeça, ele indicou o outro lado da rua: — Vamos até àquele bar.

— Não — gritou ela.

Mas os outros dois se aproximaram e, com resmungos ameaçadores, a -empurraram em direção da porta. Ela começou a sentir-se amedrontada.

No bar, uns poucos homens discutiam, em altos brados, as eleições que se aproximavam.

— Vamos sentar aqui, neste canto — disse Otto.

Sentaram-se. Margot lembrou-se vividamente, com uma espécie de espanto, do tempo em que todos eles costumavam sair juntos e entregar-se a pândegas suburbanas — ela, Otto e aqueles dois rapazes queimados de sol. Tinham-lhe ensinado a nadar e, sob a água, agarravam-lhe as coxas nuas. Kurt tinha uma âncora tatuada no antebraço e um dragão no peito. Estendiam-se na margem do lago e atiravam uns contra os outros punhados de areia pegajosa, macia. Logo que ela se deitava, davam-lhe palmadas no calção de banho molhado. Quão divertido era tudo aquilo, aquele grupo alegre e ruidoso... E o musculoso e loiro Kaspar, na beira do lago, a agitar os braços, como se estivesse tremendo de frio, e a berrar: “A água está gelada, gelada!” Quando estava nadando, mantinha a boca sob a água e gritava como uma foca. Depois, a primeira coisa que fazia, quando saía da água, era pentear o cabelo para trás e colocar cuidadosamente o boné na cabeça. Lembrou-se do jogo de bola a que se entregavam; depois ela se deitava e eles a cobriam de areia, deixando-lhe apenas o rosto de fora e pondo-lhe em cima uma cruz feita de seixos.

— Olhe aqui — disse-lhe Otto, depois que quatro cervejas claras apareceram sobre a mesa em copos de bordas douradas. — Você não precisa envergonhar-se de sua gente apenas porque arranjou um amigo rico. Pelo contrário, deve pensar em nós.

Tomou um gole de cerveja; os amigos fizeram o mesmo. Ambos observavam Margot com desdenhosa hostilidade.

— Você não sabe o que está dizendo — respondeu ela com sobrançeria. — A coisa é muito diferente do que você pensa. Na verdade, estamos noivos. Todos três romperam em gargalhadas. Margot sentiu tal repugnância, que voltou o rosto para outro lado, pondo-se a mexer no fecho da bolsa. Otto arrancou-lha da mão, abriu-a e encontrou em seu interior uma caixinha de pó de arroz, chaves, um lencinho e três marcos e cinqüenta, dos quais se apoderou.

— Isto dá para a cerveja — observou e, com uma pequena curvatura, colocou a bolsa diante da irmã.

Pediu mais cerveja. Margot também tomou alguns goles, com esforço: detestava cerveja, mas não queria que pensassem que ela estava fazendo fita.

— Posso ir, agora? — indagou, ajeitando o cabelo nas têmporas.

— O que? Então não gosta de estar sentada em companhia de seu irmão e seus amigos? — perguntou Otto, fingindo espanto. — Minha cara, você mudou muito! Mas... não tratamos ainda de negócios...

— Você já roubou meu dinheiro; agora posso ir embora.

Todos tornaram a resmungar, ameaçadores, e ela se sentiu de novo amedrontada.

— Nada de falar em roubo — disse Otto, áspero. — Isto não é seu dinheiro, mas dinheiro que você tirou de alguém que o surrupiou das classes trabalhadoras. De modo que é melhor você não falar em roubo, “sua”...

Dominou-se e prosseguiu, mais calmo: — Ouça uma coisa, você aí! Veja se arranja com o seu amigo algum dinheiro para nós, para a família. Uns cinqüenta marcos já servem, entendeu?

— Suponhamos que eu não o faça. E daí?

— Gozaremos, então, de nossa doce vingança — respondeu, calmamente, Otto. — Oh, sabemos tudo a seu respeito. Noiva! Essa é boa!...

Subitamente, Margot animou-se e sussurrou, os olhos baixos: — Está bem. Arranjarei o dinheiro. Só isso? Posso ir, agora?

— Boa menina! Por que tanta pressa? Além disso, precisamos nos ver um pouco mais. Que tal um passeio até o lago, qualquer dia destes, hem? — Voltou-se para os amigos: — Que farrá costumávamos fazer! Ela não precisa bancar assim a importante, não é verdade?

Mas Margot já se havia levantado e esvaziava o seu copo, de pé junto à mesa.

— Amanhã ao meio-dia, na mesma esquina — disse Otto. — Depois vamos passar o dia todo fora. De acordo?

— De acordo — respondeu Margot, com vivacidade.

Apertou a mão de todos e saiu.

Voltou para casa e, quando Albinus largou o jornal e se ergueu para recebê-la, ela cambaleou e fingiu que desmaiava. Foi uma exibição feita com indiferença, mas deu resultado. Albinus ficou alarmado, acomodou-a confortavelmente no sofá, trouxe-lhe um copo d'água.

— O que se passa? Diga-me — repetia ele, alisando-lhe os cabelos.

— Agora você me abandonará — gemeu Margot.

Albinus engoliu em seco e imaginou logo o pior: ela lhe havia sido infiel.

“Bem, nesse caso eu a matarei”, pensou incontinenti. Mas, em voz alta, tornou a perguntar, bastante calmo: — O que que há, Margot?

— Eu o enganei — choramingou ela.

“Ela tem de morrer”, pensou Albinus.

— Enganei-o terrivelmente, Albert — prosseguiu. Em primeiro lugar, meu pai não é artista: antes era ferreiro; agora é porteiro. Minha mãe limpa escadas e meu irmão é um operário comum. Tive uma infância dura, muito dura. Fui espancada, torturada.

Albinus sentiu estranho alívio, seguido de um sentimento de viva piedade.

— Não, não me beije. Você precisa saber tudo. Fugi de casa. Ganhei dinheiro como modelo. Uma velha terrível me explorou. Depois tive um caso amoroso. Ele era casado, como você, e a esposa não queria conceder-lhe o divórcio, de modo que o abandonei, pois não podia suportar a idéia de ser apenas sua amante... embora eu o amasse loucamente.

Depois fui perseguida por um velho banqueiro. Ofereceu-me toda a sua fortuna, mas eu, naturalmente, recusei. Ele morreu de uma crise cardíaca. Depois, aceitei aquele emprego no “Argus”.

— Oh, meu pobre, pobre coelhinho perseguido — murmurou Albinus (que, incidentalmente, deixara de pensar, havia muito, que ele havia sido o seu primeiro amante).

— E você jura que não me despreza? — perguntou ela, sorrindo-lhe através das lágrimas, o que era difícil, vendo que não havia lágrimas através das quais sorrir.

— Alegra-me que você não me despreze. Agora, porém, deixe-me contar a parte mais terrível disso tudo: meu irmão descobriu onde eu moro. Encontrei-o, hoje, e ele exige dinheiro..., está procurando fazer chantagem comigo, pois pensa que você nada sabe..., a respeito do meu passado. Quando o vi, pensei que era uma desgraça ter um tal irmão... e pensei, também, que você, meu querido, tão confiante, não tinha a menor idéia de como era a minha família... Você compreende... eu sentia muita vergonha deles... e como não tinha dito a você a verdade...

Albinus tomou-a nos braços e pôs-se a embalá-la; teria cantado uma canção de ninar, se soubesse alguma. Ela pôs-se a rir baixinho.

— Que é que devemos fazer? — indagou ele. — Agora terei receio de deixar você sair sozinha. Acha que devemos comunicar à polícia?

— Oh, não! Isso não! — exclamou Margot com extraordinária ênfase.

ONZE

No dia seguinte, pela primeira vez, Albinus a acompanhou, quando ela saiu. Margot queria muitos vestidos leves, maiôs, e quilos de cremes que ajudassem o sol a bronzear-lhe a pele. Solfi, a estação balneária do Adriático que Albinus escolhera para a sua primeira viagem juntos, era um lugar quente e ensolarado. Quando iam entrando num táxi, Margot viu o irmão parado no outro lado da rua, mas não o mostrou a Albinus.

Apresentar-se em público em companhia de Margot, era coisa que causava a Albinus vivo constrangimento; não conseguia habituar-se à sua nova posição. Quando voltaram, Otto havia desaparecido. Margot supôs, acertadamente, que Otto ficara muito magoado e que iria agir, agora, insensatamente.

Dois dias antes de sua partida, Albinus achava-se sentado a uma mesa particularmente inconfortável, a escrever uma carta, enquanto que, no quarto contíguo, Margot arrumava suas coisas numa mala nova, preta e brilhante. Ele ouvia um ruído de papel de seda e uma pequena canção que Margot sussurrava para si mesma, entre dentes.

“Como é estranho tudo isto”, pensava ele. “Se me dissessem, na véspera de Ano Novo, que a minha vida, dentro de poucos meses, se modificaria assim tão completamente...”

Margot derrubou alguma coisa no quarto contíguo. O cantarolar cessou por um momento; depois prosseguiu, baixinho.

“Seis meses atrás, eu era um marido modelo num mundo em que não existia Margot.

Rápido, sem dúvida, o trabalho do destino! Outros homens podem conciliar uma vida feliz de família com pequenas infidelidades, mas, no meu caso, tudo foi logo por água abaixo. Por que isso? E aqui estou eu sentado, parecendo pensar clara e sensatamente. Mas, na verdade, o terremoto está em pleno curso, e só Deus sabe como se resolverão as coisas...”

De repente, a campainha tocou. Saindo de três aposentos diferentes, Albinus, Margot e a cozinheira correram, ao mesmo tempo, para o vestíbulo.

— Albert — sussurrou Margot — tenha cuidado. Tenho certeza de que é ele.

— Volte para o seu quarto — respondeu ele, também num sussurro. — Saberei como lidar com ele.

Abriu a porta. Era a môça da chapelaria. Mal esta se retirou, a campainha tomou a tocar. Albinus abriu novamente a porta. À sua frente, estava um jovem de fisionomia grosseira e apalermada, mas que se parecia surpreendentemente a Margot os mesmos olhos escuros, cabelos lisos, nariz reto, de ponta um pouco arrebitada. Usava suas roupas domingueiras e tinha a ponta da gravata enfiada entre os botões da camisa.

— Que deseja? — perguntou Albinus.

Otto tossiu e respondeu, com uma rouquidão confidencial na voz: — Preciso falar com o senhor a respeito de minha irmã. Sou irmão de Margot.

— E por que particularmente comigo, se posso saber?

— Estou falando com o Sr...? — começou Otto, em tom inquiridor. — Com o Sr...?

— Schiffermiller — disse Albinus, um tanto aliviado por ver que o rapaz ignorava sua identidade.

— Bem, Herr Schiffermiller, aconteceu que vi o senhor em companhia de minha irmã. De modo que pensei que talvez lhe interesse se eu... se nós.

— Certamente... mas por que ficarmos parados aqui à porta? Faça o favor de entrar.

Otto entrou e tomou a tossir.

— O que desejo dizer-lhe é o seguinte, Herr Schiffermiller. Minha irmã é jovem e inexperiente.

Mamãe não dormiu uma única noite, desde que a nossa pequena Margot saiu de casa. Ela tem apenas dezesseis anos. .. Não acredite se ela lhe disser que é mais velha.

Permita que lhe diga: somos gente decente... Meu pai é um velho soldado. A situação é muito, muito desagradável. Não sei o que se poderia fazer para remediá-la...

Adquirindo confiança, Otto quase começava a acreditar no que dizia.

— Não sei, na verdade — prosseguiu, cada vez mais excitado. — Apenas imagine, Herr Schiffermiller, se senhor tivesse uma irmã querida e inocente que alguém houvesse comprado...

— Ouça aqui, meu caro rapaz — interrompeu-o Albinus. — Parece que há um equívoco nisto tudo. Minha noiva me disse que sua família deu graças a Deus por ver-se livre dela.

— Oh, não! — exclamou Otto, pestanejando. — O senhor não irá fazer-me crer que casará com ela! Quando um homem quer casar com uma jovem de respeito, a primeira coisa que faz é falar com sua família. Um pouco mais cuidado e menos orgulho, Herr Schiffermiller!

Albinus examinou Otto com curiosidade, pensando que aquele jovem rústico estava falando, de certo modo, de maneira sensata, pois que tinha tanto direito de interessar-se pelo bem-estar de Margot quanto Paul de se preocupar pela sua irmã. Havia, com efeito, um fino sabor de paródia naquela conversa, quando comparada à que mantivera com Paul (aquela terrível conversa!) dois meses antes. E era-lhe agradável pensar que agora, pelo menos, poderia manter-se em seu terreno, quer se tratasse de irmão ou não... que poderia tirar vantagem, por assim dizer, do fato de Otto não passar senão de um embusteiro e de um atrevido.

— É melhor que se cale! — ordenou, bastante resoluto, com toda frieza.., bastante aristocrata, com efeito. — Sei perfeitamente em que pé estão as coisas. Isso não é de sua conta. Agora, faça o favor de se retirar.

— Oh, realmente! — exclamou Otto, franzindo o sobreolho. — Muito bem!

Ficou um instante em silêncio, a girar o boné nas mãos, olhando para o chão.

Depois, tentou uma tecla diferente.

— Talvez que o senhor, quando menos esperar, pague caro por isso, Herr Schiffermiller. Minha irmãzinha não é exatamente o que o senhor julga que ela seja. Eu a chamei inocente, mas isso foi compaixão de irmão. O senhor deixa-se enganar muito facilmente, Herr Schiffermiller. É engraçadíssimo ouvir o senhor dizer que ela é sua noiva.

Isso me faz rir. Ora, eu poderia dizer-lhe certas coisas...

— Inteiramente supérfluo — respondeu Albinus, enrubescendo. — Ela própria já me contou tudo. Uma criança infeliz a quem a família não podia proteger. Por favor, saia já — ajuntou, abrindo a porta.

— O senhor se arrependerá — disse Otto, desajeitadamente.

— Saia ou eu o porei para fora a pontapés — bradou Albinus (acrescentando, por assim dizer, um último toque de doçura à sua vitória).

Otto retirou-se muito lentamente.

Dotado daquela espécie de sentimentalismo superficial peculiar ao seu meio burguês, Albinus (ainda a saborear o seu triunfo) imaginou, súbito, quão pobre e triste deveria ser a vida daquele rapaz. Além disso, ele se parecia com a irmã, quando esta ficava emburrada.

Antes de fechar a porta, tirou do bolso uma nota de dez marcos e meteu-a na mão de Otto.

A porta fechou-se. Otto, a sós no corredor, examinou a nota, ficou um instante a meditar, e tocou a campainha.

— Como? De volta novamente? — exclamou Albinus.

Otto estendeu-lhe a mão com o dinheiro.

— Não quero suas gorjetas — murmurou, zangado. — É melhor que o senhor as dê aos desempregados... Há muitos deles por aí.

— Mas... faça o favor de aceitá-la — disse Albinus, sentindo-se terrivelmente constrangido.

Otto deu de ombros:

— Não aceito migalhas de riqueza algum! Os pobres também têm o seu orgulho. Eu...

— Bem, eu apenas queria...

Otto saiu arrastando os pés, enfiou soturnamente a nota no bolso e, resmungando, desceu a escada. A honra social estava satisfeita; podia, agora, dar-se ao luxo de satisfazer necessidades mais humanas.

“Não é muito”, refletiu. “Mas, de qualquer modo, é melhor do que nada... E ele está com medo de mim, esse idiota de olhos saltados, gago.”

DOZE

Desde o momento em que Elisabeth leu a carta lacônica de Margot, sua vida se converteu num desses longos e grotescos enigmas que a gente se põe a solucionar na sala de aula de sonho do sombrio delírio. A princípio, era como se o marido estivesse morto e as pessoas procurassem enganá-la, levando-a a pensar que ele a houvesse apenas abandonado.

Lembrava-se de como — naquela noite que agora lhe parecia tão distante — ele a beijara na testa antes de sair, dizendo-lhe, ao inclinar-se: “De qualquer modo, seria melhor que você consultasse Lampert. Ela não pode continuar a arranhar-se desse jeito”.

Foram essas as últimas palavras que Albinus proferira neste mundo — palavras simples e caseiras, referentes a um ligeiro arranhão que surgira no pescoço de Irma. Depois, fora-se para sempre.

A pomada de cloreto de zinco curara o arranhão em poucos dias — mas não havia pomada alguma no mundo que pudesse suavizar e apagar a lembrança da ampla e branca testa de Albinus e da maneira pela qual ele apalpara os bolsos, ao sair da sala.

Durante os primeiros dias, Elisabeth chorou tanto que ela própria se surpreendeu diante da capacidade de suas glândulas lacrimais. Saberiam os cientistas qual a quantidade de água salgada capaz de fluir dos olhos de uma pessoa? E isso fez com que ela se lembrasse daquele verão passado na costa italiana, em que costumavam banhar a filha, então pequena, numa banheira cheia de água do mar. ... Oh, talvez pudesse encher-se, com suas lágrimas, uma banheira muito maior, e lavar-se nela um gigante que se debatesse.

De certo modo, o fato de Albinus haver abandonado Irma parecia-lhe mais monstruoso do que ter abandonado a ela. Ou estaria ele tentando raptar a filha? Seria imprudente mandá-la para o campo sozinha com a pajem? Era-o, disse Paul, insistindo para que ela também fosse. Mas Elisabeth não queria sequer ouvir falar nisso. Embora sentisse que não poderia jamais perdôá-lo (não por ele a ter humilhado — pois que ela era demasiado orgulhosa para sentir-se ferida com isso — mas por haver, ele próprio, se rebaixado), Elisabeth, ainda assim, o aguardava, esperando que a porta, como naquela noite de tempestade, se abrisse e o marido entrasse, pálido como Lázaro, os olhos azuis inchados e úmidos, as roupas em farrapos, a abrir os braços.

A maior parte do dia, passava-a ela sentada num dos quartos ou, mesmo, às vezes, no próprio vestíbulo... em qualquer lugar em que a pesada névoa de seus pensamentos a assaltasse, a refletir sobre este ou aquele pormenor de sua vida de casada. Parecia-lhe que Albinus sempre lhe fora infiel. E agora se lembrava e compreendia (como alguém que, ao aprender uma nova língua, pudesse lembrar-se de ter visto certa vez um livro escrito naquele idioma, quando ainda não o conhecia) as manchas vermelhas — beijos rubros e pegajosos — que notara, certo dia, no lenço do marido.

Paul fazia todo o possível para distraí-la. Não se referia nunca a Albinus. Mudou alguns de seus hábitos prediletos — como, por exemplo, o de passar as manhãs de domingo em banhos turcos. Trazia revistas e livros para a irmã — e conversavam a respeito de sua infância, de seus pais, falecidos havia muito, e daquele seu irmão que tinha sido morto no Somme: um músico, um sonhador.

Certo dia quente de verão, em que foram ao Parque, viram um macaquinho que fugira de seu dono e subira a um alto olmo. Com sua carinha negra, coroada por um tufo de pêlos fofos e cinzentos, espiou um momento por entre as folhas verdes; depois desapareceu e um galho farfalhou, muito mais acima. Seu dono procurou em vão fazê-lo descer, usando, para isso, de um apito suave, uma grande banana amarela e um espelinho de bolso, com o qual lhe fazia repetidos sinais.

— Ele não voltará., é inútil; jamais voltará — murmurou Elisabeth, rompendo em lágrimas.

TREZE

Tendo ao alto apenas o azul profundo, Margot achava-se estendida sobre a areia cor de platina, os membros bronzeados num rico tom de mel, e um cinto fino de borracha a atenuar a negrura do maiô: um perfeito cartão-postal de estação balneária. Albinus ergueu o rosto e pôs-se a fitar, num deleite infundável, o brilho oleoso de suas pálpebras cerradas e da boca recém-retocada. Os negros e úmidos cabelos de Margot estendiam-se para trás da testa redonda, e grãos de areia cintilavam-lhe nas pequenas orelhas. Se se olhasse de muito perto, notava-se um brilho iridescente ao longo dos ombros trigueiros e reluzentes. O tecido que a cobria, negro e justo como a pele de uma foca, era demasiado exíguo para que pudesse parecer real.

Albinus deixou que um punhado de areia, como se se esvaísse de uma ampulheta, lhe caísse, por entre os dedos, sobre o estômago retraído de Margot. Ela abriu os olhos, piscou ante a luz intensa, azul-prateada, sorriu e tornou a cerrar as pálpebras.

Decorridos alguns instantes, sentou-se, passou os braços em torno dos joelhos e permaneceu imóvel. Agora, Albinus podia ver-lhe as costas nuas até à cintura, com grãos de areia a reluzir ao longo da curva da espinha. Passou-lhe de leve a mão pelas espáduas, tirando-as. A pele era sedosa e quente.

— Santo Deus! — exclamou Margot. — Como o mar está hoje azul!

Estava, realmente, azul: azul-arroxeadado, ao longe; azul-pavão, mais perto; azul-brilhante, onde a luz incidia sobre as ondas. A espuma desabava sobre as ondas, corria, ia parando devagar e, depois, recuava, deixando um liso espelho sobre a areia molhada, que a onda seguinte de novo inundava. Um homem peludo, de calças cor de laranja, parou junto à água, a limpar os óculos. Um garotinho gritou de alegria, quando a espuma se lançou de encontro à cidadela que ele construía. Guarda-sóis de cores vivas e tendas listradas pareciam repetir em cores aquilo que os gritos dos banhistas eram para os ouvidos. Uma grande bola colorida, lançada de algum lugar, saltou sobre a areia com um baque ressoante. Margot apanhou-a, pôs-se de pé de um salto e jogou-a de volta.

Albinus, agora, via-lhe a figura emoldurada na alegre paisagem da praia — uma paisagem que ele mal via, tão concentrado estava o seu olhar em Margot. Esguia, bronzeada de sol, os cabelos escuros, a cintilação de um bracelete ainda a prolongar-se após o lançamento da bola, parecia-lhe ela uma ilustração delicadamente colorida a adornar o primeiro capítulo de sua nova vida.

Margot acercou-se dele e estendeu-se a seu lado (uma toalha sobre os ombros rosados e queimados de sol) a observar os movimentos de seus pequenos pés. Debruçou-se sobre ele e, rindo por entre os dentes, à maneira berlinense, deu-lhe um tapa no calção de banho.

— A água está molhada! — exclamou brejeira, correndo para o mar.

E lá se foi a ondular os quadris, os braços estendidos, metendo-se na água até os joelhos; depois, lançou-se sobre as ondas, procurou nadar, gorgolejou, pôs-se de pé e avançou ainda mais, até que a espuma lhe chegou à cintura. Albinus atirou-se n'água, atrás dela. Margot voltou-se para ele, rindo, cuspidando, afastando dos olhos os cabelos molhados.

Albinus tentou afundá-la; depois, segurou-a pelo tornozelo, e ela pôs-se a espernear e a gritar.

Uma senhora inglesa, que se achava refestelada numa espreguiçadeira, a ler o *Punch*, voltou-se para o marido, homem de rosto corado, de chapéu branco, que se achava de cócoras sobre a areia:

— Veja aquele alemão a brincar com a filha. Não seja assim tão preguiçoso, William!

Apanhe as crianças e vão tomar um bom banho de mar.

CATORZE

Depois, em suas vistosas roupas de banho, subiram por uma vereda pedregosa, meio oculta em meio de giestas e ulex. Mais além, ao longe, uma pequena *villa*, cujo aluguel era enorme, cintilava, alva como açúcar, entre os negros ciprestes. Grandes e belos grilos arrastavam-se pelo cascalho. Margot tentou apanhá-los. Ficou de cócoras e estendeu, cautelosa, o indicador e o polegar, mas o grilo, de membros angulosos, saltou subitamente, as asas azuis, em forma de leque, distendidas, e, num pulo de três jardas, desapareceu no lugar em que caiu.

No quarto fresco, de piso de ladrinhos vermelhos, onde a luz, através das frestas das venezianas, dançava nos olhos da gente e desenhava, nos pés de ambos, traços brilhantes, Margot, como uma serpente, livrou-se de sua pele negra e, sem mais nada no corpo senão as chinelas pretas, de salto alto, matracolejava o quarto de um lado para outro, comendo um pêssego sumarento — e as tiras de luz cruzavam e recruzavam-lhe o corpo.

À noite, havia danças no cassino. O mar parecia mais pálido do que o céu escandescido, e as luzes de um navio que passava brilhavam festivamente. Uma mariposa, desajeitada, esvoaçava em torno de um *abat-jour* cor de rosa — e Albinus dançava com Margot, cuja cabeça, penteada, mal lhe chegava ao ombro.

Logo depois de sua chegada, ficaram conhecendo várias pessoas. Albinus tinha consciência de seu ciúme incessante, degradante, quando via quão estreitamente Margot se aconchegava ao seu par, ao dançar, principalmente ao recordar que ela nada trazia sob o vestido leve: suas pernas estavam tão bronzeadas, que ela não usava meias. Às vezes, Albinus perdia-a de vista. Levantava-se, então, e andava, inquieto, de um lado para outro, batendo a ponta do cigarro na cigareira. Entrava no salão em que os hóspedes jogavam cartas, ia para o terraço, voltava, com a angustiosa convicção de que ela o estava traindo. De repente, vindo não se sabia de onde, Margot aparecia, sentava-se a seu lado em seu belo e reluzente vestido e tomava longo sorvo de vinho. Ele não revelava seus receios, mas nervosamente, tocava-lhe, por baixo da mesa, os joelhos nus, unidos um ao outro — e ela se recostava na cadeira e ria — um tanto histèricamente, pensava Albinus — de alguma coisa (não muito engraçada) que seu último companheiro de dança lhe dizia.

Fazendo-se justiça a Margot, deve-se admitir que ela tentava ao máximo ser-lhe inteiramente fiel. Mas, por mais terno e atencioso que ele fosse no ato do amor, Margot sentia, o tempo todo, que, para ela, aquilo seria sempre amor menos alguma coisa, ao passo que o menor contacto de seu primeiro amante sempre lhe fora o exemplo de tudo.

Infelizmente, um jovem austríaco, o melhor dançarino que se encontrava em Solfi e, ainda, excelente jogador de pingue-pongue, era um tanto parecido com Miller. Havia algo em seus nós dos dedos vigorosos, em seus olhos sardônicos, que lhe lembrava sempre coisas que ela teria preferido esquecer.

Certa noite de calor, entre uma dança e outra, aconteceu que ela se meteu por acaso, em sua companhia, num recanto escuro do jardim do cassino. O cheiro adocicado e insípido de uma figueira tornava o ar pesado, e havia uma mistura banal de luar e música distante, coisa que costuma afetar as almas simples.

— Não, não — murmurou Margot, ao sentir os lábios do companheiro no pescoço e no rosto, enquanto as mãos hábeis do mesmo costumavam subir-lhe pelas pernas.

— Você não devia fazer isso — sussurrou, lançando a cabeça para trás e retribuindo-lhe àvidamente o beijo.

Ele a acariciava tão completamente, que Margot sentiu que as poucas forças que lhe restavam

começavam a abandoná-la. Mas consegui desvencilhar-se a tempo e correr para o terraço vivamente iluminado.

Essa cena jamais se repetiu. Margot apaixonara-se tanto pela vida que Albinus podia oferecer-lhe — uma vida de encantamento de filme de primeira classe, com palmeiras balouçantes e trêmulos roseirais (pois que faz sempre vento na filmelândia) — e receava tanto ver tudo aquilo dissipar-se, que não se atrevia a correr qualquer risco. Na verdade, chegou até a perder, durante algum tempo, a sua característica principal — a confiança em si mesma. Readquiriu-a, porém, logo que tornaram a Berlim, no outono.

— Muito bonito, sem dúvida — comentou ela secamente, ao examinar o hotel de boa categoria em que se hospedaram — mas espero que você compreenda, Albert, que não podemos continuar sempre assim.

Albinus, que se vestia para o jantar, apressou-se em assegurar-lhe que já havia tomado providências no sentido de alugar um novo apartamento.

“Será que ele pensa, mesmo, que sou boba?”, pensou ela, com vivo ressentimento.

— Albert — disse em voz alta — vejo que você não compreende. — Suspirou profundamente e cobriu o rosto com as mãos. — Você se envergonha de mim — ajuntou, observando-o através dos dedos.

Alegremente, Albinus procurou abraçá-la.

— Não me toque! — gritou, empurrando-o com o cotovelo. — Sei perfeitamente que você tem medo de ser visto na rua em minha companhia. Pode abandonar-me e voltar para a sua *Lizzy*. Você é inteiramente livre.

— Não diga isso, querida rogou Albinus, desolado.

Ela lançou-se sobre o sofá e conseguiu romper em soluços.

Albinus puxou as calças para cima, ajoelhou-se e procurou tocar-lhe de leve o ombro, que dava um repelão cada vez que seus dedos se aproximavam.

— Que é que você deseja? — indagou Albinus, com brandura. — Que é que você deseja, Margot?

— Desejo viver abertamente em sua companhia — balbuciou ela. — Em sua própria casa. E conhecer pessoas...

— Muito bem — disse ele, pondo-se de pé e limpando os joelhos.

(“E, dentro de um ano, você estará casado comigo”, pensou Margot, enquanto continuava a soluçar devidamente. “Você casará comigo, a menos que, a essa altura, eu já esteja em Hollywood... caso em que você poderá ir para o diabo que o carregue”).

— Se você não deixar de chorar — disse Albinus — eu também começarei a fazer o mesmo.

Margot sentou-se e sorriu com ar magoado. As lágrimas contribuíam apenas para aumentar-lhe a beleza. Tinha o rosto afogueado, os olhos cintilantes, e uma grande lágrima tremeu-lhe do lado do nariz. Albinus jamais vira antes lágrimas assim tão grandes e brilhantes.

QUINZE

Assim como Albinus se acostumara a jamais falar de arte a Margot, assunto de que ela nada sabia e pelo qual não se interessava, tinha ele agora de aprender a ocultar-lhe as agonias que sofrera durante os primeiros dias de vida em comum no antigo apartamento em que vivera dez anos com a esposa. Por toda a parte havia objetos que recordavam Elisabeth — presentes que recebera dela, presentes que ele lhe dera. Nos olhos de Frieda, Albinus lia uma taciturna censura e, antes que transcorresse uma semana, ela os deixou, depois de ouvir, desdenhosamente, uma segunda ou terceira explosão de Margot, que se dirigiu a ela aos gritos.

O quarto de dormir e o aposento em que Irma brincava parecia fitar Albinus com inocente e tocante reprovação — principalmente o quarto de dormir — pois que Margot removeu logo tudo o que havia na nursery, transformando-a numa sala de pingue-pongue.

Mas o quarto... Na primeira noite, Albinus teve a impressão de que podia sentir a leve fragrância da água de Colônia da esposa. Isso o deprimiu e inibiu tanto, que Margot riu, de si para consigo, daquela inesperada reserva.

O primeiro chamado telefônico foi uma tortura. Um velho amigo telefonou-lhe, perguntando se tinham se divertido muito na Itália, como estava passando Elisabeth, e se ela podia com sua esposa ir a um concerto, domingo pela manhã.

— Na verdade, estamos, no momento, vivendo separados — disse Albinus, com esforço.

(“No momento!”, pensou Margot zombeteiramente, enquanto se retorcia diante do espelho a fim de examinar as costas, cujo bronzeado se convertera em dourado).

Logo se divulgou a notícia da mudança operada em sua vida, embora Albinus alimentasse ardentemente a esperança de que ninguém soubesse que sua amante vivia em sua companhia. Quando principiaram a promover reuniões, ele tinha a precaução de fazer com que Margot saísse com os convidados.., e voltasse dez minutos depois.

Notou, melancólico, que as pessoas iam deixando, aos poucos, de indagar de sua esposa; que alguns amigos deixaram de visitá-lo; que alguns “facadistas” impenitentes, que lhe pediam dinheiro emprestado, se mostravam cada vez mais amigos e cordiais; que os mais boêmios procuravam agir como se nada houvesse acontecido e, finalmente, que alguns outros — quase todos eruditos — estavam prontos a visitá-lo como antes, mas sem que trouxessem jamais suas esposas, entre as quais parecia estar grassando curiosa epidemia de enxaqueca.

Habitou-se à presença de Margot naqueles aposentos, antes tão cheios de recordações. Bastava apenas que ela mudasse a posição de algum objeto insignificante, para que tal objeto perdesse, imediatamente, a alma que o animava, extinguindo-se a recordação; era apenas uma questão de saber quanto tempo demoraria ela para tocar em tudo: se tivesse dedos ágeis, dentro de dois meses toda a sua vida anterior, passada naqueles doze aposentos, estaria inteiramente morta. Embora belo, o apartamento já não tinha nada mais em comum com aquele outro em que vivera com a esposa.

Certa noite, já tarde, após um baile, enquanto Albinus lhe ensaboava as costas, num momento em que ela se divertia, de pé na grande banheira, a pisar sobre uma enorme esponja (as borbulhas subiam como numa taça de champanha), Margot perguntou-lhe, de repente, se ele não achava que ela podia tomar-se artista de cinema. Ele riu e respondeu, distraidamente, o espírito absorto por completo em outras coisas agradáveis: — Claro! Por que não?

Poucos dias depois, ela voltou ao assunto, escolhendo, essa vez, um momento em que Albinus tivesse a cabeça mais clara. Ele ficou encantado com aquele interesse pelo cinema, e passou a expor-lhe uma de

suas teorias favoritas acerca dos méritos comparativos entre o cinema mudo e as fitas faladas.

— O som — disse ele — não tardará em matar o cinema.

— Como é que a gente faz um filme? — interrompeu-o Margot.

Albinus prometeu levá-la a um estúdio, onde poderia mostrar-lhe tudo e explicar-lhe o processo todo. Depois disso, as coisas correram com bastante rapidez.

“Mas o que é que estou fazendo?”, perguntou a si mesmo Albinus certa manhã, ao lembrar-se de que, na noite anterior, prometera financiar um filme que um produtor medíocre desejava fazer, com a condição de que se desse a Margot o papel feminino secundário, de uma namorada abandonada. “Que tolice de minha parte! O estúdio estará cheio de jovens atores transbordantes de *sex-appeal*... e eu me tornarei ridículo se a acompanhar por toda a parte. Por outro lado — consolou-se — ela precisa de alguma espécie de ocupação que a distraia e, se tiver de levantar cedo, deixaremos de ir, toda noite, a esses malditos lugares em que se dança. O contrato foi assinado e os ensaios começaram. Nos primeiros dois dias, Margot chegou em casa sumamente magoada e ressentida. Queixou-se de que era obrigada a repetir os mesmos movimentos centenas de vezes; que o diretor gritava com ela; que as lâmpadas a cegavam. Tinha apenas uma consolação: a estrela do filme (bastante conhecida), Dorianna Karenina, tratava-a de maneira encantadora, elogiando-lhe a maneira de representar e profetizando que ela ainda faria maravilhas. (“Mau sinal!”, pensou Albinus).

Margot insistiu em que ele não deveria estar presente durante a filmagem, pois que isso a constrangia. Além disso, se Albinus visse tudo antes, o filme não lhe causaria surpresa alguma — e Margot gostava de surpreender os outros. Ele, porém, tinha grande prazer em observá-la secretamente a fazer poses dramáticas diante do grande espelho — mas uma tábuia rangente do assoalho acabou por denunciá-lo, o que fez com que Margot lhe atirasse uma almofada vermelha e ele se visse obrigado a jurar que nada vira.

Albinus costumava levá-la de automóvel ao estúdio, indo buscá-la à hora da saída.

Um dia, foi informado de que o ensaio se estenderia por mais duas horas, de modo que resolveu dar um passeio, acabando por passar, desastradamente, pelas vizinhanças da casa em que Paul morava. De repente, sentiu vivo desejo de ver a sua pálida e inocente filhinha, pois era mais ou menos a hora em que ela costumava voltar da escola. Ao dobrar a esquina, julgou vê-la, à distância, em companhia da pajem; mas, súbito, sentiu-se amedrontado e afastou-se rapidamente.

Justamente nesse dia aproximou-se dele afogueada e risonha: representara esplendidamente, esplendidamente — e logo o filme estaria terminado.

— Sabe de uma coisa? — disse-lhe Albinus. — Convidarei Dorianna para jantar.

Teremos um grande jantar e alguns convidados interessantes. Ontem, um artista me telefonou, um caricaturista, ou, para ser mais preciso, um homem que faz desenhos engraçados e coisas assim. Acaba de voltar de Nova York e é um verdadeiro gênio em seu gênero. Convidá-lo-ei também.

— Oh, quero sentar-me perto de você — disse Margot.

— Muito bem, mas lembre-se, minha gatinha, que não quero que eles todos saibam que você vive comigo.

— Oh, eles todos já sabem, “seu” tolo — respondeu Margot, o rosto subitamente anuviado.

— Mas isso a coloca, e não a mim, numa posição falsa — ponderou Albinus. — Você precisa compreender isso. Quanto a mim, isso pouco me importa, mas, para seu próprio bem, aja, por favor, como você fez a última vez.

— Mas é tão estúpido... Além disso, há uma maneira de se evitar tais aborrecimentos.

— Evitá-los? Como?

— Se você não entende... — disse ela, amuada.

— Seja razoável — rogou Albinus, procurando agradá-la. — Faço tudo o que você me pede. Você

sabe muito bem, minha gatinha...

Albinus, aos poucos, conseguiu reunir um número bastante grande de tais expressões de carinho.

DEZESSEIS

Tudo estava como devia ser. Na bandeja laqueada, no vestíbulo, cartões tinham sido habilmente preparados com os nomes dos convidados formando pares, de modo que as pessoas pudessem saber logo junto de quem iriam sentar-se: Dr. Lampert e Sonia Hirsch; Axel Rex e Margot Peters; Bons von Ivanolh e Olga Waldheim — e assim por diante. Um mordomo imponente (recém-contratado), com cara de lorde inglês (ou, pelo menos, Margot assim pensava, olhando-o com simpatia) recebia os convivas com dignidade. De cinco em cinco minutos a campainha tocava. Na sala de estar já se encontravam cinco pessoas, além de Margot. Chegou Ivanolh — von Ivanolh, como ele julgava que devia ser chamado — magro, anguloso, com maus dentes e monóculo. Depois, Baum, o escritor, indivíduo corpulento, de rosto vermelho, ruidoso, com acentuadas tendências comunistas e uma renda apreciável, acompanhado da esposa, mulher já de certa idade, mas de figura ainda esplêndida, que, em sua agitada juventude, nadara num tanque de vidro entre focas amestradas.

A conversa já estava bastante animada. Olga Waldheim, cantora de braços alvos e busto volumoso, cabelos ondulados, cor de geléia de laranja, e uma gema de melodia em cada inflexão de sua voz, contava, como habitualmente fazia, histórias engraçadas a respeito de seus seis gatos persas. Albinus, de pé no meio da sala, a rir, olhou, através do tufo de cabelos brancos de Lampert (excelente especialista em doenças da garganta e violinista medíocre), para Margot, e pensou que o seu vestido de tule negro, com aquela dália de veludo sobre o peito, lhe assentava maravilhosamente bem. Havia um sorriso levemente defensivo nos lábios de Margot, como se ela não soubesse se estavam ou não a zombar dela, e seus olhos tinham aquela expressão muito especial de gamo novo, que significava, ele bem o sabia, que ela estava a ouvir coisas que não compreendia — naquele caso, as idéias de Lampert acerca da música de Hindemith.

De repente, percebeu que ela corou vivamente e pôs-se de pé. “Que tolice:... Por que se levantou?”, pensou Albinus, enquanto novos convidados entravam — Dorianna Karenina, Alex Rex e dois poetas de segunda classe.

Dorianna abraçou e beijou Margot, cujos olhos brilhavam tão intensamente como se ela tivesse acabado de chorar. “Que tolice., rastejar diante dessa atriz medíocre” tornou a pensar Albinus. Dorianna era famosa pelos seus belos ombros, seu sorriso de Mona Lisa e sua voz rouca, de granadeiro.

Albinus foi ao encontro de Rex, que não sabia bem qual era o seu anfitrião, e que esfregava as mãos como se as estivesse ensaboando.

— Encantado por conhecê-lo, afinal, pessoalmente — disse-lhe Albinus. — Sabe que fazia uma idéia completamente diferente do senhor? Julgava-o gordo, baixo, de óculos de aro de tartaruga, embora seu nome me lembrasse sempre um machado (axe). Senhoras e senhores: este é o homem que faz rir dois continentes. Espero que ele fique na Alemanha para sempre.

Rex, os olhos a piscar, fez pequenas curvaturas, sem cessar de esfregar as mãos.

Vestia um traje de passeio extraordinariamente bem feito, num mundo de mal talhados *dinner jackets* alemães.

— Por favor, sente-se — convidou-o Albinus.

— Acaso não conheci, certa vez, sua irmã? — perguntou Dorianna, com sua encantadora voz de baixo.

— Minha irmã está no céu — respondeu, com ar grave, Rex.

— Oh, sinto muito — disse Dorianna.

— Não nasceu jamais — ajuntou Rex, sentando-se perto de Margot.

Rindo, satisfeito, Albinus pousou de novo os olhos nela. Margot, os ombros um tanto arqueados, falava depressa, de um modo que não lhe era habitual, com olhos úmidos e pálpebras palpitantes, com

Sonia Hirsch, pintora cubista de rosto simples e expressão maternal. Albinus fitou-lhe a orelha pequena e afogueada, a veia do pescoço, a delicada sombra entre os seios. Apressada, lançava febrilmente uma torrente de frases completamente tolas, o rosto ardente apoiado na mão: — Os criados do sexo masculino furtam muito menos, embora, naturalmente, ninguém possa carregar um quadro dos grandes... Antigamente eu adorava esses quadros grandes de homens a cavalo, mas, quando a gente vê uma porção de quadros...

— Fräulein Peters — disse Albinus, em tom tranquilizador — este é o homem que faz dois continentes...

Margot teve um sobressalto e voltou-se: — Oh, realmente... Muito prazer em conhecê-lo.

Rex fez uma reverência e, voltando-se para Albinus, comentou, tranquilamente: — Li por acaso, no navio, a sua excelente biografia de Sebastiano dei Piombo. Mas foi uma pena não ter citado os seus sonetos.

— Oh, mas são sonetos muito ruins — respondeu Albinus.

— Exatamente. Isso é o que os torna tão encantadores.

Margot pôs-se de pé de um salto e, com passos quase saltitantes, dirigiu-se à última convidada — uma mulher enrugada, de membros longos, que parecia uma águia arrepiada.

Margot recebera dela aulas de dicção.

Sonia Hirsch mudou de lugar e voltou-se para Rex: — Que é que acha dos trabalhos de Cumming? Quero dizer, as últimas séries.., os Patúbulos e as Fábricas?

— Porcaria — respondeu Rex.

Abriu-se a porta da sala de jantar. Os cavalheiros olharam em torno, à procura de suas damas. Rex ficou sozinho. Albinus, que já havia dado o braço a Dorianna, procurou Margot com o olhar. Viu-a logo à frente, metida entre os pares que entravam na sala de jantar. ‘Hoje ela não está em suas melhores noites’, pensou ele, passando a sua dama para Rex.

Na altura em que foram servidas as lagostas, a conversa, junto à cabeceira da mesa (a seguinte fileira de nomes seria melhor colocada numa curva: Dorianna, Rex, Margot, Albinus, Sonia Hirsch e Baum), ia muito animada, embora um tanto incoerente. Margot esvaziara seu terceiro copo de vinho consecutivo, e estava agora sentada muito ereta, os olhos brilhantes, a olhar fixamente para a frente. Rex não prestava muita atenção nem a ela nem a Dorianna, cujo nome o irritava, mas discutia através da mesa com Baum, o escritor, acerca dos meios de expressão artística.

— Um escritor, por exemplo — dizia ele — fala a respeito da Índia, onde jamais estive, e discorre sobre bailarinas, caçadas de tigres, faquires, noz de areca, serpentes... em suma, o fascínio do misterioso Oriente. Mas a que monta tudo isso? A nada. Ao invés de ter uma visão da Índia, todas essas delícias do Oriente não me causam senão um grande tédio.

Mas há ainda uma outra maneira, como, por exemplo, a do sujeito que escreve: “Antes de recolher-me, pus as minhas botas fora da porta da secar e, na manhã seguinte, verifiquei que havia crescido sobre elas uma floresta espessa e azul (cogumelos, madame , explicou, voltando-se para Dorianna, que erguera uma das sobancelhas), e, imediatamente, a Índia torna-se viva para mim. O resto é droga.

— Esses iogues fazem coisas maravilhosas — comentou Dorianna. — Ao que parece, sabem respirar de tal maneira que...

— Mas desculpe-me, meu caro senhor — exclamou, excitado, Baum, que acabara de publicar uma novela de quinhentas páginas, cuja história se passava no Ceilão, onde estivera, durante quinze dias, com capacete de cortiça de proteção contra o sol. — É preciso que se ilumine inteiramente o quadro, para que qualquer leitor possa compreendê-lo. A questão não é o livro que se escreve, mas o problema que apresenta... e que soluciona. Se descrevo os trópicos, estou destinado a abordar o tema pelo seu ângulo mais importante... isto é, a exploração e a crueldade do colonizador branco. Quando se pensa nos milhões e milhões...

— Eu não penso — disse Rex.

Margot, que olhava fixamente para a frente, lançou, de repente, um risinho entre dentes — e isso, de certo modo, nada tinha a ver com a conversação. Albinus, no meio de uma discussão com a pintora cubista acerca da última exposição de arte, lançou um olhar de soslaio à sua jovem amante. Sim, ela estava bebendo demais. Justamente no momento em que ele a olhou, Margot tomava um sorvo de seu copo. Tornou a sorrir e lançou, através da mesa, um cravo ao velho Lampert.

— Não sei, senhores, o que pensam de Udo Conrad — disse Albinus, entrando na discussão. Parece-me ser o tipo do autor dotado de uma visão delicada e de um estilo divino, que talvez lhe agradasse, Herr Rex... mas, aqui, concordo com sua opinião, Herr Baum: se ele não é um grande escritor, é porque despreza os problemas sociais, o que, nesta nossa época de agitações sociais, é lamentável e, — permitam-me acrescentar — condenável. Conheci-o bem em meus tempos de estudante, quando estávamos juntos em Heidelberg; depois, costumávamos encontrar-nos de vez em quando. Considero o seu primeiro livro, *O Fim do Ardil*, a sua melhor obra... O primeiro capítulo, ele o leu aqui nesta mesa... bem... quero dizer, numa mesa semelhante a esta...

Findo o jantar, refestelaram-se nas poltronas, a fumar e tomar licores. Margot esvoaçava de um lado para outro — e um dos poetas medíocres a seguia como um cão felpudo. Dando-lhe o cigarro que estava fumando, ela sugeriu que ele fizesse um buraco da palma da mão, e o poeta, suando em bicas, mas sorrindo, como pequeno herói que era, estava começando a fazê-lo. Rex, num canto da biblioteca, acabara por tornar-se grandemente grosseiro para com Baum, até que, com a presença de Albinus, começou a descrever-lhe certos aspectos de Berlim, como se se tratasse de uma cidade pitoresca e longínqua. E o fez tão bem, que Albinus prometeu ver, em sua companhia, um certo beco, uma determinada ponte, uma parede curiosamente pintada...

— Lamento muitíssimo que não possamos trabalhar juntos em minha idéia acerca daquele filme. Estou convencido de que o senhor já tem realizado maravilhas, mas, para ser-lhe franco, não estou em condições de dispor do capital... pelo menos no momento.

Por fim, os convidados foram envoltos por aquela onda que, começando por um pequeno murmúrio, vai engrossando sem cessar, até que, num espumoso redemoinho de adeuses, acaba por lançá-los fora da casa.

Albinus ficou a sós. O ar estava azul e pesado de fumo de charuto. Alguém derrubara algo sobre a mesa turca — que estava toda pegajosa. O mordomo, solene, embora um tanto vacilante (“Se ele tornar a embriagar-se, eu o despedirei”), abriu a janela, e a noite clara e gelada entrou pela sala.

“De qualquer modo, não foi uma reunião muito bem sucedida”, pensou Albinus, enquanto despia, com um bocejo, o *dinner jacket*.

DEZESSETE

— Certa vez um homem — dizia Rex, enquanto dobrava a esquina em companhia de Margot — perdeu uma abotoadura de brilhante num mar amplo e azul e, vinte anos mais tarde, no dia exato, uma sexta-feira, parece, estava comendo um grande peixe... mas não havia, dentro, brilhante algum. Eis aí o que me agrada nas coincidências.

Margot caminhava depressa a seu lado, o casaco de pele de foca a envolver-lhe estreitamente o corpo. Rex segurou-lhe o braço e obrigou-a a deter-se.

— Jamais esperei tornar a vê-la. Como foi que você apareceu lá? Custou-me acreditar em meus olhos, como dizem os cegos. Não estou certo de que você tenha ficado mais bonita, mas você me agrada do mesmo jeito.

Margot, de repente, não pôde conter um soluço e virou-se para o lado. Ele puxou-a pela manga e ela se virou ainda mais. Ficaram a girar no mesmo lugar.

— Por amor de Deus, diga alguma coisa. Para onde preferiria ir: para a minha casa ou para a sua? Que é que se passa com você?

Ela desvencilhou-se dele e voltou depressa para a esquina. Rex seguiu-a.

— Que é que se passa com você, com os diabos? — repetiu ele, perplexo.

Margot apressou ainda mais os passos. Ele tornou a alcançá-la.

— Venha comigo, “sua” tolinha — disse Rex. — Olhe. Tenho aqui uma coisa — ajuntou, tirando a carteira do bolso.

Margot, prontamente, deu-lhe uma bofetada no rosto.

— Esse anel que você tem no dedo é muito duro — disse ele, calmamente.

E continuou a segui-la, remexendo, apressado, na carteira.

Margot correu para a entrada da casa e abriu a porta. Rex tentou enfiar-lhe alguma coisa na mão, mas, de repente, ergueu os olhos.

— Oh, então esse é o novo jogo, hem? — disse ele, ao reconhecer a entrada do edifício do qual saíra pouco antes.

Margot, sem se voltar, escancarou a porta.

— Olhe, tome isto aqui — tornou ele, ríspido.

Como ela não o fizesse, Rex meteu-lhe o que tinha na mão dentro da ampla gola do casaco. A porta teria sido fechada com violência, se não se tratasse de uma dessas relutantes portas de ar comprimido. Rex ficou parado um instante, mordeu o lábio inferior e, depois, afastou-se.

Margot seguiu às apalpadelas, em meio da escuridão, até o primeiro patamar, e ia prosseguir quando, súbita, se sentiu tonta. Sentou-se num degrau e soluçou como jamais o fizera antes... nem mesmo na ocasião em que ele a abandonara. Sentiu uma coisa áspera de encontro ao pescoço e apanhou-a. Apertou o comutador da luz e viu que o que tinha na mão não era dinheiro, mas um desenho feito a lápis: uma garota vista por trás, de ombros nus, pernas nuas, com o rosto voltado para a parede. Em baixo havia uma data, primeiro a lápis, depois coberta a tinta.., o dia, o mês e o ano em que ele a abandonara. Fora por isso que ele lhe dissera para não se voltar.., porque a estava desenhando! Seria verdade que tinham passado apenas dois anos desde então?

A luz apagou-se com um estalido, e Margot se apoiou de novo na grade do elevador, chorando outra vez. Chorava porque ele a abandonara naquela ocasião; chorava porque ele lhe ocultara o nome, não lhe dissera quem realmente era; porque poderia ter sido feliz com ele durante todo aquele tempo, se ele houvesse ficado — e porque teria podido fugir dos dois japoneses, do velho e de Albinus. E chorava, também, porque, durante o jantar, Rex lhe tocara o joelho direito e Albinus o esquerdo... como se o Paraíso estivesse à sua direita e o Inferno à esquerda.

Enxugou o nariz na manga do casaco, apalpou a parede no escuro e tornou a acender a luz. A claridade acalmou-a um pouco. Tornou a examinar o desenho; refletiu que, por mais que aquilo tivesse significação para ela, seria perigoso conservá-lo. Rasgou-o em pedaços e jogou-os, através da grade, no poço do elevador. Isso fez com que se lembrasse de seus tempos de menina. Depois, tirou da bolsa o espelho, cobriu o rosto de pó de arroz com movimentos rápidos e circulares, repuxando, ao fazê-lo, o lábio superior, fechou a bolsa com um estalido resoluto e subiu as escadas a correr.

— Por que tão tarde? — indagou Albinus.

Ele já estava de pijama.

Margot explicou-lhe, sem fôlego, que lhe fora difícil livrar-se de von Ivanolh, que insistira em levá-la para casa de automóvel.

— Como brilham os olhos de minha querida — murmurou ele. — E como vem cansada e afogueada!.. A minha beleza esteve bebendo.

— Não, deixe-me a sós esta noite — respondeu, em voz baixa, Margot.

— Queridinha, por favor! — implorou Albinus. — Esperei-a tanto!

— Espere um pouco mais. Primeiro quero saber uma coisa: você já fez alguma coisa a respeito do divórcio?

— Divórcio? — repetiu ele, apanhado de surpresa.

Às vezes, não o compreendo, Albert. Afinal de contas, precisamos pôr as coisas em seu próprio pé, não acha? Ou talvez você pretenda deixar-me depois de algum tempo e voltar para Lizzy?

— Deixá-la?

— Deixe de repetir minhas palavras, “seu” idiota! Não, você não se aproximará de mim enquanto não me der uma resposta sensata.

— Muito bem — disse ele. — Segunda-feira falarei com o meu advogado.

— Falará mesmo? Promete?

DEZOITO

Axel Rex sentia-se alegre por estar de volta à sua bela terra natal. Tivera certas complicações, ultimamente. De certo modo, os gonzos da sorte haviam emperrado — e ele a abandonara na lama, como um automóvel enguiçado. Tinha havido, por exemplo, aquela discussão com o seu editor, que não gostara de sua última charge, embora ela não se destinasse à publicidade. De um modo geral, tinha havido complicação em toda a parte. Uma solteirona rica tinha se metido numa transação financeira meio suspeita (“embora muito divertida”, pensava, com tristeza, Rex) e houve uma conversa um tanto unilateral com certas autoridades acerca de estrangeiros indesejáveis. Tinha sido injustos para com ele, refletia Rex, mas ele os perdoara prontamente. Engraçado aquilo: as pessoas apreciavam o seu trabalho e logo depois (uma ou duas vezes de maneira bastante bem sucedida) lhe lançavam um murro à cara.

O pior de tudo, porém, era a sua situação financeira. A fama — não tanto em escala mundial, como aquele ligeiro idiota sugerira na véspera — mas, de qualquer maneira, a fama, lhe trouxera, durante certa época, uma boa quantidade de dinheiro. Agora, quando se encontrava um tanto desorientado e confuso acerca de sua carreira de desenhista humorístico em Berlim, onde as pessoas estavam, como sempre tinham estado, numa fase de humorismo que agradava às sogras, ele ainda poderia ter aquele dinheiro (ou, ao menos, uma parte daquele dinheiro), se não fosse um jogador.

Cultivara, porém, desde os seus anos mais tenros, uma certa queda para o blefe (não era de estranhar, pois, que o seu jogo favorito fosse o pôquer!) Jogava sempre que conseguia encontrar parceiros — e fazia-o também em sonhos, com personagens históricos ou algum primo distante, falecido havia -muito, de quem ele jamais se lembrava na vida real, ou com pessoas que — novamente na vida real — ter-se-iam recusado terminantemente a permanecer na mesma sala que ele. No sonho, apanhava as cartas, embaralhava-as, erguia até perto dos olhos as cinco cartas de que se servira, via com prazer o coringa de gorro e sineta e, ao “filar” carta por carta, erguendo-as cautelosamente, com o polegar, pela extremidade superior, notava, com satisfação, que tinha cinco coringas. “Excelente”, pensava, sem qualquer surpresa diante de sua pluralidade e, tranqüilamente, fazia a sua primeira aposta, à qual Henrique VIII (de Holbein), que tinha apenas quatro rainhas, “repicava”. Despertava, então, ainda com sua cara impassível de jogador de pôquer.

A manhã estava tão enfarruscada e escura, que teve de acender a luz da cabeceira da cama. A gaze da janela parecia imunda. Bem podiam ter-lhe dado, em troca de seu dinheiro, um quarto melhor (embora, pensou ele, talvez jamais vissem a cor do seu dinheiro). De repente, com um doce choque, lembrou-se do curioso encontro da véspera.

Via de regra, Rex lembrava-se de seus casos amorosos sem qualquer emoção particular. Margot era uma exceção. No decurso daqueles dois últimos anos, ele muitas vezes se surpreendera pensando nela — e, não raro, fitava aquele seu rápido desenho a lápis sentindo algo que se assemelhava à melancolia. Sentimento estranho, aquele, pois que Axel Rex, era, para se dizer o mínimo, um cínico.

Quando, em sua juventude, deixara pela primeira vez a Alemanha (bastante apressadamente, a fim de evitar a guerra), havia abandonado a sua pobre mãe, meio retardada mental e, no dia seguinte ao de sua partida para Montevideú, ela caíra da escada e ficara gravemente ferida. Quando menino, despejava óleo em camundongos vivos, ateava-lhes fogo e ficava a observá-los enquanto corriam de um lado para outro durante alguns segundos, como meteoros flamejantes. E é melhor não indagar o que ele costumava fazer com gatos. Depois, em anos mais maduros, ao desenvolver-se o seu talento artístico, procurava, de maneira mais sutil, saciar a sua curiosidade, que não se tratava de nada mórbido com nome médico — oh, não, absolutamente! — mas apenas uma curiosidade fria, de olhos bem abertos, apenas algumas notas fornecidas pela vida à sua arte. Divertia-o imensamente ver a vida tomar-se grotesca, à medida que

deslisava irremediavelmente para a caricatura. Desprezava as piadas práticas: gostava que elas acontecessem por si mesmas, recebendo apenas, ocasionalmente, um pequeno toque de sua parte, que as fazia rodar montanha abaixo. Gostava de enganar os outros — e, quanto menor a complicação que isso acarretasse, tanto mais a brincadeira lhe agradava. Mas, ao mesmo tempo, esse perigoso homem era, com um lápis na mão, excelente artista.

Um tio, sozinho na casa com os sobrinhos, disselhes que iria vestir uma roupa que os divertiria. Após longa espera, e como o tio não aparecesse, os sobrinhos foram vê-lo e encontraram um homem mascarado metendo a prataria da casa num saco. “Oh, titio!”, exclamaram, encantadas, as crianças. “Sim, não acham bom este meu disfarce?” indagou o tio, tirando a máscara. E aí está um silogismo hegeliano de humor. Tese: o tio disfarçado de ladrão (gargalhada por parte das crianças); antítese: era de fato um ladrão (riso do leitor); síntese: era ainda o tio (zombando do leitor). Eis aí o super-humor que Rex punha em seu trabalho — e isso, dizia ele, era inteiramente novo.

Certo dia, um grande pintor, trabalhando num alto andaime, começou a recuar, de costas, a fim de apreciar melhor uma pintura que acabara de terminar. Mais um passo, e despencaria do andaime — e, como um grito de advertência poderia ser-lhe fatal, o seu aprendiz teve a presença de espírito de lançar o conteúdo de um balde em sua obra-prima.

Muito divertido! Mas, muito mais divertido, seria deixar que o mestre caísse no vácuo., enquanto os espectadores, incidentalmente, estivessem à espera do balde. A arte da caricatura, tal como Rex a entendia, era, pois, baseada (à parte sua burla dupla e sintética contra a natureza) no contraste entre a crueldade, de um lado, e a credulidade, de outro. E se, na vida real, Rex ficava a olhar, sem mover um dedo, enquanto um mendigo cego, a bater pesadamente sua bengala, se sentava num banco recém-pintado, é que estava apenas se inspirando para realizar o seu próximo e pequeno desenho.

Mas nada disso se aplicava aos sentimentos que Margot lhe inspirara. No caso de Margot, mesmo no sentido artístico, o pintor Rex triunfava do humorista. Sentia-se um tanto aborrecido por tê-la tornado a encontrar: na verdade, se abandonara Margot, fizera--o apenas por receio de acabar gostando demasiado dela.

Agora, antes de mais nada, desejava descobrir se ela estava realmente vivendo com Albinus. Consultou o relógio. Meio-dia. Examinou sua carteira de dinheiro. Vazia. Vestiu-se e dirigiu-se a pé à casa onde estivera na noite anterior. A neve caía macia e ininterrupta.

O próprio Albinus abriu a porta e, a princípio, não reconheceu a figura de seu convidado, coberto de neve, parado à sua frente. Mas quando Rex, após esfregar os pés no capacho, ergueu o rosto, Albinus o recebeu de maneira bastante cordial. Rex impressionara-o, na véspera, não só pelo seu espírito pronto e suas maneiras desembaraçadas, como, também, pelo seu extraordinário aspecto pessoal: faces pálidas, encovadas, lábios grossos e cabelos negros e esquisitos, tudo o que contribuía para dar-lhe um ar de fascinante fealdade.

Por outro lado, era-lhe agradável recordar que Margot, quando estavam a discutir a festa, observara: “Há algo de repelentemente afetado naquele seu amigo artista... Ali está um homem que eu não beijaria por preço algum”. E o que Dorianna também dissera a respeito dele não deixava de ser interessante.

Rex desculpou-se de sua visita tão pouco cerimoniosa, e Albinus riu com cordialidade.

— Para dizer-lhe a verdade — disse Rex — o senhor é uma das poucas pessoas em Berlim que eu gostaria de conhecer mais intimamente. Nos Estados Unidos, a gente faz amigos com mais facilidade do que aqui, e eu adquiri, lá, o hábito da maneira de agir sem cerimônia. Perdôe-me se o escandalizo., mas o senhor acha realmente aconselhável conservar aquela boneca de pano no divã quando existe, bem acima dela, uma tela de Ruysdael? A propósito: posso examinar mais atentamente alguns de seus quadros? Aquele ali me parece soberbo.

Albinus conduziu-o pelo apartamento. Cada aposento continha algumas telas excelentes, em meio, aqui e acolá, de algumas falsificações. Rex, encantado, olhava tudo.

Perguntou a si mesmo se aquele Lorenzo Lotto, com um São João de vestes cor de malva e a Virgem chorosa, era verdadeiramente autêntico. Em certa época de sua aventureosa vida, ele trabalhara como falsificador de quadros, tendo produzido algumas telas bastante boas, O século dezessete — eis o seu período. Na noite anterior, notara um velho amigo na sala de jantar — e agora tornava a examiná-lo com requintado deleite. Era um quadro no melhor estilo de Baugin: um bandolim sobre um tabuleiro de xadrez, um vinho cor de rubi num copo e um cravo branco.

— Não parece moderno? — indagou Albinus, com ternura. — Na verdade, quase surrealista.

— Bastante — respondeu Rex, segurando o seu próprio punho, enquanto contemplava o quadro.

Era moderno: ele o pintara havia apenas oito anos.

Depois, seguiram pelo corredor, onde havia um belo Linard: flores e uma mariposa mosqueada. Justamente naquele momento, Margot saiu do banheiro num roupão amarelo vivo. Saiu correndo pelo corredor, quase perdendo, no caminho, uma das chinelas.

— Por aqui — convidou Albinus, com um sorriso acanhado.

Rex seguiu-o, penetrando na biblioteca.

— Se não estou enganado — disse Rex, sorrindo — aquela era Fräulein Peters. É ela sua parente?

“Para que fingir?”, pensou, rápido, Albinus. Seria impossível enganar uma criatura tão observadora e... bem, aquilo não era até um tanto elegante, de um certo modo sutil, boêmio?

— Minha jovem amante — respondeu.

Convidou Rex a que ficasse para o jantar, e este não fez muita cerimônia para aceitar o convite. Quando Margot apareceu na mesa, estava um tanto abatida, mas calma: a agitação que ela mal pudera dominar na noite anterior se convertera, agora, em algo que se assemelhava muito à felicidade. Ao sentar-se entre aqueles dois homens, que estavam compartilhando de sua vida, sentiu-se como se fosse a atriz principal de um misterioso e apaixonante drama cinematográfico. Procurou, pois, agir de acordo: sorrir com ar absorto, baixar os cílios, colocar ternamente a mão sobre a manga de Albinus, ao pedir-lhe que lhe passasse as frutas, lançar um fugidio e indiferente olhar ao seu antigo amante.

“Não. Não permitirei, de modo algum, que ele escape novamente”, disse, de repente, de si para consigo, sentindo um delicioso arrepio percorrer-lhe a espinha — um arrepio que perdera havia muito.

Rex falou bastante. Entre outras coisas divertidas, contou-lhes uma história engraçada acerca de um Lohengrin embriagado que perdera o cisne e ficara à espera, esperançoso, de que ele de novo passasse por ele. Albinus riu a bom rir, mas Rex sabia (e aí estava o ponto íntimo da anedota) que ele apenas compreendera a metade da piada, e que a outra metade é que fizera Margot morder os lábios. Enquanto falava, mal a olhava. Quando o fazia, ela baixava imediatamente o olhar para esta ou aquela parte do vestido em que os olhos dele haviam pousado por um momento, e passava inconscientemente a mão por ela.

— Logo — disse Albinus, piscando o olho — veremos alguém na tela.

Margot fez um beicinho e deu-lhe uma palmadinha na mão.

— Ah, então é atriz? — indagou Rex. — Oh, sim? E posso perguntar-lhe em que filme irá aparecer?

Ela respondeu sem olhá-lo, sentindo-se sumamente orgulhosa. Ele era um artista famoso e ela uma estrela de cinema. Estavam, agora, no mesmo nível.

Rex saiu logo após o jantar, pensou no que deveria fazer a seguir, e entrou num clube de jogo. Uma seqüência de cartas do mesmo naipe (o que não lhe acontecia havia séculos) ajudou-o um tanto. No dia seguinte, telefonou para Albinus e foram juntos a uma exposição de quadros acentuadamente modernos. No dia imediato, jantou no apartamento de Albinus.

Depois, telefonou inesperadamente, mas Margot não estava em casa, e teve de manter uma longa conversa intelectual com Albinus, que já começava a gostar imensamente dele. Rex principiava a

aborrecer-se de todo. Por fim, o destino apiedou-se dele, escolhendo, para agir em seu favor, uma partida de *hockey* no gelo no Palácio dos Esportes.

Enquanto os três se encaminhavam para os seus lugares, Albinus notou os ombros de Paul e as tranças loiras de Irma. Mais cedo ou mais tarde, algo assim teria de acontecer, mas, embora estivesse sempre à espera daquilo, tal encontro o apanhou de tal modo desprevenido, que ele, voltando-se desajeitadamente, se chocou violentamente com Margot.

— Veja o que está fazendo! — exclamou ela, em tom rude.

— Estejam à vontade e peçam café — disse Albinus. — Eu preciso... telefonar.

Tinha esquecido por completo.

— Por favor, não vá — pediu Margot, pondo-se de pé.

— É um tanto urgente — insistiu Albinus, encolhendo-se tanto quanto possível, para que não o vissem. (Será que Irma o vira?) Caso eu demore, não se preocupem.

Desculpe-me, Rex.

— Por favor, fique aqui — repetiu Margot, muito calma.

Mas ele não notou o olhar estranho de Margot, nem como as suas faces se enrubesceram e a boca tremeu. Ao procurar, apressado, a saída, Albinus caminhava com os ombros encolhidos.

Houve um momento de silêncio, após o que Rex lançou profundo suspiro.

— *Enfin seuls* — disse ele, sombrio.

Achavam-se sentados lado a lado no compartimento caro, tendo à sua frente uma mesa de toalha muito branca. Em baixo, logo além da barreira, estendia-se o amplo espaço gelado. A banda tocava uma ruidosa marcha de circo. O lençol de gelo, deserto, tinha um brilho oleoso e azul. O ar era, ao mesmo tempo, quente e frio.

— Agora você compreende? — perguntou, subitamente Margot, mal sabendo o que estava perguntando.

Rex ia responder, mas, justamente naquele momento, uma onda de aplausos ecoou pelo edifício enorme. Ele apertou-lhe, sob a mesa, os dedos frios. Margot sentiu que lágrimas lhe subiam aos olhos, mas não retirou a mão.

Uma jovem com uma malha branca e justa, e um saiote curto e armado, surgiu correndo pelo gelo nas pontas dos patins e, adquirindo impulso, descreveu uma curva encantadora; depois, saltou, girou o corpo e deslisou novamente.

Seus patins, cintilantes, lampejavam como relâmpagos, enquanto ela fazia círculos e dançava, cortando o gelo com um impacto dilacerante.

— Você me deu o fora — balbuciou Margot.

— Mas voltei correndo para você, não voltei? Não chore, meu bem. Faz tempo que você vive com ele?

Margot tentou falar, mas nova e estrondosa ovação encheu a casa. O gelo de novo se esvaziou. Ela fincou os cotovelos na mesa e comprimiu as têmporas com as mãos.

Entre assobios, aplausos e gritos, os jogadores desusavam calmamente pelo gelo — primeiro os suecos, depois os alemães. O goleiro visitante, em seu brilhante suéter, com grandes defesas de couro que lhe subiam desde as canelas até aos quadris, deslisou lentamente em direção do minúsculo *goal*!

— Ele vai pedir que a esposa aceite o divórcio. Você compreende que escolheu uma ocasião deveras desastrosa para se aproximar de mim?

— Tolice. Acredita, realmente, que ele casará com você?

— Se você atrapalhar tudo, não casará.

— Não, Margot. Ele não casará com você.

— E eu digo a você que casará.

Seus lábios continuaram a mover-se, mas o barulho que havia em torno abafava aquela rápida

discussão. A multidão urrava de entusiasmo, enquanto os ágeis bastões perseguiam o disco de borracha sobre o gelo, desferiam-lhe golpes, puxavam-no, passavam-no adiante, perdiam-no, atropelando-se em rápidas colisões. Movendo-se suavemente de um lado para outro em seu posto, o goleiro juntava as pernas, de modo que as defesas de couro que as protegiam formavam uma única couraça.

— ... é horrível você ter voltado. Comparado com ele, você não passa de um mendigo. Santo Deus, agora sei que você irá estragar tudo.

— Tolice, tolice. Teremos todo o cuidado.

— Estou ficando maluca. Leve-me para longe desta algazarra. Vamos embora. Estou certa de que ele não voltará, mas, se o fizer, será uma boa lição.

— Vamos para minha casa. Você deve ir. Não seja tola. Seremos rápidos. Você estará em sua casa dentro de uma hora.

— Cale-se. Não correrei risco algum. Há meses que venho trabalhando para chegar a este ponto, e agora ele está maduro. E você espera, mesmo, que eu, agora jogue tudo por água abaixo?

— Ele não casará com você — disse Rex, convicto.

— Quer levar-me para casa ou não? — indagou ela, quase aos gritos.

E um pensamento cruzou-lhe, rápido, pelo cérebro: “Deixarei que ele me beije no táxi”.

— Espere um pouco. Sabe de uma coisa? Eu estou sem níquel.

— Posso ver isso em seus olhos — respondeu Margot, tapando os ouvidos, pois que, naquele instante, o barulho atingiu o seu clímax: fora marcado um goa!, o goleiro sueco estava estendido sobre o gelo, e o bastão, que lhe fora arrancado da mão, rodopiava, ao desusar pela quadra, como um remo perdido.

— Bem, o que digo é o seguinte: é um desperdício de tempo adiar a coisa. Mais cedo ou mais tarde, isso acontecerá. Vamos embora. Descortina-se de minha janela uma bela vista, quando a veneziana está descida.

— Mais uma palavra e voltarei para casa sozinha.

Quando seguiam por trás dos compartimentos, Margot teve um sobressalto e franziu a testa. Um senhor gordo, com óculos de aro de tartaruga, fitava-a com aversão. Sentada ao seu lado, uma garotinha acompanhava o jogo através de um binóculo.

— Olhe ali para o lado — disse Margot ao companheiro. — Está vendo aquele gorducho, em companhia de uma menina? É o cunhado de Albinus, sentado ao lado da filha dele. Vejo agora porque não me sentia bem aqui. Pena não os ter visto antes. Certa vez, ele foi muito rude para comigo, de modo que eu não me importaria se alguém lhe desse uma boa lição.

— Apesar de tudo, você ainda fala em casamento — foi o comentário de Rex, enquanto desciam, lado a lado, os largos e macios degraus da escada. — Ele jamais casará com você. Olhe aqui, minha querida. Tenho uma sugestão a fazer-lhe. Uma última sugestão, creio eu.

— Qual é? — indagou Margot, desconfiada.

— Levá-la-ei até sua casa, sem dúvida, mas você terá de pagar o táxi, querida.

DEZENOVE

Paul olhou-a ao passar, e as dobras de gordura que lhe caíam sobre o colarinho ficaram cor de beterraba. Apesar da placidez de seu temperamento, ele não teria se importado que alguém fizesse a Margot o que ela sugerira que lhe fizessem a ele. Perguntou a si mesmo quem seria o seu companheiro e onde estaria Albinus; tinha a certeza de que aquele senhor deveria estar por perto, e pensou que seria intolerável se a criança, de repente, o visse. Sentiu grande alívio quando soou o apito e pôde escapar com Irma.

Chegaram em casa. Irma parecia fatigada e, em resposta às perguntas da mãe acerca do jogo, apenas acenou com a cabeça, sorrindo daquela maneira um tanto misteriosa que constituía a sua mais encantadora peculiaridade.

— É surpreendente como deslizam velozes sobre o gelo — comentou Paul.

Elisabeth fitou-o pensativamente e voltou-se para a filha: — É hora de ir para a cama, é hora de ir para a cama.

— Oh, não — protestou, sonolenta, Irma.

— Santo Deus, já é quase meia-noite! Você nunca foi para a cama tão tarde.

— Diga-me uma coisa, Paul — disse Elisabeth, quando Irma já se encontrava sob as cobertas. — Algo me diz que aconteceu alguma coisa. Estava tão inquieta, quando vocês estavam fora. Conte-me, Paul!

— Mas nada tenho a contar — respondeu ele, o rosto subitamente rubro.

— Você não encontrou ninguém? — atreveu-se a perguntar. — Jura que não encontrou?

— Quem lhe meteu essa idéia na cabeça? — murmurou Paul, inteiramente desconcertado pela sensibilidade quase telepática que se desenvolveu em Elisabeth desde que se separara do marido.

— Vivo receando que isso aconteça — sussurrou ela, baixando lentamente a cabeça.

Na manhã seguinte, Elisabeth foi despertada pela pajem, que entrou no quarto com um termômetro na mão.

— Irma está doente, madame — disse vivamente. — Está com trinta e nove graus febre.

— Trinta e nove — repetiu Elisabeth.

E, de repente, pensou: “Por isso é que eu estava tão inquieta ontem”.

Saltou da cama e disparou para o quarto da filha. Irma estava deitada de costas, os olhos brilhantes fixos no teto.

— Um pescador e um barco — disse a menina apontando para o teto, onde os raios de luz do *abat-jour* do criado-mudo formavam urna espécie de desenho.

Era ainda muito cedo e nevava.

— Sua garganta está doendo, meu bem? — perguntou Elisabeth, ainda a lutar com o peignoir.

Depois, debruçou-se, ansiosa, sobre o rostinho comprido da criança.

— Santo Deus, como ela está com a testa quente! — exclamou, afastando da testa da filha os cabelos claros e finos.

— E um, dois, três, quatro caniços — murmurou, baixinho, Irma, ainda com os olhos voltados para o alto.

— É melhor telefonar para o médico — disse Elisabeth.

— Oh, não há necessidade disso, madame — respondeu a pajem. — Vou dar-lhe chá quente com limão e uma boa aspirina. Hoje todo o mundo está com gripe.

Elisabeth bateu na porta do quarto de Paul. Ele estava fazendo a barba e, com o rosto ainda ensaboado, dirigiu-se ao quarto de Irma. Paul, ao barbear-se, cortava-se freqüentemente, mesmo quando

usava lâmina de segurança — e, naquele momento, um vivo filete de sangue escorria-lhe por entre a espuma do queixo.

— Morangos com creme de Chantilly — dizia, baixinho, Irma, quando ele se inclinou sobre ela.

O médico chegou já ao anoitecer, sentou-se na beira da cama de Irma, e, com os olhos fixos num canto do quarto, tomou-lhe o pulso. Irma fitava os pêlos brancos existentes em sua grande e complicada orelha, bem como a veia em forma de W que se desenhava em sua rosada têmpora.

— Bem — disse o médico, olhando-a por cima dos óculos.

Depois, pediu a Irma que se sentasse, e Elisabeth levantou a camisola da criança. O corpo de Irma era muito branco e magro, com omoplatas salientes. O médico colou-lhe o estetoscópio às costas e, respirando profundamente, disse-lhe que fizesse o mesmo.

— Bem — repetiu.

Em seguida, deu-lhe pancadinhas em diferentes partes do peito e apalpou-lhe o estômago com dedos gelados. Por fim, levantou-se, acariciou-lhe a cabeça, lavou as mãos, desceu os punhos da camisa — e Elisabeth conduziu-o ao escritório, onde ele se sentou confortavelmente, desatarraxou a caneta-tinteiro e redigiu suas prescrições.

— É verdade — comentou. — Há muita gripe por aí. Ontem um recital teve de ser cancelado, porque tanto a cantora como o seu acompanhante estavam doentes.

Na manhã seguinte, a temperatura de Irma baixou consideravelmente. Paul, por outro lado, amanheceu muito indisposto; estava ofegante e não cessava de assoar o nariz, mas recusou-se terminantemente a ir para a cama, saindo mesmo para o escritório, como habitualmente. Fräulein, também, estava com a voz fanhosa.

Aquela tarde, ao retirar o termômetro de baixo do braço da filha, Elisabeth ficou satisfeítíssima, pois que o mercúrio mal passava da risca vermelha que marcava febre. Irma piscava muito, os olhos ofuscados pela claridade; depois, voltou o rosto para a parede. O

quarto tornou a escurecer. Tudo era quente, aconchegado e um tanto absurdo. Logo Irma adormeceu, mas despertou no meio da noite, saindo de um sonho vagamente desagradável.

Estava com sede. Estendeu o braço e apanhou o copo pegajoso de limonada que estava sobre o criado-mudo, esvaziando-o e, com cuidado, pô-lo de novo no lugar, passando de leve a língua pelos lábios.

O quarto parecia-lhe mais escuro do que habitualmente. No aposento contíguo, a pajem roncava violentamente. Irma pôs-se a escutá-la; depois, ficou à espera do ruído familiar do trem elétrico que saía do subterrâneo muito perto da casa. Mas o trem não veio.

Talvez fosse muito tarde e os trens não estivessem circulando. Irma continuou deitada, os olhos muito abertos. De repente, ouviu, vindo da rua, um assobio de quatro notas. Era exatamente assim que o seu pai assobiava, quando vinha para casa — apenas para que soubessem que dentro de um momento estaria com eles e que o jantar deveria ser servido.

Irma sabia muito bem que não era ele, mas sim o homem que, nas últimas duas semanas, vinha visitando a senhora que morava no quarto andar: fora a filha do porteiro quem lhe dissera isso, mostrando-lhe a língua quando ela observara, muito sensatamente, que lhe parecia estúpido visitar os outros assim tão tarde. Sabia, também, que não devia falar em seu pai, que estava vivendo com uma sua amiguinha. Isso Irma ficou sabendo por ter ouvido a conversa de duas senhoras que desciam a escada à sua frente.

Ouviu de novo o assobio debaixo da janela. E pensou: “Quem sabe se não será mesmo o papai?. E ninguém o deixará entrar. Será que eles não me disseram de propósito que era um desconhecido?”

Lançou para o lado as cobertas e aproximou-se, na ponta dos pés, da janela. Ao fazê-lo, esbarrou numa cadeira, e algo macio (o seu elefante) caiu com um baque e um grunhido; mas Fräulein continuou a roncar, indiferente. Abriu a janela e uma deliciosa e gelada lufada de ar penetrou no quarto. Na rua, no

escuro, alguém estava parado, olhando para a casa.

Irma ficou muito tempo olhando o homem, mas, para seu grande desapontamento, não era o seu pai. O homem continuava parado. Depois, voltou-se e afastou-se lentamente. Irma sentiu pena dele. Ela estava tão entorpecida de frio, que mal pôde fechar a janela e, ao voltar para a cama, não conseguiu aquecer-se novamente. Por fim, adormeceu e sonhou que estava jogando *hockey* com o pai. Ele, rindo, escorregou e caiu sentado, perdendo a cartola — e ela também caiu. O gelo estava horrível, mas ela não conseguia levantar-se. Enquanto isso, o seu bastão de *hockey* deslisou para longe, como uma lagarta sinuosa.

Na manhã seguinte, tinha mais de quarenta graus de febre, seu rosto estava lívido e queixou-se de uma dor do lado. O médico foi chamado imediatamente.

Tinha cento e vinte de pulso; o peito, no lugar da dor, produzia, ao toque dos dedos do médico, um som surdo, e o estetoscópio revelava uma leve crepitação. O Dr. Lampert recomendou a aplicação de ventosa, fenacetin e um remédio para acalmar a dor. Elisabeth sentiu, de repente, que enlouquecera; que, depois de tudo o que acontecera, o destino não tinha o direito de torturá-la daquela maneira. Dominou-se, com esforço, ao despedir-se do médico. Antes de sair, o Dr. Lampert examinou rapidamente a pajem, que estava com febre alta; mas, tratando-se de uma mulher vigorosa, aquilo não era motivo de alarme.

Paul acompanhou-o até o vestíbulo e perguntou-lhe com voz rouca — esforçando-se por sussurrar — se havia perigo.

— Passarei hoje de novo por aqui — respondeu, lentamente, o médico.

“Sempre a mesma coisa”, pensou o velho Lampert, ao descer a escada. “Sempre as mesmas perguntas, os mesmos olhares súplices”. Consultou sua caderneta de notas e meteu-se atrás do volante de seu automóvel, batendo a porta. Cinco minutos depois entrava numa outra casa.

Albinus recebeu-o com seu quente robe-de-chambre guarnecido de seda, que vestia sempre que trabalhava em seu escritório.

— Desde ontem ela não vem se sentindo bem — disse ele, preocupado. — Queixa-se de dores por todo o corpo.

— Tem febre? — indagou Lampert, pensando se deveria ou não dizer àquele amante ansioso que sua filha estava com pneumonia.

— Não. Apenas isso. Parece que não tem febre — respondeu Albinus, em tom de alarma. — E ouvi dizer que gripe sem sintomas febris é particularmente perigoso.

(“Por que deveria eu dizer-lhe?”, pensou Lampert. “Ele abandonou a família sem sentir qualquer remorso. Eles lhe dirão, se quiserem. Por que deveria eu interferir nisso?”) — Bem — disse Lampert, com um suspiro. — Vejamos a nossa encantadora inválida.

Margot estava deitada no sofá, afogueada e com ar amuado, envolta num peignoir cheio de rendas. A seu lado, achava-se sentado Rex, as pernas cruzadas, desenhando-lhe a encantadora cabeça nas costas de um maço de cigarros.

(“Uma bela criatura, sem dúvida”, pensou Lampert. “Mas há nela algo de serpente”) Rex retirou-se, assobiando, para a sala contígua. Albinus ficou por perto. Lampert pôs-se a examinar a paciente. Um ligeiro resfriado, nada mais.

— Seria melhor que ficasse dois ou três dias sem sair de casa — disse ele. — A propósito: como vai o filme? Terminado?

— Sim, graças a Deus — respondeu Margot, fechando, com gesto lânguido, o peignoir. — No mês que vem haverá uma exibição. Aconteça o que acontecer, preciso estar boa, então.

(“Além do mais”, refletiu, irrelevantemente, Lampert, “esta prostitutazinha irá arruiná-lo”) Quando o médico se foi, Rex voltou para junto de Margot e continuou a desenhar preguiçosamente, assobiando por entre os dentes. Albinus ficou alguns momentos perto dele, a cabeça inclinada, seguindo-lhe os movimentos rítmicos das mãos brancas e ossudas.

Depois, dirigiu-se ao escritório, a fim de terminar um artigo sobre uma exposição muito discutida.

— Um tanto interessante, ser o amigo da casa — comentou Rex, rindo com desdém.

Margot olhou-o e respondeu, zangada: — Sim, eu o amo, “seu” feioso... mas nada feito. Você bem sabe disso.

Rex enrolou o maço de cigarros e jogou-o, girando, em cima da mesa.

— Ouça, minha querida: você terá, algum dia, de vir a mim. Isso é claro. Estas minhas visitas são muito divertidas e tudo o mais, mas estou ficando enjoado desta espécie de divertimento.

— Em primeiro lugar... faça o favor de não gritar. Você não ficará satisfeito enquanto não fizer alguma coisa idiotamente imprudente. À menor provocação, diante da menor suspeita, ele me matará ou me expulsará desta casa, e nenhum de nós terá um níquel no bolso.

— Matá-la? — zombou Rex. — Essa é boa!

— Espere mais um pouco, por favor! Será que você não compreende? Uma vez casada com ele, ficarei menos nervosa e mais livre para agir como quiser. Uma esposa não é coisa de que um homem se livre assim tão facilmente. Além disso, há ainda o filme. Tenho uma porção de planos.

— O filme! — tornou a rir Rex.

— Sim, você verá. Estou certa de que será um grande êxito. Precisamos esperar.

Estou tão impaciente quanto você, meu amor.

Ele sentou-se à beira do sofá e passou-lhe o braço pelo ombro.

— Não, não — disse ela, trêmula, já semicerrando os olhos.

— Apenas um beijinho.

— Então um bem pequenininho — assentiu Margot, com voz suave.

Rex debruçou-se sobre ela, mas, de repente, ouviram o ruído de uma porta e os passos de Albinus, que se aproximava: tapete, assoalho, tapete e, de novo, assoalho.

Rex ia levantar-se, mas, justamente naquele momento, notou que um botão de seu paletó se prendera na renda que Margot tinha sobre o ombro. Margot procurou vivamente desembaraçar o botão. Rex deu um puxão, mas a renda recusou-se a ceder. Margot resmungava, aflita, enquanto metia no botão as unhas brilhantes e pontudas. Nesse momento, Albinus entrou na sala.

— Não, não estou abraçando Fräulein Peters — disse, friamente, Rex. — Estava apenas ajeitando as almofadas, para que ela se sentisse mais confortável, quando fiquei aqui emaranhado, como vê.

Margot, sem erguer os olhos, tentava ainda desembaraçar a renda. A situação era sumamente grotesca, e Rex divertia-se muito com aquilo.

Albinus, sem proferir palavra, tirou do bolso um grosso canivete, com uma dúzia de lâminas, e abriu uma delas, que era apenas uma pequena lima de unhas. Tentou novamente e partiu a unha. O grotesco continuava de maneira maravilhosa.

— Pelo amor de Deus, não a apunhale — disse Rex, extático.

— Tirem as mãos — ordenou Albinus.

Mas Margot gritou:

— Não se atreva a cortar a renda! Arranque o botão.

Durante um momento, dir-se-ia que ambos iam cair sobre ela. Rex deu um puxão final, alguma coisa arreventou e ele se viu, de repente, livre.

— Vamos até ao meu escritório — disse, com ar sombrio, Albinus.

“Agora, sejamos espertos”, pensou Rex, lembrando-se de uma evasiva que, certa vez, o livrou de um rival idiota.

— Sente-se, por favor — pediu Albinus, o sobreolho carregado. — O que desejo dizer-lhe é muito importante. Trata-se dessa exposição de Corvo Branco. Estava pensando que talvez o meu amigo pudesse ajudar-me. Como vê, estou terminando um artigo de responsabilidade e... bem, um tanto sutil... Trato alguns dos expositores de maneira um tanto rude.

(“Oh!”, pensou Rex. “Então era por isso que estava com um ar tão lúgubre! O ar sombrio dos

eruditos... A angústia da inspiração... Estupendo!”) — Ora, o que desejava que me fizesse — prosseguiu Albinus — era que ilustrasse o meu artigo com pequenas caricaturas..., acentuando as coisas que critico, satirizando tanto a cor como as linhas., como fez certa vez com Barcelo.

— Estou inteiramente às suas ordens — respondeu Rex. — Mas, também eu, tenho um pequeno pedido a fazer-lhe. O senhor sabe a que me refiro... Estou esperando algum dinheiro, mas encontro-me, no momento, um tanto apertado. Será que lhe seria possível adiantar-me alguma coisa? Uma quantia insignificante... uns quinhentos marcos, digamos.

— Mas certamente! Mais do que isso, se quiser. De qualquer modo, o senhor deve estabelecer um preço pelos seus desenhos.

— Isto aqui é um catálogo? — indagou Rex. — Posso vê-lo? Môças, môças, môças...

— continuou, em tom de vivo desagrado, ao examinar as reproduções. — Môças quadradas, môças oblíquas, môças com elefantíase...

— Mas por que razão, diga-me — indagou, maliciosamente, Albinus — as mulheres o aborrecem tanto?

Rex explicou-lhe com toda a franqueza.

— Bem, isso é apenas uma questão de gosto, creio eu — comentou Albinus, que se vangloriava de sua largueza de vistas. — Eu não o condeno, claro. Isso é bastante comum, penso eu, entre homens dotados de temperamento artístico. Num vendeiro, isso me causaria aversão; mas, num pintor, é inteiramente diferente... e até mesmo uma coisa apreciável, além de romântica... de um romantismo vindo de Roma. Não obstante — ajuntou — posso assegurar-lhe que o meu amigo está perdendo uma grande coisa.

— Não, muito obrigado! A mulher, para mim, é apenas um mamífero inofensivo, ou uma companheira agradável... às vezes.

Albinus riu.

— Bem, já que se mostrou tão franco para comigo, permita-me que, por minha vez, lhe confesse algo. Aquela artista de cinema, Karenina, me disse, logo que o viu, que tinha a certeza de sua indiferença pelo sexo frágil.

(“Oh, então ela disse isso?”, pensou Rex).

VINTE

Passaram-se alguns dias. Margot ainda tinha um pouco de tosse e, como costumava ficar muito nervosa com o que lhe acontecia, permaneceu em casa e, à falta de algo para fazer — já que a leitura não era o seu forte — distraía-se do modo que Rex lhe recomendara: estendida confortavelmente em meio a um caos colorido de almofadas, consultava a lista telefônica e ligava para lojas, firmas comerciais e pessoas desconhecidas. Encomendava carrinhos para crianças, lírios, aparelhos de rádio, dando endereços escolhidos ao acaso; zombava de cidadãos dignos, recomendando a suas esposas que não confiassem muito em seus maridos; telefonava dez vezes seguidas para o mesmo número, levando assim ao desespero os Srs. Traum, Braum & Kãsebier. Recebia maravilhosas declarações de amor e palavras ainda mais maravilhosas. Albinus entrou e ficou a observá-la com um sorriso terno, enquanto ela encomendava um ataúde para uma tal Frau Kirnhof. O quimono aberto, movendo com malicioso prazer os pesinhos, os olhos a vagar de um lado para outro, ela ouvia atentamente o que alguém lhe dizia. Albinus, tomado de uma ternura apaixonada, permaneceu quieto a alguma distância, receoso de aproximar-se, receoso de estragar o prazer que ela sentia.

Margot contava agora ao Prof. Grimm a história de sua vida, implorando-lhe para que a encontrasse à meia-noite, enquanto que, do outro lado do fio, o professor discutia penosa e ponderosamente consigo mesmo se aquele convite não seria uma farsa ou o resultado da sua fama como ictiólogo.

Em vista das travessuras telefônicas de Margot, não era de estranhar que Paul estivesse tentando inutilmente, havia já meia hora, comunicar-se com Albinus. Continuava, no entanto, a ligar, mas ouvia, cada vez, o impiedoso ruído da linha ocupada.

Por fim, levantou-se, sentiu uma tontura e tornou a sentar-se pesadamente. Não dormia há duas noites; estava doente e mergulhado numa tempestade de sofrimentos; mas, de qualquer modo, precisava fazer aquilo — e aquilo seria feito. O ruído persistente da linha ocupada parecia significar que o destino decidira frustrar sua intenção, mas Paul era teimoso: se não pudesse fazê-lo daquela maneira, agiria de outro modo.

Entrou, na ponta dos pés, no quarto de Irma, que estava escuro e — apesar da presença de várias pessoas — muito quieto. Viu, por trás, a cabeça de sua irmã, o pente que lhe prendia os cabelos e o xale de lã que lhe caía pelos ombros — e, subitamente, voltou-se resoluta, dirigiu-se ao vestíbulo, apanhou o seu sobretudo (gemendo e abafando os soluços) e foi à procura de Albinus.

— Espere — disse ao chofer, ao descer diante da casa familiar.

Empurrava já a porta da frente, quando Rex entrou, apressado, atrás dele. Ambos penetraram juntos no edifício. Trocaram um olhar — e houve uma grande explosão de ânimos, como quando o disco de borracha foi lançado ao *goal* sueco.

— O senhor vem visitar Herr Albinus? — indagou, com ar sombrio, Paul.

Rex sorriu e fez que sim com a cabeça.

— Então, permita-me que lhe diga que ele, neste momento, não receberá ninguém.

Sou o cunhado dele e trago-lhe notícias muito más.

— O senhor não preferiria confiar-me o seu recado? — perguntou, com brandura, Rex.

Paul sofria de falta de ar. Deteve-se no primeiro patamar. Cabisbaixo, como um touro, olhou para Rex, que lhe retribuiu o olhar com ar curioso e expectante, ao ver-lhe o rosto balofo, manchado de lágrimas.

— Sugiro-lhe que adie sua visita — disse Paul, respirando pesadamente. — A filhinha de minha irmã está agonizando.

Continuou a subir a escada e Rex o seguiu, em silêncio.

Ouvindo atrás de si os passos impertinentes, Paul sentiu uma onda de sangue subir-lhe à cabeça, mas, receoso de ser retardado pela sua asma, dominou-se. Ao chegar ao andar em que ficava o apartamento, voltou-se de novo para Rex: — Não sei quem é o senhor, mas não compreendo a sua insistência.

— Oh, chamo-me Axel Rex e sinto-me perfeitamente à vontade aqui — respondeu, afavelmente, Rex, enquanto estendia um dedo longo e branco e tocava a campainha.

“Devo esmurrá-lo?”, pensou Paul. “Mas que importa isso, agora? O principal é resolver isso rapidamente”.

Um criado grisalho, de pequena estatura (o lorde inglês fora despedido), fê-los entrar.

— Diga ao seu patrão — disse Rex, com um suspiro — que este senhor gostaria...

— Cale-se! — exclamou Paul, de pé no meio do vestíbulo, pondo-se a gritar a plenos pulmões: — Albert! Albert!

Ao ver o rosto alterado do cunhado, Albinus correu desajeitadamente para ele, escorregou e parou à sua frente.

— Irma está gravemente doente — informou Paul, batendo com a bengala no chão.

— É melhor que você vá vê-la imediatamente.

Seguiu-se breve silêncio. Rex examinou-os a ambos àvidamente. Súbito, ouviu-se a voz estridente de Margot, vinda da sala de estar: — Albert, preciso falar com você!

— Um momento — balbuciou Albinus, voltando, apressado, para a sala de estar.

Margot tinha os braços cruzados sobre o peito.

— Minha filhinha está gravemente doente — disse-lhe Albinus. — Vou vê-la imediatamente.

— Eles estão mentindo — gritou, zangada, Margot. — É uma armadilha, para que você volte.

— Margot... pelo amor de Deus!

Ela apanhou-lhe a mão:

— Que tal, se eu fosse com você?

— Margot, basta! Você deve compreender... Onde está meu isqueiro? Onde está meu isqueiro? Ele está me esperando.

— Estão fazendo você de bobo. Não deixarei que você vá.

— Eles estão à minha espera — gaguejou Albinus, os olhos arregalados.

— Se você se atrever...

Paul continuava de pé no vestíbulo, na mesma postura, batendo com a bengala no chão. Rex tirou do bolso uma caixinha esmaltada. Da sala contígua, chegava até eles o ruído de vozes exaltadas. Rex ofereceu a Paul uma pastilha para tosse. Paul, sem olhar, empurrou-o com o cotovelo, derrubando as pastilhas. Paul riu. Novamente, as vozes exaltadas.

— É medonho! — murmurou Paul, deixando o apartamento.

Com as bochechas tremendo, desceu depressa a escada.

— E então? — perguntou Fräulein num sussurro, quando ele chegou.

— Ele não virá — respondeu Paul.

Cobriu, por um momento, os olhos com a mão, pigarreou e, como antes, entrou no quarto na ponta dos pés.

Nada mudara ali. Suave, ritmicamente, Irma lançava a cabeça de um lado para outro, sobre o travesseiro. Os olhos, entreabertos, eram vagos; de vez em quando um soluço lhe agitava o corpo. Elisabeth alisava as cobertas: um gesto automático, destituído de sentido.

Uma colher caiu da mesa, e seu retinir delicado permaneceu longo tempo no ouvido dos que estavam no quarto. A enfermeira do hospital tomou o pulso de Irma, piscou e, cautelosamente, como se temesse magoá-la, pôs sua mãozinha sobre a coberta.

— Será que ela não está com sede? — sussurrou Elisabeth.

A enfermeira fez que não com a cabeça. Alguém no quarto tossiu muito de leve.

Irma teve um movimento convulsivo; depois, levantou um pouco o joelho sob as cobertas e tomou a estender a perna, muito lentamente.

Uma porta rangeu, Fräulein saiu do quarto e disse algo ao ouvido de Paul. Paul fez um gesto com a cabeça e ela saiu do quarto. Pouco depois, a porta tornou a ranger; mas Elisabeth não voltou a cabeça...

O homem que acabara de entrar ficou alguns passos longe da cama. Podia apenas discernir vagamente os cabelos loiros e o xale da esposa, mas viu, com angustiante nitidez, o rosto de Irma — as suas pequenas e negras narinas e o brilho amarelado da testa arredondada. Permaneceu assim longo tempo; depois, escancarou a boca e alguém (um seu primo distante) o amparou por trás, segurando-o pelas axilas.

Encontrou-se, depois, sentado no escritório de Paul. Duas senhoras, cujos nomes ele não conseguia lembrar, achavam-se sentadas num sofá, a um canto, conversando em voz baixa. Ele teve a estranha sensação de que, se pudesse lembrar-se, tudo estaria novamente bem. Encolhida numa poltrona, a pajem de Irma soluçava. Um senhor idoso, de aspecto digno e cabeça calva e trigueira, achava-se de pé junto da janela a fumar e, de vez em quando, se erguia na ponta dos pés. Sobre a mesa, brilhava uma fruteira de cristal, com laranjas.

— Por que não me mandaram chamar antes? — murmurou Albinus, erguendo o sobreolho, sem se dirigir a ninguém em particular. Franziu a testa, abanou a cabeça e estalou as juntas dos dedos. Silêncio. Ouvia-se o tique-taque do relógio sobre o consolo da lareira.

Lampert entrou, vindo do quarto de Irma.

E então? — indagou, rouco, Albinus.

Lampert voltou-se para o senhor idoso e digno, que encolheu ligeiramente o ombro e o acompanhou ao quarto da doente.

Passou muito tempo. As janelas estavam bastante escuras; ninguém se dera ao trabalhos de descerrar as cortinas. Albinus apanhou uma laranja e pôs-se a descascá-la lentamente. Fora, caía a neve, e apenas ruídos abafados chegavam da rua. De quando em quando, um som tilintante vinha do aparelho de aquecimento central. Em baixo, na rua, alguém assobiou quatro notas (Siegfried); depois, tudo mergulhou de novo em silêncio.

Albinus chupou lentamente a laranja, que estava muito azeda. De repente, Paul entrou na sala e, sem olhar para ninguém, pronunciou uma única palavra.

No quarto, Albinus viu as costas da esposa, enquanto esta se debruçava, tensa, hirta, sobre a cama, ainda segurando, ao que parecia, um corpo fantasmal. A enfermeira do hospital passou-lhe o braço pelo ombro e conduziu-a para a escuridão. Albinus aproximou-

se da cama. Por um momento, teve um vago vislumbre de um rostinho morto e de uns lábios pálidos com os dentes da frente à mostra... com a falta de um dentinho de leite.

Depois, voltou-se e, com todo o cuidado, procurando não esbarrar em nada nem em ninguém, retirou-se. A porta da frente, em baixo, estava fechada. Mas, enquanto lá se achava parado, uma senhora pintada, usando um xale espanhol, desceu, abriu a porta e deixou entrar um homem coberto de neve. Albinus olhou o relógio. Era mais de meia-noite. Então estivera mesmo ali mais de cinco horas?

Seguiu pela calçada branca, macia, rangente, sem poder acreditar bem no que acontecera. Mentalmente, via Irma com surpreendente nitidez, a subir no colo de Paul ou a jogar uma pequena bola de encontro à parede — mas os táxis buzonavam como se nada tivesse acontecido, a neve brilhava, como no Natal, sob os postes de iluminação, o céu estava negro e, somente à distância, além da massa escura dos telhados, na direção do Gedächtniskirche, onde se encontravam as grandes galerias de pintura, a escuridão se dissolvia num clarão cor de tijolo. De repente, lembrou-se dos nomes das duas senhoras que se achavam sentadas no divã: Bianche e Rosa von Nacht.

Finalmente, chegou em casa. Margot achava-se deitada de costas, fumando àvidamente. Albinus tinha uma vaga idéia de que tivera uma horrível discussão com ela, mas isso agora não importava. Ela seguia-

lhe os movimentos em silêncio, enquanto ele andava, mudo, de um lado para outro, enxugando o rosto molhado de neve. Margot sentia-se, agora, deliciosamente satisfeita. Rex, também feliz, havia saído pouco antes.

VINTE E UM

Talvez pela primeira vez, no decurso de um ano, que era o tempo que já estava vivendo com Margot, ele teve perfeita consciência da tênue e pegajosa camada de torpeza que pousara sobre sua vida. Agora, de um modo perturbadoramente nítido, o destino parecia estar insistindo com ele para que tornasse ao bom senso. Ouvia suas terríficas advertências; percebia a rara oportunidade que lhe estava sendo oferecida para reerguer sua vida ao nível anterior — e sabia, com a lucidez do sofrimento, que, se voltasse agora para a companhia da esposa, a reconciliação, que em circunstâncias ordinárias teria sido impossível, se processaria quase que espontaneamente.

Certas recordações daquela noite não lhe davam paz: lembrava-se de como Paul, em certo momento, o fitara com um olhar úmido e súplice e, depois, voltando o rosto para o outro lado, lhe apertara ligeiramente o braço. Lembrava-se de como, através do espelho, vislumbrara um olhar da esposa, em que havia uma expressão que cortava o coração — uma expressão lastimável, atormentada, mas que, não obstante, se assemelhava a um sorriso.

Refletiu sobre tudo isso com profunda emoção. Sim... se comparecesse ao enterro de sua filhinha, continuaria com sua esposa para sempre.

Telefonou para Paul e a criada disse-lhe o lugar e a hora do sepultamento. Na manhã seguinte, levantou-se, enquanto Margot se achava ainda dormindo, e ordenou ao criado que apanhasse seu fraque e sua cartola. Após tomar apressadamente uns goles de café, dirigiu-se ao antigo quarto de Irma, onde havia agora uma mesa de pingue-pongue, com uma redai verde atravessada sobre ela. Distraidamente, apanhou uma bola de celulóide e fe-la saltar, mas, ao invés de pensar na filha, viu uma outra figura — uma jovem graciosa, viva, caprichosa, a rir, um dos saltos dos sapatos erguido, o corpo inclinado sobre a mesa, a rebater uma bola.

Era tempo de sair. Dentro de alguns minutos, estaria apoiando Elisabeth pelo braço, diante de uma sepultura aberta. Lançou a bola sobre a mesa e dirigiu-se rápido ao quarto, a fim de ver, pela última vez, se Margot ainda estava dormindo. Enquanto se achava parado junto à cama, a fitar aquele rosto infantil, de lábios suaves e rosados e faces afoqueadas, Albinus lembrou-se da primeira noite que haviam passado juntos, e pensou, com horror, em seu futuro, ao lado de sua pálida e estiolada esposa. Tal futuro, parecia-lhe, se assemelhava a um desses longos, escuros e empoeirados corredores, no fim dos quais a gente encontra um caixote fechado ou um carrinho de bebê vazio.

Com esforço, afastou o olhar da jovem adormecida, mordeu nervosamente a unha e aproximou-se da janela. A neve começava a derreter. Automóveis reluzentes abriam caminho, espadanando por entre as poças d'água. Numa esquina, um malandro esfarrapado vendia violetas; um aventureiro cão alsaciano seguia insistentemente um minúsculo pequinês, que rosnava, virava-se para o lado e escorregava preso à trela. Uma grande e brilhante mancha de céu azul refletia-se na vidraça que uma criada de braços nus lavava vigorosamente.

— Por que está de pé tão cedo? Aonde é que você vai? — perguntou Margot com voz arrastada, entrecortada por um bocejo.

— A parte alguma — respondeu ele, sem se voltar.

VINTE E DOIS

Não fique assim tão deprimido, querido — disse-lhe ela quinze dias depois. — Sei que tudo isso é muito triste, mas eles já se tornaram quase estranhos com relação a você., e você sente do mesmo modo, não é mesmo? Além disso, é claro que fizeram com que a menina se voltasse contra você. Acredite que compreendo inteiramente os seus sentimentos, embora eu, se pudesse ter filhos, preferiria um menino.

— Você também é uma criança — respondeu Albinus, passando-lhe a mão pelos cabelos.

— Hoje, particularmente, devemos estar de bom humor — prosseguiu Margot. — Hoje, de modo especial! É o começo de minha carreira. Serei famosa.

— Oh, é verdade! Eu tinha esquecido. Quando é isso? Hoje, devéras?

Nesse momento, Rex entrou, lépido. Nos últimos tempos, ele os visitava todos os dias e, em várias ocasiões, Albinus se desabafara com ele, dizendo-lhe tudo o que não podia dizer a Margot. Rex ouvia-o de modo tão amável, fazia-lhe comentários tão sensatos e demonstrava-lhe tal simpatia, que o pouco tempo de seu conhecimento parecia a Albinus mero acidente, sem relação alguma com o tempo espiritual, íntimo, em que aquela amizade crescera e amadurecera.

— Ninguém pode construir sua vida sobre a areia movediça do infortúnio — dissera-lhe Rex. — Isso constitui um pecado contra a vida. Certa vez, tive um amigo escultor cuja apreciação infalível da forma era quase sobrenatural. Um dia, porém subitamente, casou, por piedade, com uma mulher feia, já um tanto idosa e corcunda. Não sei exatamente o que aconteceu, mas, um dia, logo depois de seu casamento, prepararam duas malas de mão e dirigiram-se, a pé, para o asilo de alienados mais próximo. Em minha opinião, um artista deve ser guiado apenas pelo seu senso de beleza: isso jamais o enganará.

— A morte — dissera ele noutra ocasião — parece ser simplesmente um mau hábito, que a natureza, presentemente, se acha incapaz de sobrepujar. Tive certa vez um querido amigo... um belo rapaz cheio de vida, com rosto de anjo e músculos de pantera. Cortou-se ao abrir uma lata de pêssegos em conserva... essa espécie de pêssegos grandes, suaves, escorregadios, que se desfazem na boca e deslisam pela garganta. Morreu, poucos dias depois, de septicemia. Estúpido, não? No entanto... sim, é estranho, mas a verdade é que, encarada como uma obra de arte, sua vida não teria sido tão perfeita, se ele tivesse tido a oportunidade de envelhecer. A morte, não raro, é que dá sentido à piada da vida.

Em tais ocasiões, Rex podia falar infindavelmente, incansavelmente, inventando histórias de amigos não existentes e expendendo reflexões não demasiado profundas para o espírito de seu interlocutor — reflexões envoltas em roupagem falsamente brilhantes. A cultura de Rex era falha, mas possuía espírito astuto e penetrante, e sua habilidade para fazer de tolos os seus semelhantes era quase genial. Talvez a única coisa real existente nele fosse a sua convicção inata de que tudo o que já fora criado no domínio da arte, da ciência ou do sentimento, não passava de um truque mais ou menos inteligente. Por mais importante que fosse o assunto que estivesse discutindo, sempre conseguia encontrar algo espirituoso ou brejeiro para dizer a respeito, fornecendo exatamente aquilo que o cérebro ou o estado de espírito de seu interlocutor exigia, embora pudesse ser, ao mesmo tempo, tremendamente rude ou afirmativo, quando seu interlocutor o irritava. Mesmo quando estava falando, de modo bastante sério, acerca de um livro ou de um quadro, Rex experimentava a agradável sensação de que participava de uma conspiração, de que era cúmplice de um embusteiro de talento — isto é, do autor do livro ou do pintor do quadro.

Observava com interesse o sofrimento de Albinus (que era, na sua opinião, um simplório quanto às suas paixões e um conhecedor respeitável, demasiado respeitável, quanto ao que dizia respeito a pintura), daquele Albinus que pensava — pobre homem! — que havia tocado o próprio fundo do sofrimento humano, enquanto que ele, Rex, refletia (com uma sensação de agradável antecipação) que, longe de haver atingido o limite do sofrimento, Albinus se encontrava na primeira fase da divertidíssima

comédia em que ele, Rex, tinha um lugar reservado no camarote especial do diretor de cena. O diretor daquela peça não era nem Deus nem o diabo. O primeiro era demasiado velho, venerável e antiquado; o segundo, assoberbado com os pecados dos outros, era maçador para si próprio e para os demais... enfadonho como a chuva., como a chuva que cai, ao amanhecer, sobre o pátio de uma prisão, onde algum pobre imbecil, a bocejar nervosamente, é conduzido tranqüilamente à morte por haver assassinado a avó. O diretor de cena que Rex tinha em mente era o fantasma evanescente, duplo, triplo, de um Proteu que se refletia em espelhos, a sombra de bolas de vidro multicoloridas a voar numa curva, o fantasma de um prestidigitador numa cortina tremeluzente... Isso, pelo menos, era o que Rex imaginava em seus raros momentos de meditação filosófica.

Ele levava a vida despreocupadamente, e o único sentimento humano que já experimentara era aquela viva simpatia por Margot, que procurava explicar para si mesmo atribuindo-a aos característicos físicos dela, a algo existente no cheiro de sua pele, no epitélio de seus lábios, na temperatura de seu corpo. Sua paixão mútua baseava-se numa profunda afinidade de almas, embora Margot fosse uma jovem e vulgar berlinense — e ele um artista cosmopolita.

Quando Rex, justamente naquele dia, a procurou, conseguiu dizer-lhe, enquanto a ajudava a vestir o casaco, que ele alugara um quarto, onde podiam encontrar-se sem ser perturbados. Margot lançou-lhe um olhar irado, pois que Albinus apalpava os bolsos do paletó apenas a alguns passos de distância. Rex riu entre dentes e acrescentou, mal baixando a voz, que a esperaria lá todos os dias a determinada hora.

— Estou convidando Margot para um encontro, mas ela não quer ir — disse ele alegremente a Albinus, enquanto desciam a escada.

— Ela que experimente! — sorriu Albinus, beliscando carinhosamente o rosto de Margot. — Agora vamos ver que espécie de artista você é — acrescentou, calçando as luvas.

— Amanhã as cinco, hem, Margot? — disse Rex.

— Amanhã esta menina irá escolher um automóvel para ela — informou Albinus. — De modo que não poderá ir.

— Ela terá tempo de sobra para fazer manhã. Às cinco horas está bem, Margot? prefere às seis?

Margot, de repente, perdeu a calma.

— Gracejo idiota — disse entre dentes.

Os dois homens riram e trocaram olhares, achando graça.

O porteiro, que conversava com o carteiro na calçada, olhou-os com curiosidade, quando passaram.

— Quem é o outro senhor? — indagou o carteiro.

— Não o pergunte a mim. Algum amante adicional, creio eu. Para dizer-lhe a verdade, envergonha-me que os outros inquilinos vejam isso. E, no entanto, ele isso pela Ou você é cavalheiro rico, generoso. O que sempre digo é o seguinte: já que ele quer ter uma amante, devia ao menos escolher uma mulher maior e mais gorda.

— O amor é cego — observou, pensativo, o carteiro.

VINTE E TRÊS

Na pequena sala em que o filme devia ser visto por umas duas dezenas de atores e convidados, Margot sentiu um arrepio delicioso percorrer-lhe a espinha. Não muito longe, ela notou o gerente da empresa cinematográfica em cujo escritório se sentira, certa vez, ridícula. Ele dirigiu-se a Albinus, e Albinus apresentou - a Margot. O homem tinha um grande terçol amarelo sobre a pálpebra direita.

Margot sentiu-se vexada por ele não a haver reconhecido.

— Tivemos uma conversa há uns dois anos — disse ela, astutamente.

— É verdade — respondeu ele, com um sorriso cortês. — Lembro-me da senhora perfeitamente. (Não se lembrava).

Logo que as luzes se apagaram, Rex, que estava sentado entre Margot e Albinus, procurou-lhe a mão e apertou-a. Diante deles, Dorianna Karenina achava-se sentada envolta em seu suntuoso casaco de peles, embora a sala estivesse quente, ladeada pelo produtor e pelo homem do terçol da empresa cinematográfica, com o qual procurava mostrar-se muito amável.

O título do filme e, em seguida, os nomes, desenrolaram-se com trmula hesitação. O projetor zunia suave e monotonamente, como um aspirador de pó distante. Não havia música.

Margot apareceu em cena quase que imediatamente. Lia um livro. Depois, fechou-o bruscamente e dirigiu-se à janela. Seu namorado passava de automóvel pela rua.

Margot sentiu-se tão horrorizada, que retirou a mão que Rex segurava. Quem, com os diabos, era aquela criatura medonha? Desajeitada e feia, com uma boca inchada, de sanguessuga, estranhamente modificada, as sobrancelhas fora do lugar e o vestido inesperadamente amarfanhado, a môça, na tela, olhou ansiosamente para rua e, depois, debruçou-se sobre o parapeito da janela, com as nádegas voltadas para os espectadores.

Margot afastou a mão de Rex, que procurava a sua no escuro. Teve vontade de morder alguém, ou lançar-se ao chão e espernear.

Aquele monstro da tela nada tinha em comum com ela: era simplesmente medonho, medonho! Parecia, na verdade, a sua mãe, a mulher do porteiro, na fotografia tirada no dia de seu casamento.

“Talvez fique melhor, daqui a pouco”, pensou ela, infeliz.

Albinus inclinou-se para ela, quase abraçando Rex ao fazê-lo, e sussurrou-lhe ternamente: — Estupendo, maravilhoso. Eu não imaginei...

Estava realmente encantado. De certo modo, aquilo lhe recordava o cinema “Argus”

em que se haviam conhecido, e comovia-o ainda o fato de Margot representar tão mal — embora o fizesse com delicioso zelo infantil, como uma menina de escola a recitar um poema natalício.

Também Rex estava encantado. Jamais duvidara de que Margot seria um fracasso na tela, e sabia que ela se vingaria de Albinus por tal fracasso. No dia seguinte, como uma reação ante aquele malogro, ela o procuraria. As cinco em ponto. Tudo aquilo era muito agradável. Sua mão tornou a procurar a de Margot — mas, de repente, ela lhe deu violento beliscão.

Logo depois, Margot tornou a aparecer: caminhava furtivamente por uma rua, batendo com a mão na parede das casas e olhando por sobre o ombro (embora não causasse, o que era bastante estranho, surpresa alguma aos transeuntes). Depois, entrou num café, onde uma boa alma lhe havia dito que poderia encontrar o seu amante em companhia de uma *vamp* (Dorianna Karenina). Ao entrar, sorratamente, suas costas pareciam gordas e desajeitadas.

“A qualquer momento lançarei um grito”, pensou Margot.

Felizmente, a cena se dissipou a tempo, e apareceu uma mesinha de café, uma garrafa num balde de gelo e o herói oferecendo um cigarro a Dorianna e acendendo-o para ela (gesto que, segundo todos os produtores, constitui o símbolo de uma intimidade nascente).

Dorianna lança a cabeça para trás, expele a fumaça e sorri com o canto da boca.

Alguém na sala começou a aplaudir; outros se juntaram ao aplauso. Margot apareceu e o aplauso cessou. Margot abre a boca, como jamais o fizera na vida real, e, cabisbaixa, os braços caídos ao longo do corpo, torna a sair para a rua.

Dorianna — a Dorianna verdadeira — que estava sentada na frente deles, voltou-se para trás, os olhos a brilhar amavelmente na semi-obscuridade.

— Bravo, menina! — disse com sua voz rouca Margot teve vontade de arranhar-lhe o rosto.

Agora, receava tanto o seu aparecimento na tela, que se sentia fraca, sem farsas para afastar ou beliscar a mão insistente de Rex. Este sentiu no rosto o hálito quente de Margot, quando ela gemeu, baixinho: — Por favor, pare com isso. Do contrário, mudarei de lugar.

Rex deu-lhe uma palmadinha no joelho e retirou a mão.

A namorada abandonada voltou — e cada um de seus movimentos era um verdadeiro suplício para Margot. Sentia-se como uma alma no inferno, a quem os demônios estivessem exibindo uma lista inesperada de transgressões terrenas. Aqueles gestos duros, desajeitados, angulosos... Em seu rosto deformado ela reconhecia, de certo modo, a expressão de sua mãe, quando esta procurava mostrar-se cortês diante de um inquilino influente.

— Muito bem sucedida essa cena — murmurou Albinus, inclinando-se de novo para ela.

Rex começava a entediarse de estar ali sentado no escuro, vendo um mau filme e, ainda por cima, tendo aquele homem corpulento a debruçar-se sobre ele. Fechou os olhos, viu mentalmente as pequenas caricaturas coloridas que estava fazendo ultimamente para Albinus e tornou a pensar no problema fascinante, embora simples, de arrancar mais dinheiro dele.

O drama ia chegando ao fim. O herói, abandonado pela vamp, dirige-se, numa boa seqüência cinematográfica, a uma farmácia, a fim de comprar veneno, mas lembra-se de sua velha mãe e, mudando de idéia, rumo para a sua fazenda nativa. Lá, entre galinhas e porcos, sua namorada original estava brincando com o filhinho ilegítimo de ambos (o qual não permaneceria ilegítimo durante muito tempo, a julgar pela maneira como ele espiou por cima da cerca). Essa era a melhor cena de Margot. Mas, quando a criancinha ergue os bracinhos para ela, a jovem, de repente, alisa o vestido (num gesto nada intencional), como se estivesse afastando a mão da criança, que a olha com desconfiança. Uma gargalhada ecoou pela sala.

Margot não pôde agüentar mais e pôs-se a chorar baixinho.

Logo que as luzes se acenderam, ela se levantou e dirigiu-se rapidamente para a saída.

Com ar de apreensão, Albinus saiu em seu encalço.

Rex ergueu-se e espreguiçou-se. Dorianna tocou-lhe no braço. Ao lado dela, o homem do terço bocejava.

— Um fracasso — comentou Dorianna, pestanejando. — Pobre pequena!

— E a senhora está satisfeita com o seu desempenho? — perguntou, com curiosidade, Rex.

Dorianna riu.

— Vou contar-lhe um segredo: uma verdadeira atriz jamais se sente satisfeita.

— Nem tampouco o público, às vezes — replicou, calmamente, Rex. — A propósito, minha cara: como foi que encontrou o seu nome de atriz? Ele me intriga um tanto.

— Oh, essa é uma longa história — respondeu ela, com ar pensativo. — Se algum dia o senhor for tomar chá comigo, eu talvez lhe diga algo mais a respeito dele. O rapaz que me sugeriu esse nome se suicidou.

— Ah... isso não é de estranhar. Mas o que eu queria saber... Diga-me uma coisa: já leu Tolstoi?

— Doll's Toy? (1) — repetiu Dorianna Karenina. Não. Receio que não. Por quê?

(1) Dou', Toy Brinquedo de Boneca, ao pé da letra. (N. do T.)

VINTE E QUATRO

Em casa, houve cenas tempestuosas: soluços, gemidos, crises histéricas. Margot lançou-se sobre o

sofá, sobre a cama, sobre o chão. Seus olhos brilhavam de cólera; uma de suas meias caiu-lhe pela perna abaixo. O mundo estava mergulhado em lágrimas.

Albinus tentou consolá-la, usando, inconscientemente, as mesmas palavras com que consolara Irma certa vez, beijando-lhe o lugar em que ela se machucara — palavras que agora, depois da morte de Irma, lhe pareciam vazias.

A princípio, Margot lançou sobre ele toda a sua raiva; depois, pôs-se a xingar Dorianna, usando de uma linguagem horrível — e, finalmente, voltou-se para o produtor.

Em meio de tudo isso, referiu-se, também, em termos insultuosos, ao homem do terçol, embora ele nada tivesse a ver com o que acontecera.

— Está bem — disse Albinus, afinal. — Farei por você tudo o que puder. Mas, na verdade, não me parece que tenha sido um fracasso. Pelo contrário, você representou, em muitas cenas, muito bem... naquela primeira cena, por exemplo, em que você...

— Cale-se! — berrou ela, atirando contra ele uma laranja.

— Mas ouça, minha gatinha. Estou disposto a fazer tudo para tomar a minha querida feliz. Agora, apanhe um lenço limpo e enxugue de uma vez as lágrimas. Eu paguei por aquela porcaria..., quero dizer, pela porcaria em que Schwarz converteu o filme. Não permitirei que ele seja exibido em parte alguma; conserva-lo-ei apenas como uma lembrança.

— Não — soluçou Margot. — Queime-o!

— Muito bem, eu o queimarei. Dorianna não ficará muito satisfeita com isso, posso garantir-lhe. E agora... estamos satisfeitos?

Ela continuou chorando, porém mais baixo.

— Vamos, vamos! Não chore mais, querida. Amanhã você irá escolher um presente para você. Sabe o que? Uma grande coisa grande, sobre quatro rodas... Já se esqueceu disso?

Não será divertido? Você mo mostrará e, talvez (Albinus sorriu e ergueu as sobrancelhas, ao acentuar, astutamente, a palavra «talvez») eu o compre. Viajaremos milhas e milhas. Você verá a primavera no sul... Que tal lhe parece, Margot?

— No se trata disso — respondeu ela, amuada.

— Como não? Trata-se de que você deve ser feliz. E você o será. Onde está esse lenço? Voltaremos no outono; você tomará mais algumas lições de arte cinematográfica, e estou certo de que descobrirei para você um produtor realmente inteligente... Grossman, por exemplo.

— Não, ele não — murmurou Margot, com um estremecimento.

— Está bem... então um outro. Agora, enxugue as lágrimas, como uma boa menina, e vamos jantar fora. Por favor, meu bem.

— Jamais serei feliz, enquanto você não se divorciar — disse ela, suspirando profundamente. — Mas estou com medo que você me abandone, agora que me viu nesse filme medonho. Oh, um outro homem, em seu lugar, os teria esbofeteado, por terem me tornado tão monstruosa! Não, você não me beijará. Diga-me, você já fez alguma coisa a respeito do divórcio? Ou já deixou tudo isso de lado?

— Bem, não... Como você compreende, a coisa é assim... — balbuciou Albinus. — Você., nós... Oh, Margot, nós acabamos... O que quero dizer, numa palavra, é que ela vive uma vida à parte... O golpe por que acabamos de passar faz com que isso me seja um tanto difícil.

— Que é que você está dizendo? — exclamou Margot, pondo-se de pé. — Ela ainda não sabe que você deseja o divórcio?

— Não, não quis dizer isso — respondeu, desajeitado, Albinus. — Ela percebe, claro... Quero dizer, ela sabe... Ou, melhor...

Margot foi crescendo cada vez mais, como uma serpente que se prepara para o ataque.

— Para falar a verdade, ela não se divorciará de mim — disse, por fim, Albinus, pela primeira vez na vida dizendo uma mentira acerca de Elisabeth.

— Oh, então é assim? — perguntou Margot, avançando para ele.

“Ela vai agredir-me”, pensou Albinus, cansado.

Margot aproximou-se dele e passou-lhe lentamente o braço pelo pescoço.

— Não posso continuar sendo apenas sua amante — disse ela, colando o rosto em sua gravata. — Não posso. Faça alguma coisa a respeito. Diga a você mesmo, amanhã: Vou fazer isso pela minha garota. Há advogados. Tudo se poderá arranjar”.

— Prometo-lhe que, no outono, eu o farei.

Ela suspirou baixinho, caminhou para o espelho e, langüidamente, fitou a sua própria imagem.

“Divórcio?”, pensou Albinus. “Não. Isso está fora de cogitação.

VINTE E CINCO

REX converteu em atelier o quarto que alugara para seus encontros com Margot, e sempre que ela lá ia, encontrava-o a trabalhar. Ele, em geral, assobiava fora de tom, enquanto desenhava.

Margot fitou-lhe o rosto pálido, os lábios grossos e rubros, contraídos num círculo quando assobiava, e sentiu que aquele homem significava tudo para ela. Rex usava uma camisa de seda, com o colarinho aberto, e uma velha calça de flanela. Estava realizando milagres com tinta nanquim.

Encontravam-se assim quase todas as tardes, e Margot continuava a adiar o dia da partida, embora o automóvel já tivesse sido comprado e já fosse quase primavera.

Posso fazer uma sugestão? — disse Rex a Albinus, certo dia. — Por que precisa contratar um chofer para a sua viagem? Como sabe, sei guiar bem um automóvel.

— É muita bondade sua — respondeu Albinus, um tanto hesitante. — Mas... bem, receio afastá-lo de seu trabalho. Pretendemos viajar bastante.

— Oh, não se incomode comigo. Eu, de qualquer modo, tencionava tirar umas férias. Sol maravilhoso... velhos e estranhos costumes... campos de golfe... e, ainda por cima, passeios...

— Nesse caso, sentir-nos-emos encantados — respondeu Albinus, perguntando a si próprio, preocupado, o que Margot pensaria daquilo.

Mas Margot, após breve hesitação, concordou com a sugestão.

— Está bem. Deixe que ele vá. Eu, na verdade, o aprecio bastante, mas ele adquiriu o hábito de fazer--me confidências acerca de seus casos amorosos, e suspira, ao falar deles, como se se tratasse de uma coisa normal. É um pouco tedioso.

Isso ocorreu na véspera da partida. Ao voltar para casa, após fazer compras, Margot deu um pulo até o quarto de Rex. A caixa de tintas, os lápis, um raio empoeirado de sol a atravessar obliquamente o quarto... tudo isso fez com que se lembrasse do tempo em que posava nua.

— Por que está com tanta pressa? — perguntou-lhe, preguiçosamente, Rex, enquanto ela retocava os lábios. — Hoje é a última vez. Não sei se conseguiremos estar a sós durante a viagem.

— Nós dois somos espertos — respondeu ela, com um riso gutural.

Saiu correndo para a rua, à procura de um táxi. Mas a rua, banhada de sol, estava deserta. Chegou a uma praça e, como sempre fazia quando vinha do quarto de Rex, pensou: “Será que devo virar à direita, atravessar o jardim e tornar a dobrar à direita?”

Lá estava a rua em que morara quando criança.

(O passado estava seguro em sua jaula. Por que não dar uma olhada?) A rua não mudara. Lá estava a padaria, à esquina; e lá estava o açougue, com a cabeça de um boi, pintada de dourado, na tabuleta, tendo

à porta, amarrado, o buldogue pertencente à viúva do major do número 15. Mas a papelaria havia se transformado em cabeleireiro. Lá estava, em sua banca, a velha vendedora de jornais. estava a cervejaria que Otto costumava freqüentar — e, pouco além, a casa em que ela nascera: estava sendo reformada, a julgar pelo andaime. Não se interessou em aproximar-se mais.

Ao voltar, uma voz familiar a chamou.

Era Kaspar, companheiro de seu irmão. Empurrava uma bicicleta cor de violeta, com um cesto sobre o guidão.

— Alô, Margot — disse ele, sorrindo um pouco timidamente, pondo-se a andar pela calçada a seu lado.

A última vez que ela o vira, Kaspar havia se mostrado muito rude; mas pertencia, então, a um grupo, a uma organização, quase uma quadrilha. Agora, achava-se sozinho; era simplesmente um velho amigo.

— Bem, como tem passado, Margot?

— Esplendidamente — riu ela. — E você?

— Oh, apenas tocando a vida. Sabe que sua família se mudou? Estão morando, agora, na zona norte de Berlim. Você devia, qualquer dia, fazer-lhes uma visita, Margot. Seu pai não durará muito.

— E onde está o meu querido irmão? — indagou — Oh, ele foi embora. Creio que está trabalhando em Bielefeld.

— Você sabe muito bem quanto eles me amavam lá em casa — comentou Margot, carrancuda, olhando para os pés, pois caminhava muito perto da guia. — E eles se importaram comigo depois? Importaram-se em saber que fim eu havia levado?

Kaspar tossiu e disse:

— De qualquer modo, eles são a sua família, Margot. Sua mãe foi despejada da casa e não gosta do lugar onde agora está morando.

— E o que é que dizem por aí a meu respeito? — perguntou ela, olhando-o.

— Oh, uma porção de bobagens. coisas habituais. Eu sempre disse que o direito de fazer o que quiser de sua Está se dando bem com o seu amigo?

— Oh, sim, mais ou menos. Ele logo vai casar comigo.

— Ótimo! — disse Kaspar. — Alegra-me muito, por você. Só que é uma pena a gente não poder mais se divertir como antigamente. Uma grande pena.

— Você não arranjou uma namorada? — indagou Margot, sorrindo.

— No momento, não. A vida, às vezes, é muito dura, Margot. Estou trabalhando numa confeitaria. Gostaria de ter, algum dia, uma confeitaria minha.

— É verdade. A vida pode ser dura — concordou Margot, pensativa.

E, após pequena pausa, chamou um táxi.

— Talvez pudéssemos, algum dia... — começou Kaspar. — Mas não... Eles jamais irão nadar de novo no lago.

“Ela irá dar com os burros n’água”, pensou ele, enquanto Margot se sentava no automóvel. “Devia casar com algum homem bom, simples. Eu, porém, não a queria para mim. A gente nunca saberia a quantas andava...”

VINTE E SEIS

Estradas margeadas de macieiras e, depois, de ameixeiras, desenrolavam-se, infindavelmente, sob os pneumáticos. O tempo estava excelente e, ao anoitecer, as células de aço do radiador estavam repletas de abelhas, libélulas e borboletas mortas. Rex dirigia admiravelmente, reclinado preguiçosamente no assento baixo, a manejar o volante com uma leveza terna, quase sonhadora. No vidro de trás, achava-se dependurado um macaco de pelúcia, a olhar para o norte, do qual eles se afastavam velozmente.

Depois, na França, havia choupos à beira das estradas; as criadas, nos hotéis, não compreendiam Margot, e isso a deixava furiosa. Ficou combinado que passariam a primavera na Riviera, seguindo, depois, para os lagos italianos. Pouco antes de chegar à costa, o último lugar em que pararam foi Rouginard.

Chegaram ao pôr do sol. Uma nuvem de um alaranjado vivo desdobrava-se pelo céu verde pálido; brilhavam luzes nos cafés acaçapados; as árvores, no boulevard, estavam já quase envoltas pela escuridão.

Margot estava cansada e irritadiça, como sempre acontecia quando se aproximava a noite. Desde sua partida — isto é, há quase três semanas (pois que viajavam sem pressa, detendo-se em numerosos lugarejos pitorescos, com a mesma velha igreja na mesma velha praça) — não pudera estar a sós com Rex. Quando entraram em Rouginard, e Albinus mergulhava em êxtases diante do contorno das colinas purpurejantes, Margot murmurou, através dos dentes cerrados: — Oh, deixe de sentimentalismo!

Estava a ponto de romper em lágrimas. Dirigiam-se a um grande hotel e Albinus desceu, para ver se havia acomodações.

— Enlouquecerei, se isto continuar por mais tempo — comentou ela, sem olhar para Rex.

— Dê-lhe uma pílula para dormir — sugeriu Rex.

— Eu a comprarei na farmácia.

— Já tentei — respondeu Margot. — Mas não deu resultado.

Albinus voltou, um pouco aborrecido: — Nada. Isto é fatigante. Desculpe-me, querida.

Dirigiram-se, sucessivamente, a três hotéis — e todos eles estavam repletos. Margot recusou-se terminantemente a prosseguir viagem até a localidade seguinte, dizendo que as curvas da estrada a deixavam enjoada. Era tal o seu mau humor, que Albinus tinha medo de olhá-la. Por fim, no quinto hotel, foram convidados a subir pelo elevador e ver se serviam os únicos dois quartos disponíveis. O ascensorista, um rapazinho de tez cor de azeitona, que os conduziu, ficou com o seu belo perfil voltado para eles.

— Veja que cílios! — comentou Rex, cutucando Albinus com o cotovelo.

— Pare com essas tolices! — exclamou, subitamente, Margot.

O quarto em que havia uma cama de casal não era de todo mau, mas Margot, batendo de leve o salto no assoalho, não cessava de repetir: — Não ficarei aqui, não ficarei aqui.

— Mas, na verdade, para se passar uma noite, não é nada mau — disse Albinus, em tom de súplica.

A criada abriu uma porta interna, que dava para o banheiro; entrou e abriu uma segunda porta, que se comunicava com o quarto contíguo.

Rex e Margot, subitamente, trocaram olhares.

— Não sei se você não se importa de compartilhar do banheiro conosco — disse Albinus. — Margot costuma alagar tudo e ficar muito tempo no banho.

— Bem — riu Rex. — Nós haveremos de dar um jeito.

— Tem certeza de que não há nenhum outro quarto de solteiro? — perguntou Albinus, voltando-se

para a criada.

Mas Margot interveio, rápida: — Tolice! Está bem assim. Recuso-me a continuar andando de um lado para outro.

Aproximou-se da janela, enquanto traziam a bagagem. Havia uma grande estréia num céu cor de ameixa, as copas negras das árvores estavam inteiramente imóveis, grilos cricrilavam... mas ela não via nem ouvia nada.

Albinus começou a tirar da mala os objetos de *toilette*.

— Vou tomar primeiro um banho — disse Margot, despindo-se apressadamente.

— Muito bem — respondeu Albinus, alegre. — Enquanto isso, farei a barba. Mas não demore muito... Precisemos comer alguma coisa.

Através do espelho, Albinus saía, um par de roupas íntimas, outra, voarem pelo ar.

— Garota desleixada — disse quanto ensaboava o queixo.

Ouviu a porta fechar-se, o ruído da fechadura e a água a correr, ruidosamente.

— Não precisa trancar-se aí — disse em voz tal, rindo, enquanto esticava com o dedo a pele do rosto. — Não vou pô-la para fora.

A água corria, ruidosa e incessante, atrás da porta fechada. Albinus escanhou cuidadosamente o rosto com o seu aparelho Gillette. Será que eles teriam, naquele hotel, lagosta à l'Ame'ricaine?

A água continuava a jorrar — e o barulho era cada vez mais alto. Já havia quase acabado de barbear-se e estava dando apenas mais algumas passadas em torno de seu caroço de Adão, onde havia sempre alguns pêlos relutantes, quando, de repente, notou, com espanto, que um lençol de água corria por baixo da porta do banheiro. O trovejar das torneiras adquirira agora uma nota triunfante.

— Não é possível que ela tenha se afogado — murmurou ele, correndo para a porta e batendo com força.

— Querida, você está bem? Você está inundando o quarto!

Nenhuma resposta.

— Margot! Margot! — gritou, tentando girar a maçaneta, inteiramente inconsciente do papel que as portas representavam na vida de Margot e dele.

Margot voltou apressadamente para o banheiro, que estava cheio de vapor e água quente, e fechou, rápida, as torneiras.

— Adormeci na banheira — gritou ela, em tom queixoso, através da porta.

— Você é maluca — disse Albinus. — Que susto me pregou!

Os fios de água, que escureciam o tapete cinza claro, diminuíram e deixaram de correr. Albinus voltou para o espelho e tornou a ensaboar o pescoço.

Passados alguns minutos, Margot surgiu fresca e radiante, pondo-se a esfregar o corpo com talco. Albinus, por sua vez, foi tomar um banho. O banheiro exalava umidade.

Bateu à porta de Rex.

— Não o farei esperar muito — gritou. — O banheiro estará livre dentro de um momento.

— Oh, não tenha pressa, não tenha pressa! — respondeu Rex, feliz.

Durante o jantar, Margot revelou excelente bom-humor. Comeram no terraço. Uma mariposa branca ajeitou-se em torno de uma lâmpada e caiu sobre a toalha da mesa.

— Ficaremos aqui muito, muito tempo — disse Margot. — Este lugar me agrada tremendamente.

VINTE E SETE

Passou-se uma semana; depois outra. Os dias eram 1 claros, sem nuvens. Havia uma porção de flores e estrangeiros. Uma hora de viagem levava-os a uma bela praia encravada entre rochas de um vermelho escuro, tendo por fundo o azul profundo do mar. Montes cobertos de pinheirais cercavam o hotel em que estavam hospedados, em seu gênero um imponente edifício, num enjoativo estilo mourisco que teria arrepiado a pele a Albinus, se ele não se sentisse tão feliz. Margot também estava feliz — o mesmo acontecendo com Rex.

Margot tinha muitos admiradores, entre os quais um fabricante de sedas de Lyon, um inglês tranqüilo que colecionava besouros e alguns jovens, seus companheiros de tênis. Mas, fosse quem fosse que a fitasse ou dançasse com ela, Albinus não sentia ciúmes. Surpreendia-se muito ao recordar as angústias por que passara em Solfi: por que razão tudo então o inquietava, e por que se sentia tão seguro dela no momento? Ele não percebera uma pequena coisa: que ela, agora, já não tinha desejo algum de agradar aos outros; necessitava apenas de um único homem: Rex. E Rex era à sombra de Albinus.

Um dia, os três saíram para uma longa caminhada pelas montanhas, perderam-se e, finalmente, desceram por um caminho difícil e pedregoso, que os conduziu a um lugar errado. Margot, que não estava habituada a tais caminhadas, feriu muito um pé, e os dois homens tiveram de carregá-la, cada qual por seu turno, bastante arqueados sob o seu fardo, pois que nenhum deles era muito robusto. Cerca das duas horas da tarde, chegaram a uma aldeola banhada de sol, encontrando o ônibus de Rouginard prestes a partir de uma praça revestida de paralelepípedos, onde alguns homens jogavam boliche. Margot e Rex entraram no veículo; Albinus ia fazer o mesmo, mas, verificando que o motorista ainda não se achava em seu lugar e que iria demorar ainda um pouco, pois que estava ajudando um velho agricultor a colocar dois grandes engradados no ônibus, bateu no vidro entreaberto junto ao qual Margot se achava sentada e disse-lhe que iria beber rapidamente alguma coisa. E dirigiu-se, às pressas, a um bar que havia à esquina. Ao estender o braço para apanhar a cerveja, esbarrou num homenzinho de constituição delicada, de calça de flanela branca, que pagava apressado a sua conta. Olharam-se.

— Você aqui, Udo? — exclamou Albinus. — Este é um prazer inesperado!

— Bastante inesperado — respondeu Udo Conrad. — Você está um pouco mais calvo, meu velho. Está aqui com sua família?

— Bem, não... Estou passando uma temporada em Rouginard e...

— Ótimo — interrompeu-o Conrad. — Eu também estou morando em Rouginard.

Santo Deus, o ônibus já está partindo! Depressa!

— Já vou — disse Albinus, engolindo sua cerveja.

Conrad saiu apressado em direção do ônibus e apanhou-o. O motorista tocou a buzina. Albinus meteu a mão no bolso, à procura das enganadoras moedas francesas.

— Oh, não há pressa — disse o dono do bar, um homem melancólico, de bigodes negros e caídos. — O ônibus dá a volta pela aldeia e, depois, antes de partir, pára ainda de novo nesta esquina.

— Ah, bem... Então tomarei outra cerveja.

Pela porta aberta e ensolarada, viu o grande e comprido ônibus amarelo seguir por entre um labirinto de árvores umbrosas, que projetavam sombras mosqueadas, parecendo misturar-se e dissolver-se em meio delas.

“Curioso, encontro Udo”, refletia Albinus. “Está com a barba um pouco amarelada, para compensar a minha perda de cabelos. Quando foi que nos encontramos a última vez?”

Há seis anos. Sinto-me alegre por tê-lo encontrado? De modo algum. Julguei que ele estivesse vivendo em San Remo. Um homem esquisito, frágil, um tanto soturno, e não muito feliz. Celibato, febre

de feno... Detesta gatos e o tique-taque dos relógios. Um belo escritor.

Excelente escritor. Engraçado ele não ter a menor idéia de que a minha vida mudou.

Engraçado eu estar aqui de pé neste lugarejo quente e sonolento, onde jamais estive antes, e a que, provavelmente, jamais voltarei. Que estará fazendo, neste momento, Elisabeth?

Vestido preto, mãos ociosas. Melhor não pensar nisso”.

— Quanto tempo demora o ônibus para dar a volta pela aldeia? — indagou lentamente, em francês cuidadoso, Albinus.

— Uns poucos minutos.

“Não compreendo bem o que eles fazem com essas bolas de madeira. De madeira?

Ou será algum metal? Agarram-na primeiro na palma da mão; depois, lançam-na... e ela rola, detém-se. Desagradável se ele, no caminho, entabular conversa com Margot e ela lhe disser tudo. Mas será que ela o fará? Não sei. Mas eles não terão muita oportunidade de conversar.

Ela estava se sentindo infeliz, a pobrezinha, e permanecerá sentada muito quieta.”

— Este lugar parece ser muito grande, a julgar pelo tempo que o ônibus leva para dar a volta — observou ele.

— Ele não dá volta alguma — informou um velho com um cachimbo de barro, sentado numa mesa atrás de Albinus.

— Dá — disse o tendeiro melancólico.

— Dava até sábado último — volveu o velho. — Agora, segue direto.

— Bem — desculpou-se o homem do bar — isso não é minha culpa.

— Mas que farei agora? — indagou Albinus, desolado.

— Tome o ônibus seguinte — respondeu, judiciosamente, o velho.

Chegou, afinal, ao hotel e encontrou Margot refestelada numa espreguiçadeira no terraço, comendo cerejas, enquanto Rex, de shorts, se achava sentado no parapeito branco, as costas bronzeadas e peludas voltadas para o sol. Um quadro tranqüilo e feliz.

— Perdi o maldito ônibus — disse Albinus, sorrindo.

— Era de se esperar — respondeu Margot.

— Diga-me uma coisa: você notou, no ônibus, a presença de um homenzinho de branco, com uma barba arruivada?

— Eu notei — disse Rex. — Estava sentado atrás de nós. Que tem ele?

— Nada... É apenas um homem que conheci antigamente.

VINTE E OITO

Na manhã seguinte, Albinus fez meticolosas investigações no Escritório de Turismo e na pensão alemã, mas ninguém soube dizer-lhe o endereço de Udo Conrad. “Afinal de contas, pouca coisa temos a dizer um ao outro”, pensou. “É provável que eu ainda o torne a encontrar, se ficarmos aqui mais tempo. E, se não o encontrar, não grande importância”.

Poucos dias depois, Albinus acordou mais cedo do que habitualmente, escancarou as venezianas, sorriu para o céu suave e azul e para as verdes e doces colinas, já luminosas, embora brumosas, e sentiu grande desejo de galgar a esmo aqueles montes, respirando o ar que rescendia a tomilho.

Margot despertou.

— É ainda tão cedo — disse ela, sonolenta.

Albinus sugeriu que deviam vestir-se sem perda de tempo e passar o dia todo fora — apenas os dois...

— Vá você sozinho — murmurou ela, voltando-se para o outro lado.

— Oh, sua preguiçosa! — disse Albinus, tristemente.

Eram cerca de oito horas. Num bom passo, ele saiu das ruas estreitas, cortadas em sentido longitudinal pelo sol e pela sombra matinais, e começou a subir.

Quando passava por uma minúscula villa, pintada de uma cor de rosa vivo, ouviu um ruído de podadeira e deparou com Udo Conrad, que podava algo no pequeno e pedregoso jardim. Sim, ele sempre gostara de jardinagem.

— Até que enfim consigo encontrá-lo! — exclamou, alegremente, Albinus.

O outro voltou-se, mas não correspondeu ao sorriso.

— Oh — disse em tom seco — não esperava tornar a vê-lo.

A solidão o tornara sensível como uma solteirona, e ele agora sentia mórbido prazer em mostrar-se magoado.

— Deixe de ser tolo, Udo — disse Albinus ao aproximar-se, afastando delicadamente para o lado a folhagem frágil de uma mimosa, que se debruçava sonhadoramente sobre o caminho. — Você bem sabe que eu não perdi o ônibus de propósito. Julguei que ele circundasse a aldeia e voltasse novamente.

Conrad abrandou um pouco.

— Não importa — respondeu. — Isso acontece com frequência: a gente encontra alguém após longa ausência e sente, de repente, vontade de dar o fora. Julguei que não lhe agradasse a perspectiva de conversas sobre os velhos tempos na prisão móvel de um ônibus.

E você evitou perfeitamente de fazê-lo.

Albinus riu.

— A verdade é que passei estes últimos dias à sua procura. Ninguém parecia saber exatamente o seu paradeiro.

— Sim, aluguei esta casa há apenas alguns dias. E você, aonde está hospedado?

— No Britannia. Estou contentíssimo por tê-lo encontrado, Udo. Você precisa falar-me a seu respeito.

— Que tal se déssemos um pequeno passeio? — sugeriu, com ar duvidoso, Cona. — Muito bem. Vou calçar um outro par de sapatos.

Voltou dentro de um instante e começaram a subir por uma estrada fresca e umbrosa, que serpenteava por entre muros cobertos de trepadeiras, o asfalto cinzento ainda não tocado pelo quente sol matinal.

— E como vai sua família? — perguntou Conrad.

Albinus hesitou um instante e respondeu: — É melhor não me perguntar, Udo. Ultimamente, aconteceram-me coisas terríveis.

No ano passado, Elisabeth e eu nos separamos. E, logo depois, a minha pequena Irma morreu de pneumonia. Prefiro não falar nessas coisas, se você não se importar.

— Oh, é lamentável tudo isso.

Ficaram ambos em silêncio. Albinus perguntou a si próprio se não seria um tanto sedutor e excitante contar àquele seu velho companheiro acerca de seu apaixonado caso amoroso... justamente àquele homem que sempre o conhecera como um indivíduo tímido e pouco dado a aventuras. Mas resolveu adiar aquela revelação até mais tarde. Conrad, por outro lado, refletia que cometera um erro ao sugerir aquele passeio: preferia a companhia de pessoas descuidadas e felizes.

— Não sabia que você estava na França — disse Albinus. — Julgava que você, em geral, costumava viver no país de Mussolini.

— Quem é Mussolini? — indagou Conrad, com ar intrigado.

— Ah... você é sempre o mesmo — riu Albinus. — Não se assuste: não vou falar de política. Fale-me de seu trabalho, por favor. Sua última novela é estupenda.

— Receio — respondeu Udo — que a nossa Mãe Pátria não esteja perfeitamente em condições de apreciar os meus escritos. Eu de bom grado escreveria em francês, mas não me sinto inclinado a renunciar à experiência e às riquezas acumuladas em tantos anos de manipulação de nosso idioma.

— Vamos, vamos! Uma porção de gente ama os seus livros.

— Não como eu os amo — disse Conrad. — Tardará ainda muito... um século inteiro, talvez.., para que eu seja apreciado devidamente. Isto é, se a arte de escrever e de ler não estiver, então, inteiramente esquecida. Mas receio que, neste último meio século, ela já esteja bastante esquecida na Alemanha.

— Como assim? — indagou Albinus.

— Bem, quando uma literatura subsiste quase que exclusivamente baseada na Vida e na Biografia, significa que está agonizante. E não me interessam muito as novelas freudianas ou as novelas que tratam de uma tranqüila vida campestre. Você poderá argüir que não é a literatura, em seu todo, o que importa, mas dois ou três escritores verdadeiros que permanecem isolados, ignorados pelos seus graves e pomposos contemporâneos. De qualquer modo, isso é exasperante, às vezes. Enfurece-me ver os livros que estão sendo levados a sério.

— Não. Não sou de sua opinião. Se a nossa época se interessa por problemas sociais, não há razão para que os escritores de talento não procurem colaborar. A guerra, a inquietude de após-guerra...

— Não, por favor! — gemeu, baixinho, Conrad.

Calaram-se novamente. A estrada serpenteante os conduziu a um bosquete de pinheiros onde o canto das cigarras se assemelhava ao zumbido incessante de um brinquedo de corda. Um regato corria sobre pedias lisas, que pareciam estremecer sob a água. Sentaram-se num gramado seco, do qual se exalava doce fragrância.

— Você não tem saudade do som de vozes alemãs?

— Oh, bem, deparo, de vez em quando, com alguns compatriotas.., e isso, às vezes, é bastante divertido. Notei, por exemplo, que os turistas alemães se sentem inclinados a pensar que criatura alguma compreende sua linguagem.

— Eu não poderia viver sempre no estrangeiro — disse Albinus, deitado de costas, seguindo sonhadoramente com o olhar, por entre os verdes ramos, os contornos dos golfos, das lagoas e das enseadas azuis.

— No dia em que nos encontramos — disse Conrad, também recostado, com os braços sob a cabeça — tive uma experiência fascinante, no ônibus, com aqueles seus dois amigos. Você os conhece, pois não?

— Sim, ligeiramente — respondeu Albinus, com um risinho.

— Foi o que pensei, a julgar pela hilaridade que lhes causou o fato de você ter perdido o ônibus. (“Menininha má”, pensou, com ternura, Albinus. “Devo falar-lhe a respeito dela? Não”).

— Divertime muito escutando a conversa de ambos. Mas o que senti não foi bem saudade da pátria. Coisa estranha: quanto mais penso nisso, tanto mais me convenço de que chega urna ocasião, na vida do artista, em que ele deixa de sentir falta de seu país natal.

Como aquelas criaturas que viviam primeiro num estado aquático e, depois em terra seca.

— Talvez pudesse haver algo em mim a ansiar pela frescura da água — disse Albinus, com uma espécie de sonolenta cerebração. — A propósito: encontrei uma passagem bastante bela logo no começo do livro *O Descobrimento de Taprobana*, de Baum. Ao que parece, um viajante chinês, há muitos séculos, ao dirigir-se de Gobi para a Índia, deparou, certo dia, com uma grande imagem de jade de Buda, num santuário situado sobre uma colina, no Ceilão, e viu um mercador chinês fazendo a oferta de um presente nativo chinês., um leque branco de seda, e...

— ... e — interrompeu-o Conrad — um súbito cansaço de seu longo exílio caiu sobre o viajante. Conheço essa história, embora jamais haja lido e jamais leia esse último e árido esforço de um tolo. Seja lá como for, os mercadores com que deparo não contribuem muito para despertar saudade.

Estavam ambos novamente a sorrir. Ambos se sentiam bastante entediados. Após contemplar por mais alguns minutos os pinheiros e o céu, Conrad sentou-se e disse: — Sinto tremendamente, meu velho, mas você se importaria muito se voltássemos?

Preciso ainda escrever algo antes do meio-dia.

— De modo algum — respondeu Albinus, também se levantando. — Eu também preciso voltar para o hotel.

Desceram pelo caminho em silêncio e, depois, ao chegar à porta de Conrad, trocaram, com grande demonstração de cordialidade, um aperto de mão.

“Bem, acabou”, pensou, com alívio, Albinus. “Quero só ver se me pilham de novo a visitá-lo!”

VINTE E NOVE

De volta ao hotel, ao entrar numa tabacaria, a fim de comprar cigarros, dá de encontro, quando afastava com as costas da mão a cortina de pingentes feita de contas vermelhas, com o coronel francês aposentado, que, nos últimos três dias, era seu vizinho de mesa, no hotel.

— Perdão! — exclamou o coronel, sujeito cordial. — Bela manhã, pois não?

— Belíssima — concordou Albinus.

— E onde estão hoje os namorados?

— Não entendo a que se refere.

— Bem, as pessoas que arrulham pelos cantos (*qui se pelotent dans tous le coins*) são, em geral, chamadas assim, não lhe parece? — respondeu o coronel, tendo nos olhos de porcelana azul, estriados de sangue, essa expressão que os franceses chamam goguenard. — Gostaria apenas — ajuntou — que não o fizessem no jardim, bem em baixo de minha janela.

Isso causa inveja aos velhos.

— Que é que o senhor quer dizer? — indagou Albinus.

— Não me sinto capaz de dizer tudo isso de novo em alemão — disse, rindo, o coronel. — Bom dia, meu caro senhor.

Afastou-se. Albinus entrou na tabacaria.

— Que tolice! — exclamou, fitando a mulher que se achava atrás do balcão, sentada num cavalete.

— *Comment, Monsieur?*

— Que perfeita tolice! — repetiu ao parar na esquina, a testa franzida, perturbando, de pé no meio da calçada, as pessoas que passavam.

Teve a obscura sensação de que tudo, subitamente, se virava às avessas, de modo que, para entender, tinha de ler de trás para diante. Era uma sensação destituída de qualquer sofrimento ou assombro. Tratava-se simplesmente de algo escuro e agigantado, embora macio e sem ruído, que se aproximava dele — e lá se achava ele, numa espécie de vago e irremediável estupor, sem procurar sequer evitar aquele choque espectral, como se aquilo fosse um curioso fenômeno que não poderia causar-lhe mal algum, enquanto aquela letargia perdurasse.

— Impossível — disse, subitamente, em voz alta.

E um pensamento estranho, tortuoso, lhe ocorreu — e ele acompanhou mentalmente o seu vôo adejante e irregular de morcego, como se de novo também aquilo fosse uma coisa que se devesse estudar, e não causar medo. Depois, voltou-se subitamente, quase jogando ao chão uma garotinha de avental preto, e, rápido, rumou de novo para o lugar de onde acabara de vir.

Conrad, que tinha estado a escrever no jardim, dirigiu-se ao seu escritório, no rés do chão, a fim de apanhar um caderno de notas de que necessitava, e ia examiná-lo, junto à janela, quando deparou com o rosto de Albinus a fitá-lo de fora (“Que homem maçador”, pensou rapidamente. “Será que agora não irá mais deixar-me em paz? Onde já se viu espiar a gente desse jeito!”).

— Ouça aqui, Udo — disse Albinus, numa voz estranha, apagada. — Esqueci de perguntar-lhe uma coisa. Sobre que conversaram eles no ônibus?

— Perdão, não entendo.

— A respeito de que falaram aqueles dois no ônibus? Você me disse que tinha sido uma experiência fascinante.

— Uma o que? — indagou Conrad. — Oh, sim, agora compreendo. Bem, foi fascinante, de certo-modo. Queria dar-lhe um exemplo de como os alemães agem, quando pensam que ninguém os entende... É a isso que você se refere?

Albinus fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Bem — disse Conrad — foi a conversa amorosa mais baixa, mais alta e mais desavergonhada que já ouvi em minha vida. Aqueles seus dois amigos falavam tão livremente de seu amor como se estivessem sozinhos no Paraíso... um Paraíso bastante indecente, sinto dizê-lo.

— Udo, você poderia jurar que isso é verdade?

— Como?

— Você está inteiramente certo disso que está dizendo?

— Ora essa! Estou. Que idéia! Espere um momento, que já vou para o jardim.

Assim, através da janela, não consigo ouvir uma palavra.

Apanhou o seu caderno e saiu.

— Alô, onde está você? — gritou.

Mas Albinus havia desaparecido. Conrad caminhou até o meio da estrada. Nada... o homem tinha ido embora, mesmo.

— Será — murmurou Conrad — será que não cometi nenhuma *gaffe*?

TRINTA

Albinus desceu para a cidade, atravessou o boulevard sem diminuir o passo e chegou ao hotel. Subiu para o seu quarto... para o quarto de ambos. Estava vazio; a cama não tinha sido ainda feita. Havia um pouco de café derramado e uma colherinha brilhava sobre o tapete branco. Cabisbaixo, ficou a olhar aquele ponto brilhante. Nesse momento, vindo do jardim, soou o riso estridente de Margot.

Ele debruçou-se sobre a janela. Margot caminhava ao lado de um jovem de calção branco, e a raquete que ela brandia, enquanto palestrava, cintilava ao sol como ouro. Seu companheiro surpreendeu Albinus na janela do terceiro andar. Margot olhou para cima e parou.

Albinus moveu o braço como se agarrasse alguma coisa em seu peito, num gesto que significava “suba”, tal como ela o entendeu. Ela fez-lhe um aceno com a cabeça e seguiu, indolentemente, pelo caminho revestido de cascalho, em direção dos oleandros que ladeavam a entrada do hotel.

Albinus afastou-se da janela, ficou de cócoras e abriu sua maleta, mas lembrou-se de que aquilo que procurava estava em outro lugar. Acercou-se do guarda-roupa e meteu a mão no bolso de seu sobretudo de peio de camelo. Examinou rapidamente o revólver, para ver se estava carregado. Depois, postou-se junto à porta.

Logo que a porta se abrisse, atiraria. Não se daria ao trabalho de fazer-lhe pergunta alguma. Era tudo claro como a morte e, com uma espécie de medonha suavidade, enquadrava-se no plano lógico das coisas. Eles o vinham enganando incessantemente, astutamente, artisticamente. Ela devia morrer incontinenti.

Enquanto a esperava, seguia-lhe mentalmente os passos. Agora, devia ter entrado no hotel; agora, estaria subindo pelo elevador. Ficou atento ao ruído de seus sapatos pelo corredor. Mas sua imaginação fora mais rápida do que ela. Tudo continuava em silêncio.

Devia começar de novo. Segurava a pistola automática e ela lhe parecia uma extensão natural de sua mão, que estava tensa e ansiosa por disparar: havia um prazer quase sensual na idéia de apertar o gatilho recurvo.

Quase disparou a arma contra a porta branca e fechada, ao ouvir o ruído leve de seus sapatos de sola de borracha... Sim, claro: ela usava sapatos de tênis... Não havia barulho algum de salto alto. Agora! Mas, naquele instante, ouviu outros passos.

— Poderia Madame permitir que apanhasse a bandeja? — perguntou, por trás da porta, uma voz francesa.

Margot entrou junto com a criada de quarto. Inconscientemente, Albinus meteu a pistola no bolso.

— Que é que você quer? — interpelou-o Margot. — Você devia ter descido, ao invés de me chamar de maneira tão grosseira.

Albinus não respondeu, mas ficou a observar, cabisbaixo, enquanto a criada apanhava a bandeja e a colherinha que estava no chão. Ela ergueu a bandeja, sorridente e saiu, fechando a porta atrás de si.

— Albert, que foi que aconteceu?

Ele enfiou a mão no bolso. Margot, com um estremecimento de dor, deixou-se cair sobre uma cadeira junto à cama, baixou o pescoço queimado de sol e pôs-se a desatar, depressa, o cordão do sapato. Albinus fitou-lhe a cabeça de cabelos escuros e brilhantes, detendo-se na sombra azulada do pescoço, no lugar em que os pêlos tinham sido rapados.

Impossível atirar enquanto ela estivesse desatando os sapatos. Pouca acima do calcanhar, havia uma mancha de sangue na meia branca.

— É absurdo como firo o calcanhar todas as vezes — comentou ela, erguendo a cabeça.

Viu a arma na mão de Albinus.

— Não brinque com isso, “seu” tolo — disse, calmamente.

— Levante-se — murmurou Albinus, agarrando-a pelo punho.

— Não me levantarei — respondeu Margot, tirando a meia com a mão que estava livre. — Largue-me. Olhe. Veja como a meia ficou embebida de sangue.

Ele a sacudiu com tal violência, que a cadeira saiu do lugar. Margot agarrou-se à cama e pôs-se a rir.

— Por favor, não atire. Seria exatamente como aquela peça que vimos, com a negra e o travesseiro, e eu sou tão inocente quanto ela.

— Você mente! — sussurrou Albinus. — Você e aquele canalha. Nada senão embuste e traição, e...

Seu lábio superior tremia. Ele lutava contra a gaguez.

— Por favor, largue isso! Não falarei enquanto você não largar essa arma. Não sei o que aconteceu, nem quero saber. Só sei que lhe sou fiel, que lhe sou fiel...

— Muito bem — disse Albinus, com voz rouca. — Pode dizer o que tem a dizer.

Mas, depois, você morrerá

— Você não precisa matar-me... você não precisa fazer isso, querido; — Continue. Fale.

(“... se eu corresse para a porta — pensou ela — talvez conseguisse fugir. Depois eu gritaria e acorreria gente. Mas tudo estaria arruinado.., tudo:.. .“).

— Não poderei falar enquanto você estiver segurando isso. Por favor, guarde essa arma.

(“... ou será que eu poderia arrancá-la da mão?...“).

— Não — respondeu Albinus. — Antes de mais nada, você tem de confessar... Fui informado. Sei de tudo... sei de tudo... — repetiu com voz entrecortada, andando de um lado para outro pelo quarto, batendo com a mão sobre os móveis. — Sei de tudo. Ele sentou-se atrás de vocês naquele ônibus e viu que vocês procediam como amantes. Oh, não há dúvida, eu a matarei.

— Sim, já pensei nisso — disse Margot. — Sabia que você não compreenderia. Pelo amor de Deus, guarde essa arma, Albert.

— Que é que eu deveria compreender? — gritou Albinus. — Que é que há aí para explicar?

— Em primeiro lugar, Albert, você sabe muito bem que ele não se interessa por mulheres.

— Cale-se! — berrou Albinus. — Isso não passa de uma mentira vil., não passa, desde o começo, de um embuste canalha!

(“Se ele se puser a gritar — pensou Margot — não haverá perigo”).

— Não, ele não se interessa mesmo por mulheres — prosseguiu ela — mas, certa vez., por brincadeira... eu lhe disse: “Olhe aqui. Vamos ver se eu não consigo fazer com que você esqueça os seus rapazes”. Oh, nós ambos sabíamos que aquilo não passava de uma piada. Isso foi tudo, isso foi tudo, querido.

— Mentira imunda! Não acredito. Conrad os viu. Aquele coronel francês os viu. Só eu fui cego.

— Oh, mas eu, de vez em quando, costumava gracejar com ele desse jeito — disse, friamente, Margot. — Era engraçadíssimo. Mas não o farei mais, já que isso o perturba tanto.

— Então você me enganou apenas por brincadeira? Isso é imundo!

— Claro que não o enganei. Como é que você se atreve a dizer tal coisa? Ele não seria capaz de me ajudar a enganar você. Ele nem sequer beija: mesmo isso seria repugnante para qualquer um de nós.

— E se eu o interrogasse., não em sua presença, claro, não em sua presença?

— Pois o interrogue, rogo-lhe. Ele lhe dirá exatamente o mesmo. Só que você fará um papel ridículo.

Continuaram a falar assim durante uma hora. Margot, aos poucos, ia levando a melhor. Mas, no fim, não conseguia mais agüentar aquilo e teve uma crise histérica. Lançou-se sobre a cama com seu vestido branco de tênis, um dos pés nus e, à medida que ia se acalmando, começou a chorar com o rosto afundado no travesseiro.

Albinus sentou-se numa poltrona, perto da janela; o sol brilhava, e alegres vozes inglesas chegavam

até eles, vindas das quadras de tênis. Mentalmente, ele passou em revista os mínimos episódios desde que conhecera Rex e, entre eles, alguns eram tocados por aquela luz lívida que agora se estendia por toda a sua existência. Algo fora destruído para sempre; por mais convincentemente que Margot tentasse provar que não lhe fora infiel, algo, dali por diante, seria poluído pelo travo venenoso da dúvida.

Por fim, ele se levantou, aproximou-se da cama, fitou-lhe o calcanhar rosado, onde se via um pedaço de esparadrapo preto (quando teria ela conseguido colocá-lo?), deteve o olhar na pele bronzeada da barriga da perna, fina mas firme, e refletiu que poderia matá-la, mas que não poderia jamais afastar-se dela.

— Muito bem, Margot — disse ele, sombrio. — Acredito em você. Mas você deve levantar-se imediatamente e trocar de roupa. Vamos arrumar já as malas e partir deste lugar.

Não me sinto fisicamente capaz de encontrá-lo agora... Não responderia por mim mesmo.

Não porque creia que você me traiu com ele... não, não é por isso... mas simplesmente porque não me é possível fazê-lo. Imaginei tudo de maneira tão vívida, que... bem, não importa... Vamos, levante-se...

— Beije-me — disse Margot, baixinho.

— Não; agora não. Quero sair daqui o mais rapidamente possível... Quase atirei em você neste quarto, e certamente o farei, se você não arranjar nossas malas já... imediatamente.

— Como você quiser — respondeu Margot. — Mas, por favor, lembre-se de que você me insultou a mim.. e ao meu amor por você, da pior maneira possível. Creio que você compreenderá isso mais tarde.

Rapidamente, em silêncio, sem olhar um para o outro, fizeram as malas. O porteiro veio apanhar a bagagem.

No terraço, Rex estava jogando pôquer com um casal americano e um russo, à sombra de um eucalipto gigantesco. A sorte estava contra ele, aquela manhã. Esperava poder, quando fosse a sua vez de dar as cartas, manejar habilmente o baralho, ou talvez, mesmo, usar o espelho que havia no interior da tampa de sua cigarreira (pequenos truques que não lhe agradavam e que só empregava quando jogava com principiantes), quando, de repente, viu, atrás das magnólias, no caminho junto à garagem, o carro de Albinus. O automóvel fez uma curva desajeitada e desapareceu.

— Que é isso? — murmurou Rex. — Quem está dirigindo aquele carro?

Pagou sua dívida e saiu à procura de Margot. Ela não se encontrava na quadra de tênis; nem, tampouco, no jardim. Subiu ao andar em que estavam hospedados. A porta do quarto de Albinus achava-se escancarada, O quarto deserto, o guarda-roupa aberto, vazio; vazio, também, o armário de sobre a pia. No chão, um jornal rasgado, amarfanhado.

Rex mordeu o lábio inferior e passou para o seu quarto. Pensou — um tanto vagamente — que talvez pudesse encontrar um bilhete com alguma explicação. Não havia nada, claro. Estalou a língua e desceu para o saguão — a fim de verificar se, pelo menos, haviam pago o seu quarto.

TRINTA E UM

Há muitíssimas pessoas que, sem que possuam quaisquer conhecimentos especializados, são capazes de pôr em ordem uma corrente elétrica, após essa misteriosa ocorrência conhecida como “curto circuito”; ou, com a ajuda de um canivete, fazer funcionar de novo um relógio — ou, mesmo, se necessário, fritar uma costeleta. Albinus não era uma delas. Não sabia dar o laço numa gravata borboleta, aparar as unhas da mão direita ou fazer um pacote; não conseguia abrir uma garrafa sem fazer em pedaços pelo menos a metade da rolha, e afundar a outra metade. Quando criança, jamais construiu coisas como os outros meninos. Quando rapazinho, jamais desmontou sua bicicleta; não sabia fazer outra coisa com ela, senão montar na mesma, e quando furava um pneumático, ele empurrava a máquina aleijada — rangendo como uma velha galocha — até a oficina de consertos mais próxima. Mais tarde, ao estudar a restauração de quadros, tinha sempre receio de tocar na tela pessoalmente. Durante a guerra, distinguiu-se por uma surpreendente incapacidade de fazer o que quer que fosse com as mãos. Em vista de tudo isso, não deve causar surpresa alguma que dirigisse mal um automóvel, mas sim que conseguisse, de algum modo, dirigi-lo.

Lentamente e com dificuldade (e uma complicada discussão — cujo sentido não conseguiu apreender — com o policial que orientava o tráfico numa esquina), conseguiu, finalmente, tirar o carro de Rouginard e, depois, acelerar um pouco.

— Você não se importaria de dizer para onde vamos? — indagou, cáustica, Margot.

Ele deu de ombros e fitou a estrada brilhante, negro-azulada, que se estendia à sua frente. Agora, que se achavam fora de Rouginard, onde as ruas estreitas eram cheias de gente e de tráfico, e onde tivera necessidade, com frequência, de tocar a buzina, deter-se com solavancos e desviar desajeitadamente dos obstáculos, — agora, que deslisavam suavemente pela estrada, vários pensamentos lhe passavam, sombrios e confusos, pelo cérebro: que a estrada subia, cada vez mais, até o topo da montanha, e que, logo depois, começava a descer perigosamente; que o botão do paletó de Rex ficara preso à renda do vestido de Margot, e que jamais sentira o seu coração tão pesado e angustiado como então.

— É indiferente para mim o lugar para aonde vamos — disse Margot — mas eu, de qualquer maneira, gostaria de saber. E, por favor, conserve a direita. Se você não sabe guiar, seria melhor que tomássemos um trem ou contratássemos um chofer na garage mais próxima.

Albinus freiou bruscamente, ao ver um ônibus surgir à distância.

— Que é que você está fazendo, Albert? Siga pela direita; isso é tudo que você tem a fazer.

O ônibus, cheio de turistas, passou atroadoramente por eles. Albinus tocou de novo o carro. A estrada começou a serpentear em torno da montanha.

“Que importa o lugar para onde vamos?”, pensou ele, “Vamos para onde for, não escaparei deste sofrimento.” “A conversa amorosa mais baixa, mais alta e mais desavergonhada...” “Eu ficarei maluco”.

— Não tornarei a perguntar-lhe para onde vamos — disse Margot — mas, pelo amor de Deus, não fique assim vacilante diante de cada curva. É ridículo. Que é que você está procurando fazer? Se soubesse como me dói a cabeça! Darei graças a Deus quando chegarmos a algum lugar.

— Você jura que não houve nada? — perguntou Albinus com voz débil, sentindo que as lágrimas, quentes, lhe toldavam a visão. Piscou e a estrada reapareceu.

— Juro — respondeu Margot. — Mas já estou cansada de jurar. Mate-me, se quiser, mas não me torture mais. A propósito: estou com muito calor. Acho que vou tirar o casaco.

Albinus pisou com força no freio. Margot riu: — Que necessidade há de parar para isso? Oh, querido, querido!

Ele ajudou-a despir o casaco e, ao fazê-lo, lembrou-se com extraordinária nitidez do dia distante —

oh, tão distante! — em que notara pela primeira vez, num café miserável, como Margot movia os ombros e inclinava o pescoço encantador, ao tirar os braços de dentro das mangas.

Agora, as lágrimas deslisavam-lhe, incontroláveis, pelo rosto. Margot passou-lhe o braço pela cintura e colou a fronte em sua cabeça inclinada.

O carro estava parado perto da amurada, vigorosa barreira de pedra de cerca de trinta centímetros de altura, além da qual o terreno, coberto de espinheiros descia abruptamente.

Bem no fundo, podia-se ou vir o borbulhar de rápida torrente. Ao lado esquerdo, erguia-se um mor?te rochoso avermelhado, com pinheiros no topo. O sol era escaldante. Um pouco adiante, um homem de óculos escuros estava sentado à beira da estrada, quebrando pedras.

— Eu a amo tanto — gemeu Albinus. — Tanto!

— Deixe-me dirigir agora — pediu Margot. — Você sabe que eu guio melhor do que você.

— Não, eu estou melhorando — respondeu ele, sorrindo, arquejante, assoando o nariz. — É curioso, mas não sei, na verdade, para onde vamos. Creio que mandei a bagagem para San Remo, mas não estou bem certo.

Pôs o motor em funcionamento e prosseguiram. Albinus teve a impressão de que o carro, agora, rodava mais fácil e obedientemente — e ele já não agarrava o volante tão nervosamente. As curvas tornavam-se cada vez mais freqüentes. De um lado, erguia-se o rochedo íngreme; do outro, descia, precipitosa, a ravina. O sol apunhalava-lhe os olhos. O ponteiro do velocímetro tremia e avançava.

Aproximava-se uma curva fechada, e Albinus propôs a si mesmo vencê-la com habilidade. Bem acima da estrada, uma mulher que apanhava ervas viu, à direita do rochedo, o pequeno carro azul avançar veloz em direção da curva, atrás da qual, descendo em sentido contrário, se aproximavam, rápidos, para aquele encontro inesperado, dois ciclistas debruçados sobre o guidão de suas bicicletas.

TRINTA E DOIS

A velha que apanhava ervas no monte viu o carro e os dois ciclistas no momento em que se aproximavam da curva fechada, vindo de direções opostas. De bordo de um pequeno avião postal, que voava em direção da costa em meio da cintilante poeira azul do céu, o piloto podia ver as curvas da estrada, a sombra das asas a deslizar por sobre as encostas ensolaradas e duas aldeias distantes doze milhas uma da outra. Talvez, se subisse um pouco mais alto, pudesse ver, simultaneamente, as montanhas da Provença e uma cidade distante de outro país — digamos, Berlim — onde a temperatura também estava elevada, pois que, naquele determinado dia, a face da terra, desde Gibraltar até Estocolmo, estava banhada de sol.

Em Berlim, naquele dia, muitos sorvetes foram vendidos. Irma, em outros tempos, costumava olhar, com a gravidade da avidez, os gestos do sorveteiro, quando este enchia um copinho com aquela substância amarelada que, ao ser saboreada, fazia a língua da gente dançar na boca, e os dentes da frente doer deliciosamente. De modo que, agora, quando Elisabeth saía ao balcão e via um desses sorveteiros, lhe parecia estranho que o homem estivesse todo vestido de branco e ela toda de preto.

Acordara aquele dia sentindo-se muito inquieta, e agora notava, com estranho desalento, que, pela primeira vez, emergira daquele pesado torpor a que se habituara ultimamente, e não podia compreender porque razão se sentia tão estranhamente tensa.

Permaneceu um pouco no balcão e pensou no dia anterior, em que nada de especial acontecera: a visita habitual ao cemitério, abelhas pousando sobre as flores, o brilho úmido da sebe em torno da sepultura... o silêncio e a terra macia.

‘Que será isto?’, pensou ela. “Por que razão estou assim tão inquieta?”

Do balcão, podia ver o sorveteiro com seu boné branco. O balcão parecia elevar-se cada vez mais alto, O sol lançava sobre os telhados uma luz deslumbrante — em Berlim, em Bruxelas, em Paris e muito mais além, para o sul. O avião postal voava para St. Cassien. A velha estava colhendo ervas numa encosta pedregosa. Pelo menos durante um ano, continuaria a contar aos outros como foi que vira.., o que vira..

TRINTA E TRÊS

Albinus não sabia bem quando e como tivera conhecimento de tudo aquilo: do tempo decorrido desde que fizera alegremente aquela curva até aquele momento (duas semanas depois), do lugar em que se achava (uma clínica em Grasse) e da operação a que fora submetido (uma trepanação), nem qual a razão de seu longo período de inconsciência (efusão de sangue no cérebro). Chegou, porém, um momento em que todos esses fragmentos de informação se converteram em apenas um: ele estava vivo, plenamente consciente e sabia que Margot e uma enfermeira do hospital se achavam junto dele. Sentia que estivera mergulhado em agradável modorra e que acabara de despertar. Mas que horas eram, ele não o sabia. Talvez ainda fosse de manhã cedo.

Tinha a testa e os olhos cobertos por grossa e macia atadura. Mas a cabeça já estava descoberta e era estranho sentir com os dedos os novos fios eriçados dos cabelos. Retinha na memória um quadro que era, em sua espantosa intensidade, como um slide colorido: a curva da estrada brilhante e azulada, o rochedo verde e vermelho à esquerda, a amurada à direita e, bem diante dele, os ciclistas que se aproximavam — dois macacos empoeirados, vestindo blusas de malha alaranjadas. Um movimento rápido do volante, a fim de desviar-se deles... e o carro lançou-se sobre um monte de pedras à direita —

e, em seguida, numa fração de segundo, um poste telegráfico surgiu diante do pára-brisa. O braço estendido de Margot atravessou rápido o quadro — e, no mesmo instante, a lanterna mágica se apagou.

Essa lembrança fora completada por Margot. No dia anterior ou, quem sabe, antes, ela lhe contara, ou melhor, a sua voz... Mas por que somente a sua voz? Por que passara tanto tempo sem vê-la? Ah, aquelas ataduras!... Talvez eles logo as retirassem. . . Mas que lhe dissera a voz de Margot?

— ... Se não fosse o poste telegráfico, teríamos saltado por cima da amurada e despencado no precipício. Foi medonho. Ainda tenho uma marca enorme em meus quadris.

O carro deu uma cambalhota e espatifou-se como um ovo. Ele custou... le carro... milie...

beaucoup milie marcos. (Isto era dito, ao que parecia, à enfermeira). Albert, como se diz vinte mil em francês?

— Oh, isso não importa... Você está viva!

— Os ciclistas foram muito amáveis. Ajudaram-me a apanhar as coisas. Mas não consegui encontrar minhas raquettes de tênis.

Raquettes de tênis? O sol a brilhar numa raquette de tênis. Por que tinha sido aquilo tão desagradável? Oh, sim, aquele pesadelo em Rouginard... Ele com a pistola na mão. Ela, aproximando-se com sapatos de sola de borracha... Tolice... Tudo tinha sido esclarecido, tudo estava bem... Que horas seriam? Quando tirariam as ataduras? Quando poderia levantar-se? Teria a notícia saído nos jornais... nos jornais alemães?

Virou a cabeça de um lado e de outro; aquelas ataduras o preocupavam...

Preocupava-o, também, a discrepância existente entre os seus sentidos. Seus ouvidos absorviam, durante todo o tempo, demasiadas impressões... e seus olhos nada viam. Não sabia como era o quarto, nem a enfermeira, nem o médico. E o tempo? Seria manhã. Ele passara por um sono longo, doce. Talvez a janela estivesse aberta, pois ouvia, fora, o ruído de patas de cavalo; havia também o som de água a correr e o retinir de um balde. Talvez houvesse um pátio com um poço e a fresca sombra matinal dos plátanos.

Permaneceu algum tempo imóvel, procurando transformar os sons incoerentes em formas e cores correspondentes. Era o contrário de procurar imaginar como seriam as vozes dos anjos de Botticelli. Depois, ouviu o riso de Margot e o da enfermeira. Ao que parecia, estavam sentadas no quarto contíguo. A enfermeira estava ensinando Margot a pronunciar corretamente palavras francesas: — Soucoupe, soucoupe...

Margot repetiu várias vezes a palavra, e ambas riram baixinho.

Sentindo que estava fazendo uma coisa absolutamente proibida, Albinus afastou cuidadosamente a atadura e espiou. Mas o quarto continuava inteiramente escuro. Não conseguia distinguir o tremeluzir azulado de uma janela, nem aquelas leves manchas de luz que ficam nas paredes durante a noite. De modo que era noite, e não manhã.., e, muito menos, manhã cedo. Uma noite negra, sem lua. Como os sons podiam ser enganosos!... Ou seriam as cortinas particularmente espessas?

Do quarto contíguo, vinha um agradável ruído de louça: — *Café aimé toujours, thé nicht toufours.*

Albinus apalpou o criado-mudo até encontrar a pequena lâmpada elétrica. Apertou o botão uma vez, duas vezes, mas a escuridão continuava, como se fosse demasiado pesada para se mover. Talvez o fio estivesse desligado. Procurou, às apalpadelas, fósforos e, com efeito, encontrou uma caixa. Dentro, havia apenas um palito de fósforo; riscou-o, ouviu um leve chiado, como se o mesmo tivesse se inflamado, mas não viu a chama. Jogou-o fora e, de repente, sentiu cheiro de enxofre. Estranho, aquilo.

— Margot! — gritou subitamente. — Margot!

Ruído de passos e de uma porta que se abria. Mas nada mudou. Como podia estar escuro do outro lado da porta, se elas estavam tomando café lá?

— Acenda a luz — disse ele, zangado. Por favor, acenda a luzi — Você é um mau menino — respondeu a voz de Margot, enquanto ele a ouvia mover-se rápida, com segurança, em meio da noite

absoluta. — Você não devia ter tocado nessas ataduras.

— Que é que você quer dizer? Parece que você está me vendo — gaguejou Albinus.

— Como é que você pode me ver? Acenda a luz, está ouvindo? Imediatamente!

— Calmez-vous. Não se excite — disse a voz da enfermeira.

Aqueles sons, aqueles passos e vozes pareciam mover-se num plano diferente. Ele estava ali, e elas em algum outro lugar, mas, não obstante, inexplicavelmente, junto dele.

Entre elas e a noite que o envolvia, erguia-se uma parede impenetrável. Ele esfregou as pálpebras, virou a cabeça para um lado e para outro, debateu-se convulsivamente, mas era impossível abrir caminho através daquela escuridão maciça, que era como uma parte de si próprio.

— Não pode ser! — exclamou Albinus, no auge do desespero. — Estou ficando maluco! Abram a janela, façam alguma coisa!”

— A janela está aberta — respondeu ela baixinho.

— Talvez não haja sol... Margot, talvez eu pudesse enxergar alguma coisa, se houvesse bastante sol. Um vislumbre de luz, por mais fraco que fosse. Talvez com o auxílio de óculos.

— Fique deitado quietinho, querido. Há bastante sol; a manhã está belíssima. Albert, você me magoa.

— Eu... eu... — balbuciou Albinus, enchendo profundamente o peito, que se transformou em vasto e monstruoso globo, cheio de um redemoinho estentóreo, que ele depois expeliu lenta, uniformemente... E quando tudo se dissipou, ele tornou a encher o peito.

TRINTA E QUATRO

Os cortes e equimoses cicatrizaram-se, seu cabelo tornou a crescer, mas aquela terrível sensação, de que uma sólida e negra parede o separava dos outros, persistia. Depois daqueles paroxismos de terror mortal, em que urrara, se debatera e procurara freneticamente arrancar algo que tinha diante dos olhos, mergulhou num estado de semiconsciência. Depois, avolumava-se de novo aquela insuportável montanha de opressão, só comparável ao pânico de alguém que despertasse e se visse em seu túmulo.

Aos poucos, porém, tais acessos foram se tornando menos freqüentes. Permanecia horas inteiras deitado de costas, mudo e imóvel, a ouvir os sons cotidianos, os quais pareciam ter-lhe voltado as costas, em sua alegre conversa com os outros. De repente, lembrava-se daquela manhã em Rouginard — que fora realmente o começo de tudo — e, então, tornava a gemer. Via mentalmente o céu, as distâncias azuis, luz e sombra, casas cor de rosa pontilhando uma encosta verde, brilhante, encantadoras paisagens de sonho que ele fitara tão pouco, tão pouco...

Enquanto ele se achava ainda no hospital, Margot leu-lhe em voz alta uma carta de Rex, que dizia o seguinte: “Não sei, meu caro Albinus, o que mais me chocou: se o mal que você me fez com a sua partida inexplicável e bastante indelicada, ou se o infortúnio de que você foi vítima. Mas, embora você me haja magoado profundamente, compartilho de todo coração de seu infortúnio, principalmente quando penso em seu amor pela pintura e por todas essas belezas de formas e de cor que fazem da visão o mais importante de todos os nossos sentidos.

Parto hoje de Paris para a Inglaterra e, de lá, para Nova York, e passará muito tempo antes que eu torne à Alemanha. Peço-lhe transmita os meus cordiais cumprimentos à sua companheira, cuja natureza caprichosa e mimada talvez tenha sido a causa de sua deslealdade para comigo. Ah, ela só é constante em relação a si própria; mas, como tantas outras mulheres, anseja por ser admirada pelos outros, o que se converte em despeito quando o homem em questão, devido à sua franqueza, seu repulsivo aspecto exterior e suas inclinações pouco naturais, não pode senão despertar-lhe irrisão e repugnância.

Creia, Albinus, que eu o apreciava muito — mais do que jamais o demonstrei; mas se você me houvesse dito francamente que minha presença se tornara desagradável a vocês ambos, eu teria apreciado muitíssimo sua franqueza, e as lembranças felizes de nossas conversas a respeito de pintura, de nossos passeios pelo mundo da cor, não teriam sido tão tristemente obscurecidas pela sombra de sua fuga desleal — Sim, não há dúvida: é uma carta de homossexual — disse Albinus. — Mas, de qualquer modo, alegre-me que ele tenha ido embora. Talvez Deus, Margot, me haja castigado por desconfiar de você, mas, ai de você, Margot, se...

— Se o que, Albert? Continue. Termine a sua frase...

— Não. Nada. Creio em você. Oh, creio em você.

Calou-se, mas, de repente, começou a fazer aquele som abafado — meio gemido, meio rugido — que era sempre o seu começo de suas crises de terror diante da escuridão que o cercava.

— O mais importante de todos os nossos sentidos — repetiu várias vezes, vacilante.

— Ah, sim, o mais importante...

Quando se acalmou, Margot disse-lhe que ia à agência de turismo. Beijou-lhe a face e, depois, seguiu, saltitante, pelo lado da rua em que não havia sol. Entrou num pequeno e fresco restaurante e sentou-se ao lado de Rex, que tomava vinho branco.

— E então? — indagou ele. — Que foi que o pobre mendigo disse, quando você leu a carta? Acha que eu a redigi com habilidade?

— Sim, ele engoliu tudo. Na quarta-feira, partimos para Zurique, a fim de consultar um especialista. Por favor, trate das passagens. Mas, peço-lhe, veja se você fica num outro vagão... É mais seguro.

— Duvido — respondeu Rex — que eles me dêem as passagens de graça.

Margot sorriu ternamente e pôs-se a tirar as notas da bolsa.

— De um modo geral, acho, além disso, que seria muito mais simples se eu fosse o caixa — ajuntou

Rex.

TRINTA E CINCO

Albinus tivesse várias vezes — mergulhado na profundidade de uma noite que empregava as palavras vivas e corriqueiras da vida que se desenrolava à luz do dia — feito alguns passeios, com passos lamentavelmente hesitantes, pelas aléias do jardim do hospital, demonstrou estar muito mal preparado para a viagem a Zurique. Na estação ferroviária, sua cabeça pôs-se a rodar — e não existe sensação mais estranha nem mais perturbadora do que aquela que um cego experimenta quando sua cabeça se põe a rodar. Aturdiam-no todos aqueles sons, passos, vozes, rodas — coisas perversamente estrídulas e poderosas que pareciam, todas elas, correr de encontro a ele, de modo que cada segundo era cheio do medo de que pudesse bater contra alguma coisa, embora Margot o estivesse guiando.

No trem, sentiu a garganta intumescer-se de náusea, pois que não podia harmonizar o barulho e o oscilar do vagão com qualquer movimento para a frente, por mais que se esforçasse por imaginar a paisagem que, certamente, passava veloz. E em Zurique, novamente, precisou abrir caminho entre pessoas e objetos invisíveis — obstáculos e ângulos que continham o fôlego antes de atingi-lo.

— Oh, vamos, vamos, não tenha medo — disse Margot, irritada. — Eu o estou conduzindo. Agora, pare. Vamos entrar no táxi. Agora, era o pé. Será que você não pode ser um pouco menos tímido? Francamente! Você parece um menino de dois anos.

O professor, oculista famoso, examinou detidamente os olhos de Albinus. Tinha voz suave e melíflua, de modo que Albinus o imaginou como sendo um velho de cara raspada e clerical, embora, na realidade, o médico ainda fosse bastante jovem e usasse um bigode eriçado. Repetiu o que Albinus, de um modo geral, já sabia: que os nervos ópticos tinham sido atingidos em seu ponto de interseção no cérebro. Que a contusão talvez pudesse advir completa atrofia — sendo iguais as possibilidades. Mas, de qualquer modo, dada a condição atual do paciente, a coisa mais importante seria um repouso completo. Um sanatório nas montanhas seria ótimo.

— E depois veremos — ajuntou o professor..

— Veremos? — repetiu Albinus, com um sorriso melancólico.

A idéia de sanatório não seduziu nada Margot. Um velho casal de irlandeses, que ficaram conhecendo no hotel, ofereceu-se para alugar-lhes um pequeno chalé situado bem acima de um lugar elegante de repouso nas montanhas. Ela consultou Rex e foram juntos (deixando Albinus entregue aos cuidados de uma enfermeira) ver como era o tal lugar.

Aconteceu que o chalé era bastante simpático: uma casa de campo de dois andares, com quartos pequenos e asseados e um recipiente de água benta preso a todas as portas.

Rex gostou de sua localização: isolado, bem no alto de uma encosta, em meio de abetos negros, apenas a um quarto de hora de distância, a pé, da aldeia e dos hotéis.

Escolheu para si o quarto mais ensolarado do andar superior. Contrataram uma cozinheira na aldeia. Rex falou-lhe de maneira a impressioná-la: — Estamos lhe oferecendo um ordenado assim tão alto porque a senhora ficará a serviço de um homem que ficou cego em consequência de um violento choque mental. Eu sou o médico que está tratando dele, mas, em vista de seu estado de espírito, ele não deve saber que há um médico morando na casa, além de sua sobrinha. Se, por conseguinte, a senhora divulgar o mínimo que seja, direta ou indiretamente, a respeito de minha presença...

dirigindo-se a mim, por exemplo, de modo que ele possa ouvir, a senhora será responsável, perante a lei, por todas as consequências que possam advir da interrupção de sua convalescença, e tal conduta, creio eu, é punida severamente na Suíça. Aconselho-a, ainda, a que não se aproxime de meu paciente, nem se entregue a qualquer espécie de conversa com ele. Ele é sujeito a violentos ataques de loucura. Talvez lhe interesse saber que ele já feriu gravemente uma mulher de certa idade (muito parecida com a

senhora, sob muitos aspectos, embora não tão simpática), pisando-lhe o rosto. Eu não gostaria, de modo algum, que isso tornasse a acontecer. E, o que é ainda mais importante, se a senhora der com a língua nos dentes aí na aldeia, fazendo com que as pessoas fiquem curiosas, meu paciente bem poderá, na situação em que se encontra, quebrar tudo que existe na casa, a começar pela sua cabeça.

Entendeu bem?

A mulher ficou tão aterrorizada, que quase recusou o pagamento extraordinário que lhe era oferecido, e só decidiu aceitar o emprego quando Rex lhe assegurou que ela não veria o cego, o qual seria servido pela sobrinha, e que ele era bastante pacífico quando não o aborreciam. Também combinou com ela que nem o entregador de carne nem a lavadeira deveriam jamais penetrar na casa. Isso feito, Margot voltou ao sanatório, a fim de apanhar Albinus, enquanto Rex se instalava na casa. Trouxe consigo toda a bagagem, resolveu de que modo os quartos deviam ser distribuídos e fez com que todos os objetos supérfluos e quebráveis fossem removidos. Depois, dirigiu-se ao seu quarto e, assobiando desafinadamente, pregou na parede alguns desenhos a nanquim, bastante impróprios.

Cerca das cinco horas, apanhou um binóculo e viu ao longe, bem em baixo da montanha, um automóvel de aluguel que se aproximava. Margot, numa blusa de um vermelho vivo, saltou do carro e ajudou Albinus a descer. Ombros encovados, óculos escuros, ele parecia uma coruja. O carro fez a volta e desapareceu atrás de um bosque espesso.

Margot tomou pelo braço o homem humilde, desajeitado, que subiu o resto do caminho segurando a bengala diante de si. Desapareceram atrás de uns abetos, reapareceram, tornaram a sumir e, por fim, surgiram no pequeno terraço do jardim, onde a cozinheira, com ar sombrio (que, diga-se de passagem, já se achava de todo coração dedicada a Rex), lhes foi ao encontro e, procurando não olhar o lunático perigoso, apanhou a maleta que Margot trazia.

Enquanto isso, Rex, debruçado sobre o parapeito da janela, saudava Margot com gestos cômicos: levou a mão ao coração e, depois, abriu bruscamente os braços (numa imitação de Punch), tudo isso, naturalmente, numa exibição muda, embora, em circunstâncias mais favoráveis, pudesse ter relinchado de maneira admirável. Margot sorriu-lhe e entrou na casa, ainda conduzindo Albinus pelo braço.

— Conduza-me a todos os cômodos e descreva-me tudo — disse Albinus.

Na verdade, não estava interessado em conhecer a casa, mas pensou que isso daria prazer a Margot: ela adorava mudar de casa.

— Uma pequena sala de jantar, uma saleta de estar, um pequeno escritório — explicava-lhe ela, enquanto o guiava pelo andar térreo.

Albinus tocava nos móveis, dava palmadinhas nos diversos objetos, como se fossem cabeças de crianças estranhas, e procurava orientar-se.

— Então a janela é ali — disse ele, apontando confiante para uma parede nua.

Colidiu, penosamente, com a ponta da mesa e fingiu que o fizera propositalmente — apalpando-lhe a superfície, como se quisesse tomar-lhe as medidas.

Depois subiram, lado a lado, a escada de madeira, rangente. Em cima, no último degrau, estava sentado Rex, a contorcer-se de riso abafado. Margot agitou o dedo em sua direção; ele, cautelosamente, pôs-se de pé e recuou na ponta dos pés. Isso, na verdade, era desnecessário, pois que a escada rangia ensurdecadora-mente sob os passos do cego.

Dobraram para o corredor. Rex, que recuara até à porta de seu quarto, abaixou-se várias vezes, comprimindo a boca com a mão. Margot abanou a cabeça, zangada: brincadeira perigosa. Ele, pulando de um lado para outro, estava agindo como um colegial.

— Este é o meu quarto — disse Margot. — E este outro é o seu.

— Por que não ocupamos apenas um? — indagou ele, expectante.

— Oh, Albert! — Você bem sabe o que disse o médico.

Depois de percorrer todos os cômodos (salvo, é claro, o quarto de Rex), Albinus tentou andar pela

casa sozinho, apenas para mostrar a Margot quão esplendidamente ela lhe permitira ver tudo. Mas quase imediatamente perdeu o rumo, foi de encontro a uma parede, sorriu como quem se desculpa, quase quebrando, logo a seguir, uma jarra. Extraviou-se e por pouco não penetrou no quarto do fundo (do qual Rex se apropriara e no qual só se podia entrar vindo do corredor), mas estava já tão confuso que julgou que havia saído do quarto de banho.

— Cuidado, esse é um quarto de despejo — disse-lhe Margot. — Você vai acabar quebrando a cabeça. Agora, volte e procure dirigir-se diretamente para a cama. Na verdade, não sei se andar assim de um lado para outro é bom para você. Não pense que eu deixarei que você continue a realizar essas explorações pela casa; hoje é apenas uma exceção.

Ele, porém, já se sentia completamente exausto. Margot meteu-o na cama e levou-lhe o jantar. Depois que ele adormeceu, juntou-se a Rex. Como ainda não conheciam bem a acústica da casa, falavam em sussurros. Mas bem podiam ter falado em voz alta, pois que o quarto de Albinus ficava bem distante.

TRINTA E SEIS

A negra e impenetrável mortalha em que Albinus agora vivia, infundia-lhe uma certa austeridade e nobreza nos pensamentos e sentimentos. As trevas o separavam de sua vida anterior, subitamente extinta em sua curva mais acentuada. Cenas evocadas povoavam-lhe a galeria de quadros do espírito: Margot, num avental bordado, a descerrar uma cortina roxa (como ansiava, agora, por aquela cor desbotada!); Margot, debaixo de um guarda-chuva molhado, a caminhar por entre poças d'água purpurinas; Margot nua diante do espelho do guarda-roupa, roendo uma rosca amarela; Margot, em seu maiô brilhante, a lançar uma bola, Margot num vestido de noite, prateado, com os ombros bronzeados de sol.

Depois, pensou em sua própria vida, e sua vida com ela parecia agora ter mergulhado numa luz pálida e suave, em que só ocasionalmente algo emergia de sua bruma leitosa: os seus cabelos claros à luz de uma lâmpada, a claridade sobre a moldura de um quadro, Irma a brincar com bolinhas de gude (um arco-íris em cada uma delas) e, depois, novamente, bruma... E os movimentos tranqüilos, quase flutuantes, de Elisabeth.

Tudo — mesmo o que havia de mais triste e de mais vergonhoso em sua vida passada — estava sobrecarregado com a sedução enganadora das cores. Aterrorizava-o pensar, agora, em quão pouco usava os seus olhos — pois que aquelas cores se moviam num segundo plano demasiado vago, e seus contornos eram singularmente imprecisos. Se, por exemplo, evocava uma paisagem em que antes vivera, não conseguia citar o nome de uma única planta, exceto carvalhos e roseiras; uma única voz de pássaro, salvo pardais e corvos, e mesmo estes se aproximavam mais da heráldica do que da natureza. Albinus tinha agora consciência de que, na verdade, não se extremara muito de certos especialistas de visão estreita dos quais costumava zombar: do operário que conhece apenas as suas ferramentas, do virtuoso que não é senão uma acessória extensão carnal de seu violino. A especialidade de Albinus tinha sido a sua paixão pela arte; sua descoberta mais brilhante tinha sido Margot.

Mas, agora, tudo o que restava dela era apenas uma voz, um farfalhar de saias e um perfume; era como se ele houvesse voltado à escuridão daquele cineminha da qual a arrancara.

Mas nem sempre Albinus podia consolar-se com reflexões estéticas ou morais; nem sempre conseguia convencer-se de que a cegueira física era visão espiritual; em vão tentava ele enganar-se com a idéia de que sua vida com Margot era agora mais feliz, mais profunda e mais pura — e concentrava-se em vão na idéia de sua comovente dedicação. Claro que era como vente claro que ela era melhor do que a esposa mais leal... aquela Margot invisível, aquela frieza angélica aquela voz que lhe pedia para que ele não se ex citasse Mas, logo que lhe segurava as mãos nas trevas logo que procurava exprimir-lhe sua gratidão, avivava-as subitamente nele um desejo intenso de vê-la, e todas aquelas reflexões morais se dissipavam.

Rex gostava muito de sentar-se no quarto em companhia de Albinus e observar-lhe os movimentos. Margot quando se aconchegava ao peito do cego, afastando-lhe o ombro com a mão, erguia os olhos ao céu comum ar cômico de resignação, ou mostrava a língua para Albinus — o que era particularmente divertido, em contraste com a expressão terna e romântica do rosto do cego. Depois, desvencilhava-se com um movimento ágil e afastava-se para junto de Rex, que, de calças brancas, o dorso e os pés, de dedos longos, nus, se sentava no parapeito da janela — pois que adorava queimar as costas ao sol. Albinus reclinava-e na poltrona, de pijama e robe-de-chambre. O rosto coberto de pêlos eriçados, uma cicatriz cor de rosa e brilhante na frente, parecia um convicto barbudo.

— Margot, venha cá — implorou ele, estendendo os braços.

De vez em quando, Rex, que adorava correr perigo, aproximava-se bastante de Albinus, na ponta dos pés nus, e tocava no cego com a máxima delicadeza. Albinus lançava um som afetoso e satisfeito e tentava abraçar a suposta Margot, enquanto Rex se afastava sem ruído de volta ao parapeito da janela —

seu poleiro habitual.

— Minha querida, venha cá — gemeu Albinus, erguendo-se da poltrona e avançando, vacilante, em direção dela. Rex, sentado no parapeito da janela, ergueu as pernas, e Margot gritou com Albinus, declarando que ela o deixaria imediatamente com uma enfermeira, se ele não fizesse como ela lhe dizia. Albinus arrastou-se de volta à poltrona, com um sorriso de culpa.

— Está bem, está bem — suspirou. — Leia alguma coisa para mim, O jornal.

Margot tornou a levantar os olhos para o céu.

Rex sentou-se cautelosamente no sofá e tomou Margot no colo. Ela abriu o jornal e, após dobrá-lo numa página e percorrer as notícias com os olhos, pôs-se a ler em voz alta.

Albinus, de vez em quando, acenava com a cabeça e, lentamente, consumia cerejas invisíveis, cuspidando na mão os caroços invisíveis. Rex imitava Margot, contraindo e distendendo os lábios, como ela fazia quando lia. Ou fingia que ia deixá-la cair, de modo que, de repente, sua voz falseava e ela precisava procurar o fim da frase interrompida.

“Sim, talvez seja melhor assim”, refletia Albinus. “Nosso amor, agora, é mais puro e elevado. Se ela agora continuar em minha companhia, significa que realmente me ama. Isso é bom, isso é bom. Mas, de repente, pôs-se a soluçar alto, contorceu as mãos e suplicou que ela o levasse a outro especialista, a um terceiro, a um quarto... uma operação. .. tortura...

qualquer coisa que pudesse restaurar-lhe a visão.

Rex, com um bocejo silencioso, apanhou um punhado de cerejas na tigela que estava sobre a mesa e partiu para o jardim.

Durante os primeiros dias de sua vida em comum, Rex e Margot eram bastante cautelosos, embora se entregassem a vários gracejos inofensivos. Diante da porta de seu quarto, que dava para o corredor, Rex erguera, para caso de emergência, uma barricada de malas e caixotes — barricada essa que, à noite, Margot transpunha. Albinus, porém, após aquele seu primeiro passeio pela casa, não estava mais interessado em sua topografia, embora já pudesse orientar-se bastante bem em seu quarto e no escritório.

Margot descrevera-lhe todas as cores — o papel azul das paredes, as venezianas amarelas — mas, instigada por Rex, mudara todas as cores. O fato de o cego ser obrigado a imaginar o seu pequeno mundo segundo os matizes prescritos por Rex, causava a este último requintado prazer.

Em seus próprios aposentos, Albinus tinha quase a impressão de que podia ver os móveis e os vários objetos, e isso lhe dava uma sensação de segurança. Mas, quando se achava sentado no jardim, sentia-se cercado por um vasto mundo desconhecido, pois tudo era demasiado grande, demasiado inconsistente e cheio de sons, para que lhe permitisse formar uma imagem daquilo que o rodeava. Procurou aguçar o ouvido e adivinhar os movimentos pelos sons. Tornou-se logo muito difícil para Rex aproximar-se ou afastar-se sem ser notado. Por mais silenciosamente que ele passasse, Albinus voltava imediatamente a cabeça em sua direção e perguntava: — É você, querida?

E ficava aborrecido por ter-se enganado, se Margot lhe respondia de outro canto.

Passavam os dias, e quanto mais Albinus se esforçava por apurar o ouvido, tanto mais ousados Rex e Margot se tornavam; tinham-se acostumado à cortina de segurança de sua cegueira e, ao invés de tomar as refeições na cozinha, sob o olhar de adoração da velha Emilia, como fizera no começo, Rex agora conseguia sentar-se à mesa com eles. Comia com silenciosa habilidade, jamais tocando no prato com o garfo ou a faca, a mastigar como num jantar de filme mudo, movendo as mandíbulas num ritmo perfeito com as de Albinus, ou ao som da voz musical e animada de Margot, que falava propositalmente muito alto, enquanto os dois homens mastigavam e engoliam. Certa vez, Rex engasgou. Albinus, a quem Margot estava servindo uma xícara de café, ouviu subitamente, na outra extremidade da mesa, um som estranho, esquisito. Margot pôs-se logo a falar, mas ele ergueu a mão: — O que foi isso? O que foi isso?

Rex apanhara o seu prato e afastara-se na ponta dos pés, o guardanapo colado à boca. Mas, quando

saía sorratamente pela porta entreaberta, derrubou um garfo.

Albinus voltou-se em sua cadeira: — O que é isso? Quem está aí?

— Oh, é apenas Emilia. Por que é que você está tão nervoso?

— Mas ela nunca entra aqui.

— Bem, hoje entrou!

— Julguei que eu estivesse começando a ter alucinações auditivas — disse Albinus.

— Ontem, por exemplo, tive a impressão exata de que alguém andava descalço, furtivamente, pelo corredor.

— Você ficará maluco, se não tiver cuidado — disse, secamente; Margot.

À tarde, durante a sesta habitual de Albinus, ela, às vezes, saía a passeio em companhia de Rex. Iam ou correio, apanhar as cartas e os jornais, ou subiam até a cascata — e, por duas vezes, foram até a um café situado na bela aldeiazinha, bem abaixo do lugar em que moravam. Certa vez, ao voltar para casa, quando já se achavam no caminho que conduzia ao chalé, Rex disse: — Aconselho-a a que não insista em casamento. Receio muito que ele, só porque abandonou a esposa, tenha passado a encará-la como a uma santa preciosa de vitral. Ele não estaria interessado em quebrar essa determinada janela de igreja. O plano mais simples e melhor, é nos apossarmos, aos poucos, de sua fortuna.

— Bem, mas nós já apanhamos uma grande fatia dela, pois não?

— Você precisa fazer com que ele venda os seus quadros e as terras que tem na Pomerânia — prosseguiu Rex. — Ou, então, uma de suas casas em Berlim. Com um pouco de astúcia, poderemos consegui-lo. Por enquanto, o livro de cheque atenderá admiravelmente ao nosso propósito. Ele assina tudo como uma máquina... mas logo ficará sem fundos no banco. Precisamos apressar-nos. Seria bom que o abandonássemos, digamos, este inverno; mas, antes de dar o fora, nós lhe compraremos um cachorro.., como uma pequena prova de nossa gratidão.

— Não fale assim tão alto — disse Margot. — Já estamos quase chegando ao marco de pedra.

Esse marco de pedra, grande e cinzento, recoberto de convólculos, e que tinha o aspecto de um carneiro, assinalava o limite além do qual era perigoso falar. Prosseguiram, pois, em silêncio e, após alguns minutos, já se achavam perto do portão do jardim. Margot riu subitamente e mostrou um esquilo. Rex atirou uma pedra contra o animal, mas errou o alvo.

— Oh, mate-o... Eles estragam muito as árvores — murmurou Margot.

— Quem estraga as árvores? — perguntou, alto, uma voz.

Era Albinus.

Estava de pé, a oscilar ligeiramente, em meio a uns arbustos de silindra, sobre um pequeno degrau de pedra que conduzia do caminho ao gramado.

— Margot, com quem você está falando aí em baixo? — prosseguiu ele.

De repente, tropeçou, derrubou a bengala e sentou-se pesadamente no degrau.

— Como é que você se atreve a andar tão longe sozinho? — exclamou ela, segurando-o rudemente e ajudando-o a levantar-se.

Ficaram-lhe grudados às mãos alguns pedacinhos de cascalho; ele estendeu os dedos e procurou limpá-las como o poderia ter feito uma criança.

— Eu queria apanhar um esquilo — disse Margot, metendo-lhe a bengala na mão. — Que é que você pensou que eu estava fazendo?

— Julguei... — começou Albinus. — Quem está aí? — gritou, quase perdendo de novo o equilíbrio ao lançar-se na direção de Rex, que caminhava cautelosamente pelo gramado.

— Não há ninguém aqui — informou Margot. — Estou sozinha! Por que é que você está nesse estado?

Sentia que estava perdendo a paciência.

— Leve-me para dentro — pediu ele, quase em lágrimas. — Há muitos ruídos por aqui. Árvores, vento, esquilos e não sei o que mais. Não sei o que está acontecendo ao meu redor... É tudo muito barulhento.

— Doravante, você ficará fechado — disse Margot, arrastando-o para a casa.

Depois, como sempre, o sol se pôs atrás da cordilheira próxima. Como sempre, Margot e Rex sentaram-se lado a lado no sofá, a fumar; poucos passos além, Albinus se achava sentado em sua poltrona de couro, fitando-os fixamente com seus olhos azuis e turvos. A seu pedido, Margot falou-lhe de sua infância. De certo modo, ela gostava de fazê-lo. Albinus recolheu-se cedo, subindo lentamente a escada, a sentir os degraus com os pés e a ponta da bengala.

No meio da noite, despertou e passou os dedos pelo mostrador de um despertador sem vidro, até encontrar a posição dos ponteiros. Era cerca de uma e meia. Achava-se tomado de estranha inquietude. Ultimamente algo o impedia de concentrar-se nos graves e belos pensamentos, os únicos capazes de protegê-lo contra os horrores da cegueira.

Deitado, pensou: “Que será isso? Elizabeth? Não, ela está muito longe. Está muito longe, lá em baixo, em algum lugar. Urna sombra querida, pálida, triste, que não deverei jamais perturbar. Margot? Não. Este estado de coisas de irmão e irmã é apenas por enquanto.

O que é, então?”

Sem saber bem o que desejava, levantou-se da cama e caminhou, às apalpadelas, até a porta do quarto de Margot (seu quarto não tinha outra saída). Ela sempre o fechava à noite, deixando-o, assim, preso.

“Como ela é sensata”, pensou Albinus com ternura.

Colou o ouvido ao buraco da fechadura, para ouvir-lhe a respiração enquanto dormia. Mas nada ouviu.

Quieta como um camundongo, murmurou. Se eu pudesse apenas acariciar-lhe a cabeça e, depois, ir embora. Talvez ela tivesse esquecido de fechar a porta. Sem muita esperança, girou o trinco. Não, não esquecera.

De repente, lembrou-se de como, numa abafada noite de verão, quando ele era apenas um rapazinho espinhento, caminhara pela cornija de uma casa junto ao Reno, indo de seu quarto ao da empregada... simplesmente para constatar que ela não estava dormindo sozinha... Mas, naquele tempo, ele era leve e ágil; naquele tempo, podia enxergar.

“Ainda assim, por que não tentar?”, pensou com ousada melancolia. “E se eu cair e quebrar o pescoço, que importa?”.

Primeiro, procurou a bengala; depois, debruçou-se sobre a janela e apalpou a cornija, à esquerda, junto à janela do quarto contíguo. A janela estava aberta e a vidraça retiniu, quando ele a tocou com a bengala.

“Como ela dorme profundamente!”, pensou. “Deve ser exaustivo cuidar de mim o dia inteiro”.

Ao afastar a bengala, esta bateu em algo, escapou-lhe da mão e caiu ao chão, produzindo um ligeiro baque.

Albinus agarrou-se ao marco da janela, subiu ao parapeito, caminhou para a esquerda ao longo da cornija, segurando-se ao que parecia ser um cano de água, frio e redondo, e agarrou-se de novo ao parapeito da janela do quarto contíguo.

“Como foi simples!”, refletiu, sem orgulho.

— Alô, Margot! — disse baixinho, procurando meter-se pela janela aberta.

Escorregou e quase caiu para trás, na abstração de um jardim. Seu coração batia violentamente. Contorceu-se sobre o parapeito, e um objeto pesado, ao qual foi de encontro, caiu ruidosamente ao chão.

Ficou imóvel, o rosto banhado de suor. Sentiu na mão algo pegajoso. (Era a resina que transudava das taboas de pinho de que a casa era construída).

— Margot, querida — exclamou alegremente.

Silêncio. Encontrou a cama, sobre a qual se distendia uma coberta rendada... Uma cama em que ninguém dormira.

Albinus sentou-se nela e pôs-se a refletir. Se a cama estivesse desarrumada e quente, seria fácil compreender: Margot voltaria dentro de um momento.

Passado um momento, Albinus saiu para o corredor (com muita dificuldade, devido à ausência da bengala) e ficou a escutar. Julgou ouvir, algures, um som abafado — algo assim entre um rangido e sussurrar de vozes. Aquilo começava a ser misterioso.

— Margot, onde está você? — gritou.

Tudo continuou em silêncio. Depois, uma porta se abriu.

— Margot, Margot — repetiu ele, seguindo, às apalpadelas, pelo corredor.

— Estou aqui — respondeu, calmamente, a voz de Margot.

— Que aconteceu, Margot? Você não se deitou?

Albinus foi de encontro a ela no corredor escuro e, ao tocar-lhe o corpo, sentiu que Margot estava despida.

— Eu estava deitada ao sol — explicou Margot. — Como sempre faço pela manhã.

— Mas agora é noite! — exclamou ele, respirando pesadamente. — Não posso compreender. Há alguma coisa errada. Eu apalpei os ponteiros do despertador. É urna e meia da madrugada.

— Tolice. São seis e meia da manhã e está fazendo uma maravilhosa manhã de sol.

Seu relógio deve estar errado. Você mexe demais nos ponteiros. Mas diga-me uma coisa: como foi que você saiu de seu quarto?

— Margot, já é manhã, mesmo? Você está me dizendo a verdade?

Subitamente, ela se aproximou muito dele, nas pontas dos pés, e passou-lhe os braços pelo pescoço, como fazia em outros tempos.

— Embora seja dia — disse ela, baixinho — se você quiser, se você quiser, querido...

Como uma grande exceção...

Ela não desejava muito fazê-lo, mas era a única maneira. Agora, Albinus já não podia mais perceber que o ar estava ainda frio e que nenhum pássaro cantava pois que sentia apenas uma coisa — uma grande, impetuosa alegria. Depois, mergulhou num sono profundo, profundo, e dormiu até o meio-dia. Quando acordou, Margot repreendeu-o pela sua façanha e, mais furiosa ainda ao ver-lhe o sorriso melancólico, deu-lhe um tapa no rosto.

Durante todo o dia, Albinus permaneceu sentado na sala de estar, pensando naquela manhã feliz e nos muitos dias que transcorreriam sem que aquela felicidade se repetisse.

Súbito, ouviu distintamente alguém tossir de leve. Não podia ser Margot. Sabia que ela estava na cozinha.

— Quem está aí? — indagou.

Nenhuma resposta.

“Outra alucinação!”, pensou, cansado, Albinus, compreendendo, de repente, o que o preocupara tanto durante a noite... Sim, sim... eram os ruídos que ele, as vezes, ouvia.

— Diga-me uma coisa, Margot — perguntou ele, quando Margot voltou. — Além de Emília, não há mais ninguém na casa? Você tem certeza?

— Você está maluco! — respondeu ela, áspera.

Mas, uma vez despertada, aquela suspeita não lhe dava repouso. Ficava o dia todo sentado, soturno, os ouvidos atentos.

Rex divertia-se muito com aquilo e, embora Margot lhe houvesse pedido que fosse mais prudente, não dera atenção alguma à sua advertência. Certa vez, mesmo, quando se achava apenas a dois passos de

Albinus, pôs-se a assobiar, habilmente, como um papafigo.

Margot teve de explicar que o pássaro pousara na janela e lá estava cantando.

— Espante-o! — ordenou Albinus, ríspido.

— Psiu, psiu... — fez Margot, levando a mão aos lábios grossos de Rex.

— Sabe de uma coisa? — disse Albinus, poucos dias depois. — Eu gostaria de ter uma conversa com

Emília. Gosto de seus pudins.

— Isso está absolutamente fora de cogitação — respondeu Margot. — Ela é muito surda e tem um medo terrível de você.

Albinus ficou alguns minutos a meditar profundamente.

— Impossível — disse, depois, em voz alta.

— O que é que é impossível, Albert?

— Oh, nada — murmurou ele. — Nada.

E, logo depois:

— Sabe, Margot? Preciso muito fazer a barba. Diga ao barbeiro da aldeia que venha cá.

— Isso é desnecessário — respondeu Margot. — Você fica muito bem de barba.

Albinus teve a impressão de que alguém — não Margot, mas alguém a seu lado — riu baixinho.

TRINTA E SETE

Um homem mostrou a Paul, no escritório, o Berliner Zeitung, que estampava breve descrição do acidente, e ele voltou imediatamente para casa, receoso de que Elizabeth também já houvesse lido. Mas ela não o tinha feito, embora um exemplar desse jornal (que eles não costumavam ler) se encontrasse, curiosamente, na casa. Paul, no mesmo dia, telegrafou para a delegacia de polícia de Grasse e, eventualmente, conseguiu entrar em contacto com o médico do hospital, que o informou de que Albinus se achava fora de perigo, mas completamente cego. Com muito tacto, Paul transmitiu a notícia a Elisabeth.

Depois, devido ao simples fato de que tanto ele como o cunhado tinham depósitos no mesmo banco, descobriu o endereço de Albinus na Suíça. O gerente, um seu velho companheiro de negócios, mostrou-lhe os cheques que de lá chegavam sem cessar, com uma espécie de apressada regularidade, e Paul ficou surpreso diante da quantia que Albinus já havia sacado. A assinatura estava em ordem, embora fosse muito trêmula nas curvas e descaísse pateticamente, mas as cifras estavam escritas numa outra caligrafia — uma caligrafia masculina e ousada, de traços nítidos e floreados, e havia em tudo aquilo, de certo modo, um ar de mistificação. Perguntou a si mesmo se não seria o fato de o cego assinar tudo conforme lhe diziam, e não o que ele via, que produzia aquela estranha impressão.

Estranhas, também, as grandes quantias retiradas — como se ele, ou alguma outra pessoa, estivesse freneticamente interessada em retirar, o mais depressa possível, o máximo de dinheiro. E, depois, chegou um cheque sem fundos.

“Há alguma trapaça em tudo isto”, pensou Paul. “Sinto-o em meus ossos. Mas o que será, exatamente?”

Imaginou Albinus sozinho em companhia de sua perigosa amante, completamente à sua mercê, na negra casa de sua cegueira.

Transcorreram alguns dias. Paul sentia-se tremendamente inquieto. Não se tratava apenas do fato de o pobre homem estar a assinar cheques que não podia ver (de qualquer forma, o dinheiro era dele, e Albinus podia esbanjá-lo consciente ou inconscientemente...

pois Elisabeth não precisava daquilo e não havia mais necessidade de se pensar em Irma), mas, sim, o fato de Albinus se encontrar tão completamente desvalido em meio ao mundo perverso que ele permitira se erguesse em seu derredor.

Certa tarde, ao chegar à casa, Paul encontrou Elisabeth arrumando uma mala de mão.

— Que é isso? — indagou ele. — Você vai a algum lugar?

— Você é quem vai — respondeu, em voz baixa, Elisabeth.

TRINTA E OITO

No dia seguinte seguinte, Paul partiu para a Suíça. Em Brigaud, tomou um táxi e, transcorrida pouco mais de uma hora, chegou à aldeiazinha junto à qual Albinus estava vivendo. Paul deteve-se diante do edifício dos correios, e uma jovem funcionária muito loquaz lhe indicou o caminho que conduzia ao chalé, informando-o de que Albinus lá se encontrava hospedado em companhia da sobrinha e de um médico. Paul rumou para lá incontinenti. Sabia quem era a tal sobrinha. Mas a presença de um médico o surpreendeu. Ao que parecia, Albinus estava sendo mais bem tratado do que se poderia supor.

“Talvez, afinal de contas, eu tenha feito papel de bobo, vindo até aqui”, pensou, constrangido, Paul. “Ele talvez esteja bastante satisfeito. Mas, agora que estou aqui... Bem, de qualquer modo, terei uma conversa com esse médico. Pobre sujeito... uma vida destroçada...”

Quem poderia imaginar. . .“

Aquela manhã, Margot descera até à aldeia em companhia de Emilia. Não notou o táxi de Paul; mas, no correio, foi informada de que um senhor corpulento acabara de perguntar por Albinus e rumado para o chalé.

Nesse momento, Albinus e Rex estavam sentados, um diante do outro, na sala de estar, e o sol penetrava através da vidraça da porta que dava para o terraço. Rex achava-se sentado num banquinho de lona, de dobrar. Estava completamente nu. Em consequência de seus banhos de sol diários, seu corpo, esguio mas robusto, os pêlos escuros do peito em forma de uma águia de asas distendidas, era intensamente bronzeado. Entre os lábios cheios e vermelhos, tinha uma longa haste de relva e, o rosto pousado sobre a mão (numa pose que se assemelhava um tanto ao Pensador de Rodin), fitava Albinus, que, por sua vez, parecia olhá-lo intensamente.

O cego vestia um amplo robe-de-chambre, cor de rato, e seu rosto barbudo exprimia angustiada tensão. Estava atento, a ouvir... Ultimamente, não fazia outra coisa senão ouvir.

Rex sabia disso e observava-lhe os pensamentos, à medida que estes se refletiam na fisionomia de Albinus, como se aquele rosto se houvesse transformado num único olho, quando os seus olhos se apagaram. Um ou dois pequenos testes poderiam tornar aquilo mais divertido: bateu, muito de leve, no joelho do cego, e Albinus, que acabara de levar a mão à testa contraída, ficou petrificado, o braço erguido. Depois Rex se inclinou lentamente para diante e tocou quase imperceptivelmente a testa de Albinus com o pedúnculo de relva que estivera a chupar. Albinus suspirou de modo estranho e afastou com a mão a mosca imaginária. Rex roçou-lhe os lábios e Albinus tornou a fazer aquele movimento inútil. Aquilo era divertido, sem dúvida!

De repente, o cego voltou abruptamente a cabeça para o lado. Rex fez o mesmo e, através da vidraça, viu um senhor corpulento, de boné axadrezado — cujo rosto reconheceu imediatamente — parado no terraço, a olhar, assombrado, para dentro.

Rex levou o dedo aos lábios e fez-lhe um sinal, significando que iria recebê-lo dentro de um momento. Mas o outro abriu a porta e entrou no quarto.

— Oh, eu o conheço, sem dúvida. O senhor se chama Rex — disse Paul, respirando profundamente e fitando aquele homem nu, que, ainda sorrindo, tinha o dedo posto sobre os lábios.

Entrementes, Albinus pusera-se de pé. O sinal avermelhado de sua cicatriz parecia ter-se estendido por toda a sua testa. De repente, começou a gritar e a falar confusamente — e só aos poucos as palavras se foram formando em meio de todos aqueles sons entrecortados.

— Paul, estou aqui sozinho — gritou Albinus. — Paul, diga-me que estou sozinho!

Aquele homem está nos Estados Unidos. Ele não está aqui, Paul. Imploro-lhe, Paul! Acho-me completamente cego!

— Foi uma pena o senhor ter estragado tudo — disse Rex, e saiu correndo em direção da escada.

Paul apanhou a bengala do cego, alcançou Rex, que se voltou e levantou os braços para proteger-se — e Paul, o pacífico e bem-humorado Paul, que jamais em sua vida atacara uma criatura viva, desferiu violenta bengalada na cabeça de Rex, acertando o alvo em cheio.

Rex saltou para trás, o rosto contraído ainda num sorriso, mas, de repente, algo extraordinário aconteceu: como Adão depois da Quêda, Rex, acovardado junto da branca parede, com um sorriso exangue nos lábios, cobriu com a mão a sua nudez.

Paul tomou a investir contra ele, mas Rex desviou-se e subiu correndo a escada.

Nesse momento, alguém caiu por trás sobre Paul Era Albinus — agarrando-se a ele, a choramingar, tendo na mão um pesa-papéis.

— Paul — gemeu ele. — Agora compreendo tudo, Paul. Dê-me o meu paletó, depressa. Está pendurado ali, no guarda-roupa.

— Qual deles?... O amarelo? — perguntou Paul, sem fôlego.

Albinus encontrou imediatamente no bolso o que desejava, e deixou de lastimar-se.

— Vou levá-lo já daqui — disse Paul, arquejante. — Dispa esse robe-de-chambre e vista o paletó. Dê-me esse pesa-papéis. Vamos. Eu o ajudarei... Tome o meu boné. Não importa que você esteja de chinelos. Vamo-nos daqui, vamo-nos daqui, Albert. Tenho aí um táxi à minha espera. A primeira coisa a fazer é tirar você desta câmara de tortura.

— Espere um momento — respondeu Albinus. — Preciso, primeiro, falar com ela.

Ela deve chegar dentro de um momento. Preciso, Paul. Não demorará.

Mas Paul o empurrou para o jardim e gritou para o chofer.

— Preciso falar com ela — repetiu Albinus. — Bem de perto. Pelo amor de Deus, Paul, diga-me... Quem sabe ela já está aqui...

— Não, acalme-se. Precisamos ir embora Não há ninguém aqui. Somente aquele patife nu, a espiar-nos da janela. Vamos, Albert! Vamos embora!

— Sim, vamos. Mas, se você a vir, avise-me. Talvez a encontremos no caminho.

Preciso falar com ela. Bem de perto, bem de perto.

Desceram pela aléia, mas, após alguns passos, Albinus, de repente, abriu os braços e caiu para trás, desmaiado. O chofer do táxi aproximou-se correndo e, ambos, carregaram Albinus para o carro. Um dos chinelos de Albinus ficou abandonado no jardim.

Nesse momento, um carro puxado a cavalo parou junto ao portão e Margot saltou.

Correu na direção deles e gritou algo, mas o táxi já havia chegado à estrada — e quase a atropelou ao dar marcha a ré; depois, avançou para a frente e desapareceu numa curva do caminho.

TRINTA E NOVE

Na Terça-feira Elisabeth recebeu um telegrama e, no dia seguinte, cerca das oito horas da noite, ouviu a voz de Paul no vestíbulo e o toque-toque de uma bengala. A porta abriu-se e Paul entrou, conduzindo o seu marido.

Albinus estava bem barbeado, usava óculos escuros e tinha uma cicatriz na testa pálida. A roupa de um marrom avermelhado (de uma cor que ele jamais teria escolhido) parecia um pouco larga para Albinus.

— Aqui está ele — disse Paul, em voz baixa.

Elisabeth pôs-se a soluçar, apertando o lenço de encontro à boca. Albinus fez uma ligeira curvatura

na direção dos soluços abafados.

— Venha comigo. Vamos lavar as mãos — disse Paul, conduzindo-o lentamente pela sala.

Depois, os três se sentaram à mesa e jantaram. Elisabeth tinha dificuldade em acostumar-se com o aspecto do marido. Tinha a impressão de que ele lhe sentia o olhar. A melancólica gravidade de seus gestos lentos enchiam-na de uma tranqüila e enlevada piedade.

Paul falava-lhe como se ele fosse uma criança, e cortou-lhe em pedacinhos o presunto no prato.

Deram-lhe o quarto que fora de Irma. Surpreendeu a própria Elisabeth o fato de ela achar tão fácil perturbar o sono sagrado daquele quartinho em benefício daquele estranho, grande e silencioso ocupante, mudando todos os móveis e objetos, de modo a adaptá-lo às necessidades do cego.

Albinus nada disse. A princípio — enquanto se encontrava ainda na Suíça suplicou a Paul, com petulante persistência, que pedisse a Margot para que o fosse ver; jurara-lhe que aquele último encontro não demoraria mais que um momento. (E, acaso, custaria muito, em sua solidão habitual, estender a mão, agarrá-la fortemente e despejar contra ela toda a carga de sua pistola automática?) Paul recusou-se obstinadamente a atendê-lo e, depois disso, Albinus nada mais disse. Viajou para Berlim em silêncio, chegou em silêncio permaneceu durante os três primeiros dias, de modo que Elisabeth não tomou a ouvir-lhe a voz (ou talvez a tenha ouvido apenas uma vez). Era como se, além de cego, também tivesse ficado mudo.

Aquele objeto negro e pesado, tesouro de sete mortes comprimidas, permanecia, envolto num cachênê de seda, no fundo do bolso de seu sobretudo. Depois, ao chegar, conseguiu transferi-lo para uma cômoda junto de sua cama. Guardava a chave no bolso do colete, colocando-a, à noite, debaixo do travesseiro. Uma ou duas vezes, notaram que ele apalpava ou segurava algo — mas ninguém fez comentário algum. O contacto daquela chave na palma de sua mão, o seu ligeiro peso em seu bolso, pareciam-lhe uma espécie de Sésamo que — que ele estava certo disso — lhe abriria algum dia a porta de sua cegueira.

E, no entanto, não dizia uma palavra. A presença de Elisabeth, seus passos leves, seus sussurros (ela agora sempre se dirigia às criadas e a Paul num sussurro, como se houvesse uma grande doença na casa), eram tão pálidos e vagos como a lembrança que ele tinha dela: uma lembrança quase muda a pairar indiferentemente em torno dele, em meio de um leve rastro de água de Colônia... eis tudo. A vida real, cruel, flexível e forte como uma sucuri — e que ele desejava destruir sem demora — jazia algures... Mas onde? Ele não o sabia. Com extraordinária nitidez, via mentalmente Margot e Rex — ambos vivos e alertas, membros ágeis e longos olhares radiantes e oblíquos — a fazer as malas após sua partida.

Margot a adular e a acariciar Rex em meio das malas abertas — e, depois, ambos partiram.

Mas para onde, onde? Nenhuma luz na escuridão. Mas o caminho sinuoso de ambos o queimava como a marca que uma taturana rastejante deixa na pele da gente.

Os dias silenciosos passaram. No quarto dia, de manhã, ainda cedo, aconteceu que Albinus ficou só. Paul fora à polícia (pois havia certas coisas que desejava elucidar), a criada estava num quarto dos fundos, e Elisabeth, que passara a noite em claro, ainda estava dormindo. Albinus, tomado de angustiosa inquietude, andava de um lado para outro, apalpando os móveis e as portas. Durante algum tempo, o telefone estivera a tocar na biblioteca, e isso fez com que lhe ocorresse que ali tinha, ao seu alcance, um meio de obter certas informações: alguém talvez pudesse dizer-lhe se o ilustrador Rex havia tornado a Berlim. Mas não conseguia lembrar-se de um único número de telefone e sabia, ademais, que não poderia pronunciar aquele nome, apesar de tão curto. O toque do telefone tornou-se cada vez mais insistente. Albinus dirigiu-se à mesa e apanhou o fone...

Uma voz, que lhe pareceu familiar, perguntou por Herr Hochenwart — isto é, por Paul.

— Ele saiu — respondeu Albinus.

A voz hesitou; depois exclamou, com vivacidade: — Oh, é senhor, Herr Albinus?

— Sim. Quem está falando?

— Schiffermiller. Acabo de ligar para o escritório de Herr Hochenwart, mas ele ainda não chegou. De modo que pensei que talvez pudesse encontrá-lo aí. Que sorte ter entrado em contacto com o senhor, Herr Albinus!

— De que se trata? — indagou Albinus.

— Bem, talvez tudo esteja em ordem, mas julguei que devia certificar-me. Acontece que Fräulein Peters acaba de chegar aqui, a fim de apanhar algumas coisas e... bem, deixei que ela entrasse em seu apartamento... Mas não sei se... De modo que achei melhor...

— Está bem — disse Albinus, movendo os lábios com dificuldade. (Não os sentia, como se estivessem sob efeito de cocaína).

— Que foi que disse, Herr Albinus?

Albinus fez grande esforço para readquirir a voz.

— Está bem — repetiu claramente, dependurando o fone com mão trêmula.

Voltou, às apalpadelas, para o quarto, abriu a cômoda sagrada e dirigiu-se, depois, ao vestíbulo, à procura do chapéu e da bengala. Mas isso demorou muito, e desistiu de apanhá-

los. Cautelosamente, com passos arrastados, apalpando as paredes, desceu as escadas, agarrando-se ao corrimão e murmurando febrilmente coisas para si mesmo. Instantes depois, estava na calçada. Algo frio pingou-lhe sobre a testa: chuva. Apoiou-se à grade de ferro do jardim da frente e rogou desesperadamente a Deus lhe permitisse ouvir a buzina de um táxi. Logo, ouviu o chiar molhado, lento, de pneumáticos. Gritou, mas o táxi passou, indiferente.

— Posso ajudá-lo a atravessar a rua? — perguntou-lhe uma voz jovem e agradável.

— Pelo amor de Deus, consiga-me um táxi — implorou Albinus.

Novamente o ruído de pneumáticos que se aproximavam. Alguém o ajudou a subir ao veículo e fechou a porta. (Uma janela se abriu no quarto andar, mas já era demasiado tarde).

— Toque para a frente, toque para a frente — disse Albinus em voz baixa e, quando o táxi já se achava em movimento, bateu no vidro e deu ao chofer o endereço.

“Contarei as esquinas”, pensou Albinus. “A primeira: esta deve ser Motzstrasse”.

Ouviu, à sua esquerda, o ruído estridente de um bonde. Passou a mão pelo assento, pelo banco da frente e pelo chão, subitamente inquieto ante a idéia de que alguém talvez pudesse estar sentado a seu lado. Outra volta Será Victória-Luisenplatz ou Pragerplatz? Dentro de um momento, estaria em Kaiserallee.

O táxi parou. Será que já cheguei? Não pode ser. Deve ser apenas uma esquina, com o sinal fechado. Deve haver pelo menos mais uns cinco minutos de caminho... Mas a porta se abriu.

— Este é o número 56 — disse-lhe o chofer.

Albinus desceu do táxi. No ar, diante dele, ergueu-se alegremente a mesma voz que ouvira pouco antes pelo telefone. Schiffermiller, o porteiro, saudou-o: — Muito prazer em tornar a vê-lo, Herr Albinus. A jovem senhora está lá em cima, em seu apartamento. Ela...

— Silêncio, silêncio — murmurou Albinus. — Pague o táxi, por favor. Meus olhos...

Bateu com os joelhos de encontro a algo que oscilou e retiniu... talvez alguma bicicleta de criança que estivesse sobre a calçada.

— Dê-me a chave do apartamento. Depressa, por favor. E, agora, conduza-me até o elevador. Não, não; pode ficar aqui. Eu subirei sozinho. Eu mesmo apertarei o botão.

O elevador produziu um som que se assemelhava a um gemido, e ele sentiu-se um pouco tonto. Depois, a porta pareceu dar um repelão de encontro às solas de seus chinelos de feltro. Tinha chegado.

Saiu do elevador, caminhou reto e pôs um pé num abismo... Não, não era nada — apenas a escada que

conduzia para baixo. Tremia tanto, que teve de ficar parado um momento.

— É para a direita, mais para a direita — murmurou de si para consigo.

E, com o braço estendido, atravessou o patamar. Por fim, encontrou o buraco da fechadura, enfiou a chave e girou-a.

Ah, ali estava ele, o som por que ansiara havia dias... bem à esquerda, na pequena sala de estar. o ruído de papel de embrulho e um estalido quase imperceptível, como o que é produzido pelas juntas de uma pessoa que se abaixa.

— Dentro de um minuto, precisarei do senhor, Herr Schiffermiller — disse a voz tensa de Margot. — Precisa ajudar-me a carregar isto...

A voz cessou.

“Ela me viu”, pensou Albinus, tirando a pistola do bolso.

Vindo da sala de estar, à esquerda, Me ouviu o estalido de um fecho de valise. Margot lançou um resmungo de satisfação... Aquilo, afinal, havia fechado... E continuou, num tom cantante: — ... a carregar isto para baixo. Ou talvez o senhor pudesse vir...

À palavra “vir”, a voz pareceu voltar-se para o seu lado — e calou-se subitamente.

Albinus empunhava a pistola com a mão direita, pronto para atirar, enquanto que, com a esquerda, apalpava o marco da porta aberta. Depois entrou, fecho a porta atrás de si e ficou com as costas voltadas para ela.

Tudo permanecia em silêncio. Mas Albinus sabia que estava a sós com Margot naquela sala, e que aquela sala tinha apenas uma saída — a porta que ele estava bloqueando.

Podia ver mentalmente a sala com nitidez — quase como se a enxergasse com seus próprios olhos: à esquerda, o sofá listrado junto à parede, uma estatueta de porcelana representando uma bailarina de ballet; no canto, junto à janela, o armário de vidro com suas preciosas miniaturas; ao centro, outra mesa grande, muito lisa e brilhante.

Albinus estendeu o braço e moveu lentamente a arma de um lado para outro, procurando induzir Margot a fazer algum ruído, que trairia a posição exata em que ela se encontrava. Sentia que ela estava em algum lugar perto das miniaturas; vindo daquela direção, ele podia sentir uma onda quase imperceptível de calor, misturada a um perfume chamado L'heure bleue. Naquele canto, algo tremia como o ar sobre a areia de uma praia, num dia muito quente. Diminuiu a curva ao longo da qual sua mão girava e, de repente, ouviu um leve farfalhar. Devia atirar? Não; ainda não. Precisava aproximar-se muito mais dela. Bateu de encontro à mesa do centro e ficou imóvel. Sentiu que Margot passava furtivamente para outro lado, mas o seu próprio corpo, embora bastante rígido, fazia tanto barulho que ele não podia ouvi-la. Sim, agora ela estava mais para a esquerda, perto da janela.

Oh, se ela perdesse a cabeça, abrisse a janela e se pusesse a gritar, isso seria divino: ele teria um belo alvo. Mas, e se ela passasse por ele, por trás da mesa, enquanto ele avançasse?

“Melhor fechar a porta”, pensou. Não, não havia chave (as portas estavam sempre contra ele). Agarrou a beira da mesa com uma das mãos e, recuando, puxou-a para junto da porta, de modo que a mesa ficasse atrás dele. Novamente o calor que ele percebia mudou de lugar, encolheu, diminuiu. Tendo bloqueado a saída, sentia-se de novo mais livre e, de novo, com o cano da pistola, localizou algo trêmulo, vivo, em meio da escuridão.

Avançou, então, o mais silenciosamente possível, a fim de que pudesse perceber qualquer ruído. Nudez de cego, nudez de cego... numa casa campestre, numa noite de inverno, havia muito, muito tempo. Foi de encontro a algo duro, que apalpou com a mão, sem perder, por um momento sequer, a direção para a qual se achava voltado, tenso. Era uma pequena mala. Afastou-a com o joelho e prosseguiu, conduzindo para um canto imaginário a presa invisível que tinha diante de si. O silêncio de Margot, a princípio, irritou-o; mas, agora, podia perceber claramente onde ela se encontrava. Não era a respiração nem o bater do coração de Margot, mas uma espécie de impressão geral: a voz da própria vida de Margot, que,

dentro de um minuto, ele destruiria. E, depois... paz, serenidade, luz.

Súbito, sentiu um afrouxamento de tensão, no canto que tinha à sua frente. Moveu a arma, e obrigou a cálida presença de Margot a que recuasse de novo. De repente, aquela presença pareceu inclinar-se como uma chama numa corrente de ar; depois, rastejou, distendeu-se... ia se aproximando de suas pernas. Albinus não pôde mais dominar-se; com violento gemido, apertou o gatilho.

O tiro fendeu a escuridão e, logo em seguida, algo lhe bateu de encontro aos joelhos, fazendo-o cair; durante um segundo, viu-se embaraçado por uma cadeira lançada contra ele.

Ao cair, largou a pistola, mas tornou logo a encontrá-la. No mesmo instante, percebeu uma respiração rápida, um vago e doce perfume chegou-lhe às narinas, e uma mão fria, ágil, procurou arrancar-lhe a arma. Albinus agarrou algo vivo, algo que lançou um grito tremendo, como se uma criatura de pesadelo estivesse sendo tocada por outra criatura de pesadelo. A mão que ele estava agarrando lhe torceu o pulso e arrancou-lhe a pistola — e ele sentiu o cano de encontro ao próprio corpo; e, juntamente com uma fraca detonação, que parecia vir de milhas de distância, de um outro mundo, sentiu uma dor dilacerante em seu flanco, que lhe encheu os olhos de deslumbrante claridade.

“Então isto é o fim”, pensou, muito suavemente, como se estivesse deitado em sua cama. “Devo ficar quieto um momento e, depois, caminhar muito devagar por essa praia cintilante de sofrimento, em direção daquela onda azul, azul. Que bem-aventurança há no azul! Nunca pensei que o azul pudesse ser assim tão azul! Que trapalhada foi a minha vida!

Agora, conheço tudo. Aproxima-se, aproxima-se para afogar-me... Aí está ela... Como dói!

Não posso respirar.. .“

Sentou-se no chão, a cabeça caída sobre o peito; depois, inclinou-se lentamente para a frente e caiu como um boneco — um grande e macio boneco — para o lado.

Instruções para a cena final, muda: porta — escancarada. Mesa — atirada para o lado. Tapete — um tanto levantado junto ao pé da mesa, numa ondulação gelada. Cadeira — caída junto do cadáver de um homem de roupa marrom-avermelhada e chinelos de feltro.

Invisível a pistola automática. Acha-se sob o cadáver. Armário onde tinham estado as miniaturas — vazio. Sobre a outra mesa (pequena), na qual, séculos atrás, havia uma estatueta de porcelana representando uma bailarina de ballet (transferida depois para uma outra sala), jaz uma luva de mulher, negra por fora, branca por dentro. Sobre o sofá listrado, uma pequena mala, com um rótulo vistoso ainda colado: “Rouginard, Hotel Britannia”.

A porta do vestíbulo, que dá para o corredor, também se acha escancarada.

FIM